



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**JULIANA CAMPOS MALTEZ**

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO UNIVERSO  
FUTEBOLÍSTICO: UM ESTUDO SOBRE A TORCIDA  
ORGANIZADA**

Salvador  
2014

**JULIANA CAMPOS MALTEZ**

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO UNIVERSO  
FUTEBOLÍSTICO: UM ESTUDO SOBRE A TORCIDA  
ORGANIZADA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes Machado

Salvador  
2014

**JULIANA CAMPOS MALTEZ**

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO UNIVERSO FUTEBOLÍSTICO:  
UM ESTUDO SOBRE A TORCIDA ORGANIZADA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

**Banca Examinadora**

Eduardo Paes Machado – Orientador \_\_\_\_\_  
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.  
Universidade Federal da Bahia

Ceci Vilar Noronha \_\_\_\_\_  
Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia.  
Universidade Federal da Bahia

Elena Calvo Gonzalez \_\_\_\_\_  
Doutora em Antropologia Social pela University of Manchester .  
Universidade Federal da Bahia

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família pelo amor, afeto, suporte e apoio incondicional nas minhas escolhas. Especialmente, a meus pais, Kátia e Raymundo, os principais responsáveis por eu ter chegado até aqui.

A Elton, por seu companheirismo, por sua cumplicidade e pela paciência infinita para aturar tantas idas ao Barradão e eternos papos sobre torcida organizada e futebol.

À Ceci Vilar, todos os valiosos ensinamentos desde o período da iniciação científica, a confiança, a atenção, o carinho, o exemplo, por partilhar toda sua sabedoria e conhecimento.

A Eduardo Paes Machado, os ensinamentos, o apoio, o incentivo e a confiança, por ter sido o primeiro a acreditar e acompanhar o meu trabalho, por ter me encorajado a seguir em frente, desde o início do curso.

Aos amigos da vida, que tanto me incentivaram, cada um a sua maneira, e estiveram intensamente na minha “torcida”, divertindo meus dias nos intervalos entre um capítulo e outro. Especialmente a Luanda Naiade, pessoa rara, que com todo seu carinho e energia positiva sempre esteve disposta a me tranquilizar, proporcionando momentos especiais e de muitas risadas no período de agonia do TCC e na rotina de São Lázaro. À Érica Fonseca, as dicas, a ajuda, o apoio e a parceria de longas datas. Às “magníficas” Pati, Miloca e Mile, a amizade de todas as horas, os momentos únicos, dentro e fora do espaço acadêmico, ainda que não tenhamos ficado todas juntas até o final do curso.

Aos colegas, amigos do curso e também as companheiras de pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva. De maneira especial a Andrija, pessoa querida, que, com sua inteligência e ensinamentos, teve uma grande importância na minha formação como pesquisadora.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, notadamente a Gabriela Hita, pela contribuição no desenvolvimento do projeto de pesquisa e Elena Gonzalez.

Às agradáveis torcedoras que participaram da pesquisa, a confiança e o tempo cedido para a realização das entrevistas em meio à correria do cotidiano e a todos os amigos rubro-negros.

## RESUMO

O estudo busca compreender a participação feminina no universo da torcida organizada, bem como refletir acerca da inserção das mulheres, enquanto torcedoras organizadas e “comuns”, no espaço futebolístico. A pesquisa pretende contribuir para uma melhor compreensão do papel feminino no ambiente do futebol, considerado amplamente masculinizado. Partindo de uma metodologia qualitativa, adotou-se as seguintes estratégias de coleta de dados: a) observações de campo no Estádio Manoel Barradas, em Salvador-BA, incluindo os arredores do estádio e o espaço ocupado pela Torcida Uniformizada Os Imbatíveis dentro do mesmo; b) realização e transcrição de entrevistas com torcedoras organizadas e comuns; c) consulta a site/blogs e redes sociais com matérias relativas a futebol. Observou-se que o estádio de futebol e o universo da torcida organizada são locais de constituição, reprodução e afirmação das masculinidades, ao passo que há uma negação e rejeição de parte dos atributos considerados femininos. As expressões associadas à figura feminina e homossexual, quase sempre, têm caráter de ofensa e visam à desqualificação do outro. A presença feminina no âmbito futebolístico ainda é cercada por uma série de estereótipos (“maria-chuteiras”, “mulher não entende de futebol”, “mulher-macho”), o que acaba gerando obstáculos para a participação das mulheres. Muitos atributos e atitudes tomadas pelas torcedoras organizadas, inclusive, o fato de dedicar grande parte da vida ao futebol e recriar sua identidade na relação com o clube, caminha na direção oposta do que foi (ou ainda é) incentivado para as mulheres na sociedade brasileira. Neste sentido, as torcedoras acabam por transgredir o que convencionalmente se considerou como adequado para o seu gênero. Estas contradizem noções de feminilidades ainda vistas como ideais e contribuem para reconfigurar as representações do que é feminino e masculino. Entretanto, não se pode perder de vista que, em algumas situações, muitas delas aderem ao padrão de masculinidade hegemônico, reforçando estereótipos e preconceitos em relação às mulheres, expressos em cânticos, piadas e termos pejorativos já naturalizados na esfera futebolística.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; futebol; torcida organizada; machismo; agressividade

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Presença feminina nas arquibancadas em um jogo entre os clubes do Bahiano de Tênis e Vitória, em 1926.....	17
<b>Figura 2:</b> Torcedores preparam festa para comemorar o aniversário do Estádio Manoel Barradas.....	31
<b>Figura 3:</b> Símbolo da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis.....	46
<b>Figura 4:</b> Símbolo do Comando Feminino da TUI.....	46
<b>Figura 5:</b> Faixa da TUI de cabeça para baixo como forma de protesto.....	47
<b>Figura 6:</b> Bandeiras unidas representando a aliança entre a TUI e a Torcida Jovem do Sport em Recife.....	50
<b>Figura 7:</b> Festa da TUI na arquibancada do Barradão.....	51
<b>Figura 8:</b> Festa da TUI nas arquibancadas do Barradão.....	51
<b>Figura 9:</b> Montagem compartilhada por torcedores em ambientes virtuais como forma de gozação.....	56
<b>Figura 10:</b> Figura utilizada por torcedores do Sport, mas que foi reapropriada pela torcida do Vitória quando o time ganhou do Náutico, uma vez que ambos possuem o Leão como mascote.....	56
<b>Figura 11:</b> Fotos que aparecem no buscador Google ao colocar as palavras “mulher” e “futebol”.....	68
<b>Figura 12:</b> Cartões de associados do Esporte Clube Vitória do sexo masculino e feminino.....	70
<b>Figura 13:</b> Montagem feita por torcedores com intuito de desqualificar a torcida rival.....	72
<b>Figura 14:</b> Tatuagem de uma integrante da TUI.....	81
<b>Figura 15:</b> Tatuagem de uma integrante da TUI.....	82
<b>Figura 16:</b> Tatuagem de uma integrante da TUI.....	82
<b>Figura 17:</b> Campanha de torcedores buscando valorizar os times nordestinos.....	94

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Perfil das torcedoras organizadas.....	29
<b>Quadro 2:</b> Perfil das torcedoras comuns.....	30

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1 REVISÃO TEÓRICA.....</b>	<b>4</b>
1.1 Futebol e sociedade.....	4
1.2 Relações de gênero e sociedade.....	7
1.3 Futebol, torcida e Masculinidades.....	9
1.4 Mulher e futebol no Brasil.....	16
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
2.1 Trabalho de campo.....	21
2.2 Organização e análise.....	25
2.3 Perfil das entrevistadas.....	27
<b>3 IDAS AO ESTÁDIO DE FUTEBOL: DO PRAZER AOS RISCOS.....</b>	<b>31</b>
<b>4 A TORCIDA ORGANIZADA.....</b>	<b>40</b>
4.1 Organização.....	40
4.2 Símbolos e Características.....	44
4.3 Os espaços.....	48
<b>5 EXPRESSÕES, GRITOS DE GUERRA E AGRESSÕES VERBAIS: A LINGUAGEM DA TORCIDA.....</b>	<b>53</b>
5.1 Expressões pejorativas e palavrões.....	54
5.2 Cânticos e gritos de guerra.....	59
5.3 Agressões verbais direcionadas às torcedoras.....	63
<b>6 INSERÇÃO DAS TORCEDORAS NO ESPAÇO FUTEBOLÍSTICO.....</b>	<b>68</b>
6.1 Mulher e futebol nas mídias.....	68
6.2 Marias-chuteiras ou Evas.....	72
6.3 Torcedoras fiéis.....	75
<b>7 PARTICIPAÇÃO FEMININA NA TORCIDA UNIFORMIZADA OS IMBATÍVEIS.....</b>	<b>79</b>
7.1 Motivações para adentrar a organização.....	79
7.2 Representação do time e da torcida organizada.....	80
7.3 Obstáculos: os rótulos e a família.....	83
7.4 Funções, cargos e caravanas.....	85
7.5 Rivalidades.....	88
7.6 A torcida e os veículos midiáticos.....	92
7.7 A torcida e os policiais.....	94
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

Considerado um desporto predominantemente masculino, o futebol brasileiro, ainda hoje, leva consigo as características marcantes de um esporte que foi construído “por e para” homens. Ou seja, os estádios são apontados como locais de construção e reprodução das masculinidades.

Colocado, por muito tempo, na lista dos espaços em que as mulheres não eram socialmente aceitas sem questionamentos e resistência, o futebol, ainda é, imbuído de concepções machistas e a compreensão da participação feminina neste universo perpassa por uma série de questões relacionadas ao gênero. Em outras palavras, as relações de gênero são importantes para pensar o lugar das mulheres, enquanto torcedoras, em uma esfera considerada amplamente masculinizada e, que por muito tempo, elas não foram estimuladas a adentrar.

No caso do futebol, esse território que em muitos países e durante tanto tempo foi compreendido como exclusivo para homens, temos um local privilegiado para observarmos os limites dos critérios que classificam nossas idéias em torno do que entendemos por feminino e masculino. A estreita conexão estabelecida entre futebol e masculinidade é um dos principais motes a partir do qual é derivada uma série de representações em torno do futebol brasileiro. (COSTA, 2007, p.20)

Entretanto, contrariando a visão de que “futebol é coisa de e para homem”, observa-se que “a mulher como-ser-que-torce vem se configurando um perfil feminino cada vez mais comum” (COSTA, 2006, p.1), isto é, observa-se que o público feminino vem crescendo e ganhando amplitude, inclusive nas torcidas organizadas, agrupamentos que possuem papel relevante no cenário do futebol brasileiro.

Diversos estudiosos (Toledo, 1996; Hansen, 2007; Reis, 1998; Pimenta, 2000; Teixeira, 2006; Murad, 2007) já abordam o fenômeno das torcidas organizadas no Brasil. O foco central de muitas destas pesquisas é a violência entre tais agrupamentos, bem como as práticas, características e formas de sociabilidade dos seus integrantes.

Parte das abordagens sobre as torcidas de futebol do país dão destaque e enfoque maior à relação dos homens com esse esporte, por isso, são poucos os trabalhos acadêmicos que procuram compreender a mulher enquanto torcedora (Costa, 2006; Campos, 2010) e menor ainda é a quantidade de estudos que focam exclusivamente no papel feminino nas torcidas organizadas (Menegotto, 2011).

Diante deste quadro e das lacunas que o cercam, esta pesquisa surge da necessidade de entender a participação das mulheres, enquanto torcedoras, no esporte mais popular do Brasil. A escolha do tema originou-se das experiências e frequência da pesquisadora nos estádios de futebol, na condição de torcedora comum, e o despertar para as questões de gênero, discutidas durante os dois anos de pesquisa como bolsista de iniciação científica em projetos sobre violência sexual infanto-juvenil.<sup>1</sup>

Portanto, o objetivo geral deste estudo é analisar a participação feminina na Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, do Esporte Clube Vitória, em Salvador-BA, bem como visa compreender a inserção das torcedoras organizadas e “comuns” no ambiente futebolístico, tido como amplamente masculinizado. Para atingir o objetivo central, o ponto de partida foram os seguintes objetivos específicos: a) buscar identificar alguns dos aspectos que caracterizam o estádio de futebol e a torcida organizada como espaços de reprodução das masculinidades; b) analisar os motivos que levaram as torcedoras a adentrarem a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis e os papéis que elas desempenham dentro da mesma; c) compreender o comportamento, visões e relacionamentos estabelecidos pelas integrantes da organização, bem como as características que as distinguem das demais torcedoras comuns; d) identificar se houveram e, quais foram, os obstáculos encontrados pelas torcedoras em geral para se inserirem no universo futebolístico, incluindo o estádio e a torcida organizada.

---

1. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/FAPESB no período de 2010-2011 no projeto: “Violência sexual contra crianças e adolescentes: um estudo sobre a responsabilização dos agressores em Salvador-Bahia” e PIBIC/CNPq entre 2011-2012 na pesquisa: “Da pornografia à violência sexual: Um estudo sobre exposição, riscos e danos ao segmento infanto-juvenil na sociedade contemporânea”. Ambos sob coordenação e orientação da Prof. Dra. Ceci Vilar.

Partindo de uma metodologia qualitativa, a pesquisa adotou como estratégia de coleta de dados: a) observações de campo no Estádio Manoel Barradas e arredores; b) entrevistas semiestruturadas com torcedoras organizadas e comuns; c) consulta a sites, blogs, comunidades virtuais e redes sociais da torcida organizada e torcedores em geral.

O trabalho está estruturado em sete seções. Na primeira, apresenta-se a revisão bibliográfica e os fundamentos teóricos relativos à temática em questão. Na segunda seção, descreve-se com mais detalhes os aspectos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, incluindo as estratégias de coleta e análise de dados.

No terceiro capítulo analisa-se com mais minúcia o cenário escolhido para a pesquisa: o estádio de futebol. Aborda-se os acontecimentos e o comportamento da torcida em geral dentro do mesmo, a relação das mulheres entrevistadas com esse espaço e vivências e experiências compartilhadas por elas e pela pesquisadora dentro dele. O quarto capítulo, por sua vez, traz considerações acerca da torcida organizada escolhida, incluindo sua organização, símbolos e características.

Na quinta seção discute-se a fala e a linguagem utilizada pela torcida e os seus significados, o que inclui os xingamentos, expressões pejorativas, cânticos e gritos de guerra, bem como as agressões verbais direcionadas às pesquisadas.

A sexta seção foca mais especificamente na inserção feminina no espaço das arquibancadas e do futebol, incluindo o debate sobre os estereótipos que cercam a presença das mulheres no futebol e os obstáculos enfrentados pelas mesmas para adquirir status enquanto torcedoras.

A sétima seção trata da participação das mulheres na Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, buscando abordar as especificidades e diferenciações que marcam a entrada neste tipo de sociabilidade, ou seja, buscará abordar as características distintivas das torcedoras organizadas.

## 1. REVISÃO TEÓRICA

### 1.1 Futebol e sociedade

Oriundo da Inglaterra, o futebol se difundiu de forma notável no Brasil, passando a ser considerado o esporte mais popular do país ou “a paixão nacional”. Pode-se entender o futebol como um fenômeno social, ou seja, sua análise vai além dos aspectos técnicos do jogo (DAÓLIO, 1992). Neste sentido, são múltiplas as funções sociais deste esporte como se nota no trecho abaixo:

Sabe-se que o futebol no Brasil, mas também em diversos países, apresenta-se como um fenômeno predominantemente urbano, ditado pela competição esportiva, porém impregnado de um sentimento lúdico, do âmbito da festa e do entretenimento. Mas também vivenciado cotidianamente, muitas vezes, consubstanciado em um comportamento transgressor, desordem nas ruas, ainda, despertando interesses políticos variados, potencializando diferenças. Inscreve-se na cidade, através do futebol e de suas torcidas, uma variada gama de emoções, preferências clubísticas, adesão a grupos. Que traduzem no nível social determinadas regras, padrões de comportamentos, que transcendem os limites das partidas e jogos em si. (TOLEDO, 1996, p. 12)

Daólio (1998) apresenta alguns exemplos que comprovam a expressão e popularidade do futebol no Brasil. Primeiramente ele aponta para a alta capacidade dos estádios e o grande público de espectadores nos jogos. “Um dado da grandeza dos números do futebol brasileiro é a afirmação constante de que um estádio com 10.000 pessoas estaria vazio. Ora, em qual outro esporte um contingente de torcedores como este seria considerado pequeno?” (DAÓLIO, 1998, p.4). Outro ponto que o autor destaca é a incorporação pela sociedade brasileira de gírias e expressões originados do universo futebolístico, como por exemplo, “pisar na bola”, “dar um chute”, “bater na trave”, amplamente utilizadas no cotidiano dos brasileiros, mesmo por aqueles que não são torcedores. Outro exemplo dado por Daólio (1998) é a fidelidade dos torcedores aos seus respectivos times, ou seja, independente da situação do clube, um torcedor “de verdade” não muda de time. “No Brasil, essa fidelidade vem desde o dia do nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol para o qual vai torcer a vida toda” (DAÓLIO, 1998, p. 4).

No Brasil, os torcedores são convocados a participar ativamente dos espetáculos futebolísticos, sendo vistos como agentes fundamentais na definição dos resultados das partidas, ou seja, é como se os torcedores estivessem envolvidos com o placar dos jogos e lutando juntamente com os jogadores em campo (BANDEIRA, 2009).

É raro o torcedor que diz: "Meu time joga hoje". Sempre diz: "Nós jogamos hoje". Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música. (GALEANO, 2004 p. 20)

Conforme Damatta (1982), o futebol é um veículo para dramatizações de problemas relevantes, ou seja, o estudo do futebol brasileiro é uma possibilidade de entender e por em foco os dilemas sociais brasileiros, que também se manifesta no esporte. Vale destacar que o que o autor apresenta como “um dos pressupostos básicos da ideia de drama social é que uma sociedade sempre se reproduz a si mesma em quaisquer domínios sociais que institui em seu meio” (DAMATTA, 1982, p. 55). Neste sentido, “o futebol praticado, vivido e teorizado no Brasil seria um modo específico – entre outros- pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 55).

Parte integrante da cultura brasileira, o futebol é também um espaço onde os sujeitos sociais podem vivenciar, dramatizar e atualizar emoções (paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza) (DAÓLIO, 1992). Esta gama de emoções que um torcedor experimenta em um estádio pode ser associada àquelas que ele sente no dia-a-dia.

Para o torcedor, o seu time perder de goleada é uma vivência de humilhação; o momento do gol pode ser associado ao gozo, ao sentimento do prazer; o nosso goleiro “comer um frango” nos faz sentir vergonha; marcar um gol aos 46 minutos do segundo tempo nos faz acreditar em Deus e reavivar nosso sentimento religioso; ganhar de virada tem sabor de vingança; sentimos ódio de um juiz quando atribuímos a ele a derrota do nosso time (DAÓLIO, 1992, p. 60).

Por outro lado, o futebol também autoriza expressões e comportamentos que só são possíveis no seu contexto, em outras palavras, há uma série de atitudes típicas dos torcedores de futebol que ficariam completamente descontextualizadas se fossem tomadas fora de um estádio de futebol, por exemplo (DAÓLIO, 1992):

As expressões verbais e os xingamentos que os torcedores manifestam nos estádios são considerados deselegantes e abusivos na vida cotidiana. O contraste entre o que se permite falar nos estádios e fora deles é ainda maior quando se trata de mulheres que têm a cumprir na sociedade um papel de delicadeza e boas maneiras (DAÓLIO, 1992, p. 60).

As expressões pejorativas utilizadas no futebol, por exemplo, colocam em evidência as “diferenciações sociais entre as classes, a oposição e os papéis desempenhados e atribuídos aos sexos (futebol é pra homem), as fissuras entre público e privado, as relações de poder ( tudo quanto é "cartola" é ladrão)” (TOLEDO, 1993, p. 23). Os padrões de comportamento verbal dos torcedores nos estádios de futebol:

[...] reportam-se, como frisamos, de maneira dramática e ritual, sempre aos temas e características da sociedade brasileira: representação de uma certa proeminência da condição masculina, códigos de sexualidade, relações de mando e obediência, estereótipos sociais, hierarquias, desigualdades, etc. (TOLEDO, 1993, p.27)

Por tanto, tomando como base este referencial teórico entende-se o futebol como uma forma da sociedade brasileira se expressar não é possível compreender as manifestações dentro deste universo, seja das torcidas, jogadores, dirigentes ou jornalistas, de forma desvinculada de todas as outras questões nacionais (DAÓLIO, 1998). “O futebol não está em oposição à sociedade brasileira, mas junto dela, expressando-a e renovando-a, talvez mostrando algumas facetas que nós temos dificuldade de enfrentar e gostaríamos de esconder” (DAÓLIO, 1998, p.5).

Sendo assim, o futebol vai além de um esporte profissional de alto rendimento, como metáfora da sociedade, ele sintetiza as “múltiplas determinações objetivas e subjetivas – emocionais, existências, culturais, sociais e históricas.” (MURAD, 2007, p. 17) Amplamente praticado e apreciado pela população brasileira, o futebol é capaz de encenar: “um ritual coletivo de intensa densidade dramática e cultural, pleno de conexões múltiplas e reveladoras com as realidades circundantes” (MURAD, 2007, p. 20).

## 1.2 Relações de gênero e sociedade

Antes mesmo de uma criança nascer já se costuma dizer, a partir da descoberta do seu sexo, que se trata de um menino ou uma menina, ou seja, despeja-se sobre o indivíduo, antes mesmo de seu nascimento, uma série de expectativas e valores que estejam de acordo com o seu sexo biológico.

Incentivados pela sociedade a se enquadrar em uma identidade de gênero masculina ou feminina tida como “normal”, os sujeitos serão tratados e socializados distintamente desde a mais tenra infância. Para que tal processo se efetive as mais diversas instâncias e instituições sociais entram em campo: família, escola, mídia, religião, lei (LOURO, 2000).

Em um dos modelos tradicionais de feminilidade na nossa cultura, espera-se que as meninas “tenham modos”, sejam comportadas, meigas, dóceis, vaidosas, “sentem de pernas fechadas”, não façam uso de palavrões, usem rosa/lilás e participem de brincadeiras que estimulem, precocemente, o seu “instinto maternal” e o gosto para os afazeres domésticos, a exemplo das brincadeiras de “mamãe e filho”, “comidinha”, entre outras. O contrário é esperado e incentivado para os meninos. Vistos como diferentes, meninos e meninas serão moldados de formas opostas – azul para eles, rosa para elas, bola para eles, bonecas para elas, futebol para eles, balé para elas – o que reforça “nas crianças os comportamentos, atitudes e modos de ser e entender o mundo que mais se identificam com o que é culturalmente tido como mais apropriado ao seu sexo” (SANDENBERG; MACEDO, 2008, p.9). No que diz respeito aos aspectos lúdicos da infância, nota-se com as diferenças entre os gêneros vão sendo construídas:

Assim como brincar de boneca é uma forma de experimentar se no papel de mãe, jogar futebol é uma forma de aprender a ser homem, embora jamais tenha ouvido quem quer que seja expressar isso aberta e publicamente, possivelmente porque essas categorias estão naturalizadas em nossas representações ordinárias. (DAMO, 2006, p. 3-4,)

O fato é que a sociedade cobra a todo instante e, muitas vezes, de forma dura, dos seus membros uma série de atitudes e atributos que sejam adequados para o seu

sexo. As representações sociais associadas a determinado sexo, em determinada cultura, é considerado papel de gênero e os sujeitos devem, a partir dessa lógica, “encenar” aquele que lhes é imposto. Tais papéis variam de acordo com as culturas, momentos históricos e também no interior de uma dada sociedade, levando em consideração os vários grupos que a compõem (GROSSI, 1998). Portanto, “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (LOURO, 1997, p. 21). Conforme Hita (1998,p. 127), a diferença dos sexos é construída na relação efetiva das mulheres e dos homens.

O gênero é uma categoria utilizada para pensar as relações sociais, historicamente determinadas, entre homens e mulheres. Tais relações são expressas nos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual, isto é, o gênero remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (papéis de gênero) (GROSSI, 1998). “Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais” (SCOTT, 1998, p. 15 *apud* GROSSI, 1998 p. 5). O que inclui o âmbito esportivo e de lazer de uma dada sociedade. Os vários espaços formadores de um agrupamento social são atravessados por uma série de representações do que é feminino/masculino e contribuem para a reprodução e resignificação das concepções de gênero. O uso de tal conceito:

[...] rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1995, p.75 ).

O discurso social e construído sobre as diferenças entre homens e mulheres produz desigualdades e hierarquias, sendo as relações de gênero, em última instância, relações de poder e, por tanto, fluidas e mutáveis. Frisa-se que as mulheres não são desprovidas de poder em relação aos homens, entretanto o poder das mesmas nem sempre é legitimado. (SANDENBERG; MACEDO, 2008). Vale destacar também que

o “gênero possibilita pensarmos como os recortes de classe, raça/etnia e idade/geração permeiam as vivências de ‘gênero’, de sorte a construírem experiências femininas e masculinas bastante distintas” (SANDENBERG; MACEDO, 2008, p. 5-6).

Outro ponto a ser destacado é o fato de que nas relações de gênero as construções de masculinidades estão relacionadas com a produção de feminilidades, ou seja, o polo masculino contém o feminino e vice-versa. Conforme Louro (1997), cada polo não deve ser visto como uno, mas múltiplo, plural, internamente fragmentando e dividido. Então, não existe, por exemplo, “uma mulher”, mas várias e diferentes mulheres que não são iguais entre si, o mesmo ocorre com os homens. Reconhecer este fato e desconstruir a oposição binária masculino/feminino abre o leque para a inclusão e reflexão das diversas formas de “ser homem” ou “ser mulher”, das várias maneiras de vivenciar as feminilidades e masculinidades (LOURO, 1997). Portanto, o termo "gênero" é também utilizado "para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro" (SCOTT, 1995, p. 75).

### **1.3 Futebol, torcida e Masculinidades**

Connel (1995. p.188) entende por masculinidade uma “[...] configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade.” Fala-se, portanto, em masculinidades. O autor destaca dois aspectos relevantes para pensar a masculinidade. Primeiramente, aponta-se que diversas formas de masculinidades podem ser produzidas em um mesmo contexto social e as relações de gênero incluem relação entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma forma de masculinidade tida como hegemônica possui outras tantas masculinidades agrupadas ao seu redor. O segundo ponto destacado pelo autor é o fato de que qualquer forma de masculinidade é internamente complexa e até mesmo contraditória, ou seja, tal compreensão enfatiza a existência da feminilidade dentro da personalidade dos homens e da masculinidade dentro da personalidade das mulheres.

O fato da contradição faz com que seja essencial ter uma definição de masculinidade que não equacione gênero simplesmente com uma categoria de pessoas. Se “masculinidade” significasse simplesmente as características dos homens, não poderíamos falar da feminilidade nos homens ou da masculinidade nas mulheres (exceto como desvio) e deixaríamos de compreender a dinâmica do gênero. O gênero é sempre uma estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias (CONNEL, 1995, p.189).

O desporto é, historicamente, uma das mais importantes áreas de reservas masculinas, e por isso contribui para o funcionamento de estruturas patriarcais, possuindo papel na conservação de uma hegemonia masculina (ELIAS; DUNNING, 1992). O esporte moderno “representa para uma maioria de homens o principal local de ensino, de preservação e expressão pública das normas tradicionais da masculinidade” (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 345). Ou seja, muitos homens avistam em determinadas modalidades esportivas, principalmente aquelas que enaltecem os aspectos viris e de força, como é o caso do futebol, um local de validação das masculinidades. Pode-se entender estes “[...] contextos esportivos enquanto lugares socialmente aceitos para o ensino, a expressão e a perpetuação do *habitus* (ou maneiras de ser) das identidades, do comportamento e dos ideais masculinos” (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 321). Em outras palavras, o esporte moderno, criado por homens e para homens, “[...] acaba simbolizando valores masculinos e expressando *habitus* e identidades masculinas.” (DUNNING E MAGUIRE, 1997, p. 334).

O gosto pelo futebol é uma marca de masculinidade recorrente em diversas sociedades, dentre elas, a brasileira. Costa (2007) destaca que:

Em regiões como Inglaterra, Brasil e Itália, é muito provável que desde pequenos um grande número de meninos seja criado em contato com a bola e faça dela assunto compartilhado em rodas de amigos. Ainda que muitos não possuam grande interesse por futebol, é provável que esse esporte entre em suas vidas mesmo sem pedir licença. [...] Jogar uma pelada no fim de semana ou sair com os amigos para assistir a um jogo em algum estádio de futebol são importantes instrumentos de socialização masculina. Sendo assim, é grande o grau de familiaridade que muitos homens possuem com o futebol e isso faz com que tanto seu interesse quanto seu conhecimento acerca desse esporte sejam tomados como uma espécie de segunda natureza masculina. (COSTA, 2007, p. 3)

Os homens que por alguma razão não se sentem atraídos pelos esportes tidos como “de macho” são vistos como “desviantes”, ou seja, coloca-se sob suspeita e desconfiança a sua condição de ser “verdadeiramente um homem”, e os mesmos se arriscam a serem qualificados “forma insultuosa pelos seus pares, de “afeminados” e até mesmo de “homossexuais”. A mesma tendência ocorre com a qualificação também insultuosa de “masculinas” ou “lésbicas” feita às mulheres desportistas” (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 343) ou amantes de certos esportes, como é o caso do futebol. Sob o viés heteronormativo da nossa sociedade, sabe-se que homens e mulheres “de verdade” deverão ser heterossexuais e serão estimulados, muitas vezes, de forma coercitiva para isso (LOURO, 2000), daí o caráter de ofensa atribuído e percebido por muitos em tais adjetivos.

Dunning e Maguire (1997) destacam algumas atitudes “clássicas” dos homens que, segundo os autores, visam “desencorajar” as mulheres de participar dos espetáculos futebolísticos britânicos ao proferirem, por exemplo, cânticos e frases de baixo calão que colocam a mulher como objeto. “É preciso ver o esporte moderno como uma área reservada aos homens, o que nos ajuda a entender sua grande resistência frente às tentativas das mulheres de entrar em seus enclaves ou de criar novos enclaves para elas.” (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 345) Vale observar um dos relatos compartilhados por eles:

Em 1988, o jornalista Edward Vulliamy descrevia assim um grupo de torcedores que tinham viajado para Stuttgart para assistir ao campeonato europeu de futebol “... reunidos no Bar Bierfasle... vestidos de shorts e de camisetas, eles calculavam o preço de sua cerveja, coçam o saco e cantam “get yer tits out for the lads” (‘ Mostre seus seios para a rapaziada’) a cada vez que uma mulher passa perto deles...” (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 343).

Os autores citam um refrão “típico” do repertório dos torcedores de clubes de *soccer* inglês que vão assistir às partidas do seu clube no exterior:

[...] “Estamos aqui, nós, os rapazes de Leicester ( ou de Newcastle, Liverpool, Tottenham etc. ) para transar com suas mulheres e beber sua cerveja”. Um canto desse tipo é evidentemente destinado a dar a conhecer aos homens locais suas intenções predadoras, mas ele simboliza também uma transformação grosseira das mulheres em objetos e traduz a opinião segundo a qual as mulheres são propriedades dos homens (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 343).

Acrescenta-se também que os ambientes esportivos aparecem como “ [...] locais de alvitamento e de difamação simbólica das mulheres (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 343), ou seja, em tais espaços é comum os sujeitos buscarem “reforçar a masculinidade por meio da troça não apenas das mulheres mas, também, dos homossexuais (DUNNING, 1992, p. 401).

No futebol e em outros desportos de confronto e combate, há uma produção visível dos signos de masculinidades, bem como a manifestação das qualidades ditas viris. A exaltação da virilidade masculina anda junta com a negação das características associadas às feminilidades. O homem “de verdade” tem o dever de afirmar e validar perante outros homens, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade e a exaltação dos valores ditos masculinos tem sua contrapartida nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita (BOURDIEU, 2010).

“A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2010, p. 67).

Diversas considerações feitas pelos autores citados anteriormente a respeito das masculinidades nos desportos podem ser transplantadas para o universo futebolístico brasileiro.

Em um estudo sobre como as masculinidades são vivenciadas pelos torcedores de futebol de Porto Alegre, Bandeira (2010) elaborou o que ele denominou de “currículo de masculinidades” nos estádios. Os conteúdos deste currículo foram sistematizados em torno de quatro aspectos: a) Raça, garra e luta; b) Violência e socialização; c) Um amor de macho; d) Masculinidades subalternas.

No primeiro ponto, o autor destaca que, assim como os atletas em campo, os torcedores devem demonstrar disposição para apoiar e empurrar o seu time para a vitória. Raça, garra e luta são atributos cobrados dos jogadores e exaltadas pelos torcedores. Outro ponto destacado é o fato de que não se deve fugir de um confronto físico, deve-se ter disposição também para encarar, se preciso, os adversários em campo.

No segundo aspecto, Bandeira (2010) discute a violência como forma de socialização na construção de masculinidades viris, bem como os xingamentos e cânticos ofensivos dentro dos estádios que, dentro de uma lógica heteronormativa, quase sempre desvalorizam os homossexuais. Os cantos homofóbicos já naturalizados no contexto futebolístico aparecem para hierarquizar uma torcida em relação à outra e “os afetos entre machos de uma mesma torcida ou a violência sexual contra o rival não colocam a masculinidade dos sujeitos em riscos” (BANDEIRA, 2010, p. 349). “Penetrar outro homem ou receber felação podem ser entendidos, nesse contexto, como agressão ao outro, que perderia seu *status viril*.” (BANDEIRA, 2010, p. 349).

O terceiro ponto do currículo desenvolvido por Bandeira (2010) aponta para a existência, neste contexto de masculinidades exaltadas, das demonstrações públicas de sentimento ou de afetos masculinos. As declarações de amor e o choro pelo clube são aceitos (o amor pelo clube é coisa “de macho”), assim como os abraços e os contatos físicos entre os torcedores, por exemplo, na hora do gol. Entretanto, “[...] não se deve esquecer que esses afetos acontecem na *nossa* torcida. [...] É uma relação de carinho, abraços e afetos entre nós, os *possuidores* da representação positiva de masculinidade” (BANDEIRA, 2010, p. 349).

O quarto e último aspecto trazido por Bandeira (2010) envolve o processo de afirmação da masculinidade de uma torcida em detrimento de outra, assim, os adversários seriam portadores de uma masculinidade inadequada e inferior.

Entendo que a *nossa* masculinidade constitui-se na *superior*, na *melhor*, na *adequada* dos estádios de futebol. Ações feitas pela torcida, elogios às atitudes dos *nossos* jogadores e a tradição do clube aparecem para *ascender* graus de masculinidade. Botar a torcida adversária para *correr*, cantar mais, beber bastante aparecem como exaltação de *nossos* desempenhos. [...] Eles são “putos” também porque não amam eternamente como nós (“até do céu”). São menos homens porque não bebem como nós, não são tão fiéis, não dão a vida por uma conquista e fogem de eventuais confrontos [...] (BANDEIRA, 2010, p. 350).

Embora trate dos torcedores de futebol de uma forma mais geral, o estudo de Bandeira (2010) aborda os comportamentos associados às masculinidades nos

estádios que também são percebidos e exaltados entre os integrantes das torcidas organizadas do esporte, agrupamentos que possuem destaque no cenário do futebol brasileiro e que compõem um dos objetos deste estudo.

As torcidas organizadas cresceram expressivamente entre a década de 80 e 90 e segundo Teixeira (2006), o surgimento de tais agrupamentos parte do desejo de um grupo de amigos, torcedores de futebol, de ir além do incentivo ao time nos dias de jogos, mas igualmente protestar frente ao clube. As torcidas se dividem, muitas vezes, em regiões que compreendem bairros, cidades próximas e até outros estados, bem como possuem uma organização que inclui Presidente, Diretores e Associados (TEIXEIRA, 2006). Este tipo de sociabilidade forma “ao seu redor, estrutura organizativa com base em estatutos, quadro associativo, departamento administrativo e de vendas, sede para ponto de encontro, reuniões, interação social [...]” (PIMENTA, 2000, p.127).

Pode-se se dizer que o torcedor organizado se diferencia em diversos aspectos dos demais torcedores e frequentadores dos estádios de futebol. O fenômeno das torcidas organizadas é manifestado pelo amor e paixão coletiva por clubes futebolísticos, mas também pelas próprias torcidas organizadas (TOLEDO, 1996).

O movimento das torcidas organizadas se sustenta em identificações que expressam pertencimento, companheirismo, solidariedade e masculinidade (PIMENTA, 2003). A torcida organizada é a principal responsável pelas reivindicações frente à diretoria dos clubes e também pelas festas e apoio nas arquibancadas do estádio, ou seja, o torcedor organizado não é mais um simples espectador do “jogo”: “no grupo ele é parte do espetáculo, é protagonista. Vide suas vestimentas e bandeiras (estético), cantos e coreografias (lúdico), sentimento de pertencimento e representação da guerra contra os rivais (simbólico)”(PIMENTA, 2003, p. 46).

O fenômeno das torcidas organizadas tem sido discutido associado, quase sempre, à questão da violência entre os agrupamentos rivais, sendo o tema recorrente na mídia. Com frequência imagens de confrontos físicos tomam as cenas nos programas televisivos, o que acaba por contribuir para a construção da imagem do torcedor organizado como “baderneiro, ou seja: “ao explicitarem uma dimensão de

perigo, impureza e desvio, as torcidas são objeto de uma valorização negativa na imprensa” (TEIXEIRA, 2003, p.135).

Os torcedores organizados são trazidos à cena pelo discurso midiático e pelo senso comum como sendo “marginais”, que só vão aos jogos para brigar e roubar, porque têm apego à violência gratuita (RIBEIRO, 2010). Neste sentido, Toledo destaca que:

A violência está enraizada no meio urbano, quer seja objetivada nas ações dos órgãos repressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas pela mídia, nas condutas autoritárias que perpassam as instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol (federações, clubes) e que, sob este aspecto, as torcidas organizadas e os indivíduos que a elas convergem não estão descolados dessa realidade (TOLEDO, 1996, p.32).

Inseridos no universo do futebol, os torcedores organizados também são apontados como atores que partilham, criam e reforçam práticas, gestos e símbolos vistos como masculinizados. Dentro desse contexto, eles tentam ao máximo ressaltar que “são machos”, “são homens”, “são fortes e guerreiros” ao passo que os rivais seriam exatamente o contrário. Observa-se em diversos cânticos de torcidas a ênfase na virilidade, na honra, na coragem, bem como a desqualificação do adversário, caracterizado quase sempre como "frouxo", "cuzão", é aquele que corre e "leva porrada" (TEIXEIRA, 2006). Além disso, a associação com a figura feminina ou homossexual é uma grande ofensa, sendo assim, o rival é sempre o "gay", "a mocinha" e aquele que será "comido".

Conforme Teixeira (2006, p.7-8), os símbolos constituem sinais de identificação e distinção entre as torcidas organizadas. Ao observar os símbolos das principais torcidas cariocas, a autora vai identificar que há uma predominância de elementos inspirados no universo militar (tanques, canhões, exército, esquadrão, pelotão) e figuras que indicam perigo e ou morte (caveiras, monstros com armas etc.). Segundo ela, são projetados em tais símbolos noções e sentimentos que estão fora deles, mas através dos quais as torcidas colocam em foco valores como força, garra, astúcia, coragem e fidelidade.

Observa-se que os diversos comportamentos exaltados em tais agrupamentos, bem como nos estádios de futebol, caminham na mesma direção do que foi (ou ainda é) incentivado para os “homens de verdade” na sociedade brasileira.

#### **1.4 Mulher e futebol no Brasil**

Desde as primeiras décadas do século XX, período em que o futebol brasileiro era dominado por uma estrutura altamente elitista, já se observava a presença das “senhoritas” nas arquibancadas, cenário que foi se modificando após a popularização do esporte, ou seja, quando o ambiente deixou de ser apropriado para “as moças de família” (FRANZINI, 2005; COSTA, 2006).

Há uma versão sobre o desenvolvimento da expressão “torcer” que a associa ao comportamento das mulheres durante os jogos, nos primórdios do futebol. De acordo com Capellano (1999), “como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão.” (CAPPELLANO, 1999, p. 28-29) Daí teria surgido o termo “as torcedoras”. A expressão teria sido utilizada por Coelho Neto ao descrever a presença feminina na plateia futebolística em uma crônica.

Costa (2006) aponta que a presença das mulheres da alta sociedade nos jogos “contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão, associando-o à elegância, tranquilidade e beleza, tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas” (COSTA, 2006, p.7).



Figura 1: Presença feminina nas arquibancadas em um jogo entre os clubes do Bahiano de Tênis e Vitória, em 1926.

Fonte: Ibahia

O futebol era, portanto, um evento social direcionado para as “boas famílias” da época e o papel inicial da mulher nesse universo tinha um caráter incentivador dos clubes e de seus jogadores, deste modo, o seu lugar era visto na assistência aos jogos (MOURA, 2003). Conforme colocou Mário Filho (2003, p. 45), “tudo estava muito certo, muito direito. Os filhos no campo, as filhas nas arquibancadas. Pais, filhos, a família toda.” Demonstrando como a prática de tal esporte não era vista como “adequada” para as mulheres. Destaca-se um dos relatos de Mário Filho na obra “O Negro no Futebol Brasileiro” sobre a presença feminina nas arquibancadas:

Os jogadores, quando entravam em campo, corriam logo para o lugar mais cheio de chapéus, chapéus enormes, pesados, mas que pareciam leves, muitas flores, frutas, plumas, as célebres pleureuses. Essas flores, essas frutas, essas plumas é que davam à arquibancada um ar de jardim, de corbeille. Cores vivas, alegres. Os jogadores diante do quadro, primeira, outono, levantavam, sacudiam os braços, hip, hip, hurrah. O hip, hip, hurrah era só para as moças, para a gente da arquibancada. (...) Os jogadores levavam, quase sempre, para o campo, uma lembrança de uma moça que estava na arquibancada. Via-se um jogador de carapuça, já se sabia, se desconfiava. Por isso os jogadores faziam tanta questão de se enfeitar. Com uma carapuça de tricô, com uma faixa de cetim. Jogador sem carapuça, sem faixa, era jogador sem namorada. Ou sem irmã. Porque as irmãs não queriam que os irmãos fizessem feio. Substituíam as namoradas. Mordendo os lencinhos de rendados, dando gritinhos, batendo os pés. Torciam pelos irmãos, pelos primos, pelos namorados. (MÁRIO FILHO, 2003, p.45)

Conforme Moura (2003), ao contrário do que se pensa, o espaço do futebol não era totalmente estranho e desconhecido no lazer das mulheres da elite neste período.

Esta ao saírem do domínio privado da casa podiam ter a possibilidade do “[...] convívio, do “namorico”, enfim, de se colocar além das fronteiras do permitido, era barganhar atitudes e posições com o universo futebolístico masculino” (MOURA, 2003, p.21).

Os registros da presença feminina nos primórdios do futebol no Brasil costumam associá-la ao embelezamento do ambiente e aos flertes e paqueras com os jogadores. A imagem das mulheres como elemento embelezador ou “enfeite” das arquibancadas e do espetáculo ainda é recorrente nos dias atuais, sendo compartilhada pelos mais diversos sujeitos que compõem o cenário do futebol, inclusive pelas próprias mulheres.

Na história do futebol, a presença das mulheres foi construída no espaço das arquibancadas, sobre as representações de ornamentos da prática esportiva masculina, incentivadoras dos clubes e dos jogadores, ou como modelos estereotipados de torcedoras (CAMPOS, 2010, p.110).

"Futebol é coisa para macho", "Estádio não é lugar de mulher", são máximas ainda proferidas, não apenas pelos torcedores, mas também por mulheres que não partilham o mesmo gosto pelo futebol. Franzinni (2005, p. 325) afirma que a “identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que algumas mulheres sequer se reconheçam no jogo — ‘coisa de homem’”.

Conforme Costa (2007, p.1 ), essa ideia de que o “futebol é coisa para homem” ou “para macho” parece estar sensivelmente desgastada, sendo “muito difícil repetir essa sentença sem vê-la contestada pelo razoável número de mulheres que atuam como profissionais, ou que fazem do futebol um lazer para os seus momentos de folga”. Entretanto, a autora destaca que o predomínio masculino, desde os primórdios do futebol, deixou marcas, sendo “possível perceber a permanência de certas visões que enxergam a mulher como elemento ainda pouco integrado ao universo futebolístico.” (COSTA, 2007, p. 5) Desconsidera-se em muitas ocasiões que a mulher é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento clubístico, bem como compreender os aspectos táticos e técnicos do jogo (COSTA, 2006). Abre-se um

parêntese para destacar que o termo “pertencimento clubístico” citado é entendido aqui como uma forma de especificar:

[...] no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas emocionalmente engajado a ponto de estender as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele ( DAMO, 2012, p. 52).

O estudo de Costa (2007) aponta que por ainda existir certa desconfiança sobre a ala feminina, quando o assunto é futebol, muitas mulheres apreciadoras do esporte estão sempre enfatizando o fato de serem realmente “verdadeiras torcedoras”, ou seja, buscam se diferenciar constantemente daqueles modelos estereotipados que marcam a presença feminina no universo do futebol. Apesar do destaque que algumas mulheres ganharam por conta da paixão e dedicação ao clube, como é caso de Dulce Rosalina, torcedora fiel do Vasco da Gama e primeira mulher a se tornar líder de uma torcida organizada(TOV) em 1956 (COSTA, 2007). No Brasil, há, basicamente, dois estereótipos relativos à participação das mulheres no futebol:

[...] a imagem que ecoa em nosso imaginário está mais próxima daquela grã-fina narinas de cadáver que segundo seu criador Nelson Rodrigues costumava perguntar incessantemente ao marido: “quem é a bola?” (1993: 141). Ao lado dessa grã-fina, figura a Maria-chuteira que herda sua falta de interesse pelo jogo fazendo dele apenas um trampolim econômico e social. (COSTA, 2007, p. 12)

Muitas mulheres torcedoras, em busca de legitimação, fazem da “Maria- Chuteira” uma imagem da qual precisam se distinguir. Este termo possui uma conotação pejorativa e diz respeito a estereótipos não apenas relativos às mulheres no universo futebolístico, mas à própria condição feminina (COSTA, 2007). Deste modo, “as Marias-chuteira encarnam alguns estereótipos femininos relativos à astúcia, à mentira e à desfaçatez atributos indispensáveis para aquelas que estão sempre dispostas a ludibriar o homem” (COSTA, 2006, p. 9).

Os estereótipos femininos e as diferentes modalidades de relacionar-se com o futebol constituem uma questão extremamente importante para a composição identitária de um bom número de mulheres desejosas de legitimarem-se como torcedoras (COSTA, 2006, p. 3).

O estudo de Campos *et al* (2010) destaca que muitas torcedoras na tentativa de se inserirem e se legitimarem, adquirindo aval e respeito na esfera do futebol buscam sua diferenciação, muitas vezes, “reforçando estereótipos e preconceitos outrora criados pelos homens e introjetados e reforçados pelas próprias mulheres (CAMPOS; AUGUSTO; SILVA, 2010. p.8).

O fato é que como destaca Goellner (2005. p. 149), transgressoras ou não, as mulheres há muito tempo já marcam presença no futebol brasileiro, indo aos estádios, assistindo as partidas, divulgando notícias, arbitrando jogos ou como jogadoras e técnicas, ou seja, participam de alguma forma do domínio futebolístico. Segundo a autora:

Certamente algumas destas mulheres transgridem ao que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a hegemonia esportiva masculina historicamente construída e culturalmente assimilada e enfrentam os preconceitos e também as estratégias de poder que estão subjacentes a eles. Outras, no caminho inverso, moldam-se aos padrões masculinos de modo a não questionar nem os preconceitos, nem as regras que o regem, expresso em atitudes, piadas, comportamentos, posturas corporais e discursos. No e pelo esporte, reafirmam sua feminilidade e sua identidade, exibem sua beleza e espetacularizam seus corpos (GOLLNER 2005, p.149).

Goellner (2005) ainda afirma que no Brasil o futebol é de forma recorrente incorporado à identidade nacional, sendo assim se faz necessário pensar o quanto este universo é, para a ala feminina, um espaço não apenas a ser conquistado, mas, também, “a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades” (GOELLNER 2005, p. 150).

Entende-se também que o crescente aumento da participação feminina no futebol é “[...] importante, por contradizer noções de feminilidade ainda predominantes e culturalmente aceitas como ideais” (COSTA, 2007, p.20).

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 Trabalho de campo

O presente estudo optou pela abordagem de pesquisa qualitativa e adotou como estratégia de coleta de dados: a) observações de campo no estádio e arredores; b) entrevistas semiestruturadas; c) consulta a sites, blogs, comunidades virtuais e redes sociais da torcida organizada e dos torcedores em geral do Esporte Clube Vitória.

As observações de campo foram realizadas no Estádio Manoel Barradas, localizado no bairro de Canabrava, em Salvador-BA, durante 40 jogos, em diversos campeonatos, nos quais o Esporte Clube Vitória esteve presente como competidor: Campeonato Baiano, Campeonato Brasileiro da Série A e B, Copa do Nordeste, Copa do Brasil, incluindo jogos variados de maior e de menor público ou importância. Embora o projeto desta investigação tenha se iniciado no ano de 2012, informa-se que as primeiras observações de campo e seus devidos registros tiveram início em 2010, uma vez que já se tinha em mente o desenvolvimento de uma pesquisa, relacionada ao futebol.

Durante o campo, buscou-se observar o comportamento e as atividades dos sujeitos pesquisados no estádio e arredores, bem como no local ocupado pela torcida organizada dentro do mesmo. A observação participante possui importância considerável a partir do momento em que permite captar uma gama de situações e fenômenos que não são identificados somente por meio de perguntas, uma vez que, ao serem observados na própria realidade e contexto social " transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real"(CRUZ, 1999, p. 60). Portanto, "o observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto" (CRUZ, 1999, p. 59).

Sabe-se que a capacidade de empatia e de observação do pesquisador, bem como a aceitação dele pelo grupo estudado são questões centrais no processo de coleta de dados (CRUZ, 1999). Pode-se dizer que não houve resistência por parte dos

membros da TUI frente à entrada da pesquisadora no espaço dedicado à torcida organizada.

Torcedora comum do Esporte Clube Vitória desde a infância e frequentadora assídua do Estádio Manoel Barradas desde 2008, a investigadora, desde o ano indicado, acompanha as partidas ao lado da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, no Estádio Manoel Barradas. Na condição de mulher, torcedora e apreciadora do futebol, também vivenciou e compartilhou muito do que foi relatado pelas interlocutoras, incluindo os obstáculos para se inserir no universo futebolístico. Daí nasceu o interesse de colocar em prática esta pesquisa, somado ao despertar para as relações de gênero discutidas durante a participação em projetos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes, como já foi informado na Introdução deste trabalho.

A paixão pelo clube e pelo esporte, inclusive expressa em uma tatuagem do Esporte Clube Vitória, a alta frequência nos jogos, o respeito para com os integrantes e os códigos de conduta “exigidos” no espaço da torcida organizada, o fato de se portar, mesmo que somente durante os jogos, como os demais ali presentes, podem ser indicados como fatores que colaboraram para a aceitação da pesquisadora. “Eu te vi no sai da frente”, disse em tom de aprovação e comemoração um antigo membro da diretoria da torcida, referindo-se a participação da investigadora em uma coreografia bastante esperada entre os torcedores organizados e que é realmente um “saia da frente”. A presença em ações sociais com um antigo e respeitado “puxador” da torcida, antes mesmo de iniciar a pesquisa, também favoreceu para que “a cara” se tornasse mais familiar entre o grupo. No período de busca por contatos para entrevistas, por exemplo, a frase dita por outro membro da diretoria para uma das torcedoras e que ajudou a abrir portas expressa bem a questão da importância da aceitação: “É rubro-negra, ela é Vitória e cola com a gente na arquibancada, fica lá na TUI todo jogo, ela e o namorado”, afirmou o integrante.

Situação semelhante ocorreu quando uma torcedora organizada já conhecida apresentou uma segunda para realização de entrevista dizendo: “Ela é Vitória que nem a gente”. Logo em seguida a torcedora que foi apresentada por ela afirmou ter aceitado participar, pois viu que a pesquisadora “era Vitória mesmo”, “tinha até

tatuagem”. A aceitação por parte de muitos integrantes do grupo talvez parta do reconhecimento de que a pesquisadora não seja um sujeito tão diferente deles.

Os dados coletados, isto é, os fenômenos e acontecimentos observados foram registrados e anotados de modo a facilitar a análise posterior. Não houve uma organização prévia ou utilização de um roteiro de observação. Para não prejudicar a participação e interação com os pesquisados, os dados observados foram sendo registrados progressivamente fora do ambiente de pesquisa. Tudo o que foi anotado inicialmente em um bloco de papel foi e organizado em uma pasta no computador.

Ressalta-se que, no decorrer da pesquisa, foram feitas visitas também ao Estádio Roberto Santos, mais conhecido como Pituaçu, a Arena Fonte Nova e a sede da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, no Shopping Baixa dos Sapateiros.

No que diz respeito às entrevistas, vale lembrar que estas foram do tipo semiestruturadas. Houve a utilização de roteiros básicos de perguntas, relativamente abertas, que funcionaram como um guia, ou seja, não foram seguidos de forma rígida, ocorrendo algumas alterações e adaptações no decorrer das entrevistas. Conforme Gaskell:

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes, em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (GASKELL, 2004, p. 65).

As entrevistas foram realizadas com: a) 8 torcedoras integrantes da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis; b) 10 torcedoras “comuns” do Esporte Clube Vitória. Priorizou-se as torcedoras que estão com certa frequência nos estádios de futebol.

Para cada grupo foi elaborado um roteiro de entrevista diferenciado, mas que contavam com uma esquematização semelhante, isto é, três pontos foram

destacados: a) a participação no futebol, acrescenta-se ao roteiro das primeiras a participação também na torcida organizada; b) relacionamentos e opiniões; c) vitimização nos estádios. A decisão de entrevistar torcedoras comuns partiu da necessidade se entender a inserção das mulheres em geral no espaço do futebol, bem como de realizar um contraponto entre elas e as torcedoras organizadas. (VER APÊNDICE A E B) Um terceiro roteiro foi utilizado para uma das fundadoras do Comando Feminino da TUI, núcleo de mulheres da torcida, buscando dá conta de recolher informações acerca do surgimento do subgrupo e de seus objetivos. (VER APÊNDICE C)

Inicialmente foram agendadas para as entrevistas as torcedoras que a pesquisadora já possuía contato. A partir de tais entrevistadas foi possível conseguir novas indicações no processo conhecido como técnica da “bola de neve”. A visita à sede da torcida e a conversa com o Vice-Presidente da organização também foi fundamental para adquirir novas formas de contatar algumas torcedoras organizadas. Algumas entrevistas também foram conseguidas através de aproximação feita diretamente pela pesquisadora no próprio Estádio Manoel Barradas. Os locais a serem realizadas as entrevistas foram combinados com as pesquisadas de acordo com a disponibilidade e facilidade das mesmas, parte delas foram realizadas no Barradão, antes dos jogos. As entrevistas foram feitas, na grande maioria, pessoalmente. Apenas uma foi realizada via internet e outra por telefone.

Tanto no caso das entrevistas como na observação de campo foi preciso: “deixar o olhar sem se fixar só numa pista, escutar tudo em redor sem se contentar só com uma mensagem, apreender os ambientes e, finalmente, procurar discernir as dimensões essenciais do problema estudado” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.83).

A terceira estratégia de coleta de dados consistiu nas consultas aos ambientes virtuais dos torcedores organizados e comuns, levando em conta que estes espaços são uma espécie de continuidade e extensão das relações estabelecidas entre os torcedores na organização e no estádio. Foram consultados: a) Sites oficiais do Esporte Clube Vitória (<http://www.ecvitoria.com.br>) e da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (<http://www.osimbativeis.com.br/>); b) Perfils oficiais no Facebook do

Esporte Clube Vitória, Torcida Uniformizada Os Imbatíveis e Comando Feminino da TUI; c) Sites/blogs alternativos da torcida do Vitória; d) Vídeos do Youtube e comunidades virtuais de torcedores organizados e comuns visando levantar mais informações sobre os comportamentos e manifestações da torcida. A grande variedade de fotos, músicas e vídeos encontrados em diversos espaços virtuais tiveram uma contribuição relevante no desenvolvimento da pesquisa.

Como ocorre em qualquer pesquisa, surgiram alguns obstáculos para sua concretização. O maior deles é que dificultou bastante o andamento mais rápido do estudo foi o agendamento das entrevistas com as torcedoras, tendo ocorrido por parte das mesmas, muitos pedidos para remarcações em virtude de horários e obrigações. A dificuldade para agendar as entrevistas foi maior com as torcedoras organizadas, uma vez que consiste também em uma população bem menor do que a das torcedoras comuns, além do fato de que a própria vida na organização requer uma série de compromissos extras, o que inclui até mesmo viagens para acompanhar o clube.

Destaca-se também à questão da literatura sobre o tema. Por ser um assunto ainda pouco trabalhado, inclusive na área das Ciências Sociais, houve dificuldade em encontrar bibliografia que abordasse a questão das mulheres, enquanto torcedoras, no espaço do futebol. A literatura é ainda menor quando se trata da participação feminina no universo específico da torcida organizada do esporte.

## **2.2 Organização e análise**

A fase de análise e interpretação requer um olhar atento para os dados da pesquisa. Entretanto, deve-se atentar para o fato de que na pesquisa qualitativa a análise já poderá ter se iniciado durante a fase de coleta de dados (GOMEZ, 1999).

Com base em Minayo (1992), podemos apontar três finalidades para essa etapa: estabelecer uma compreensão dos dados coletado, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte (GOMEZ, 1999, p.69).

Inicialmente foi feita a organização e ordenação de todos os dados coletados no trabalho de campo, o que inclui a transcrição das gravações, leitura do material e dos dados da observação participante.

As gravações do áudio das entrevistas foram realizadas com autorização das participantes e todo o produto coletado foi transcrito exclusivamente pela pesquisadora, somando cerca de 80 páginas transcritas. Utilizou-se o termo de consentimento livre e informado direcionado as pesquisadas que tomaram conhecimento prévio do objetivo do estudo e tiveram a privacidade e o anonimato preservado, ou seja, a fim de proteger a identidade das mesmas os nomes não foram divulgados no decorrer do trabalho. (VER APÊNDICE D)

A trabalhosa fase da transcrição foi central no desenvolvimento do estudo, pois funcionou como um momento inicial de análise do material recolhido, tendo em vista que as diversas e repetidas vezes que se escuta o áudio e as falas das participantes acaba por possibilitar o questionamento e levantamento de muitos pontos relevantes para a elaboração do estudo. Além disso, as transcrições, uma a uma, proporcionaram uma autocrítica frequente acerca daquilo que foi ou não perguntado e abordado no decorrer das entrevistas, bem como os erros e acertos, sendo assim um momento crucial e de grande ajuda para o aperfeiçoamento das entrevistas posteriores. Outro ponto que merece destaque também é que foi perceptível na entrevista via telefone em que o recurso de áudio não teve como ser utilizado, sendo as informações anotadas, a importância da gravação e da transcrição para que alguns detalhes falados não sejam perdidos.

Com o corpus de texto pronto, buscou-se levantar os assuntos e discursos presentes no discurso das entrevistadas a fim de localizar semelhanças e diferenças entre os mesmos. Desse modo, “através de uma leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecemos interrogações para identificarmos o que surge de relevante”. (GOMES, 1999, p. 78) Posteriormente, os textos foram comparados por proximidade de ideias e assuntos, valendo citar como exemplo as seguintes áreas temáticas: a) obstáculos e preconceitos; b) agressões e assédio verbal; c) vivências no estádio de futebol; d) representação e identidade; e) rótulos, mídia e família; f) rivalidades e confrontos; g) a torcida e os meios de comunicação; h) segurança e policiamento durante os jogos.

Buscou-se também a compreensão dos significados que estão por trás das gírias e do vocabulário utilizado pelas interlocutoras, optando assim por preservar e apresentar no decorrer deste estudo os “termos nativos” identificados pela pesquisadora no material coletado.

Na fase de análise final foram feitas as interpretações dos discursos encontrados, associando-os ao material teórico e as anotações obtidas no campo. Em outras palavras, neste momento pretendeu-se estabelecer as conexões entre os dados coletados e os referenciais teóricos do estudo, buscando responder às questões da pesquisa com base em seus objetivos, ou seja, buscou-se estabelecer relações entre o geral e o particular, entre a teoria e a prática (GOMES, 1999).

Destaca-se também que as entrevistas e as observações nos estádios foram complementares entre si, uma vez que as respostas dadas pelas entrevistadas foram comparadas com os dados registrados no campo, visando identificar se o discurso proferido pelas entrevistadas é convergente às observações empíricas.

### **2.3 Perfil das entrevistadas**

Visando preservar o anonimato dos sujeitos pesquisados, mas entendendo a necessidade de buscar diferenciar suas falas, optou-se pela utilização de códigos numéricos, tomando como referência a ordem em que as entrevistas foram sendo realizadas e os dois grupos distintos, ou seja, as torcedoras organizadas e as torcedoras comuns.

Ao analisar o perfil das entrevistadas, identificou-se que todas as torcedoras residem na capital baiana, exceto uma interlocutora cuja moradia localiza-se em um município da Região Metropolitana de Salvador.

Com relação à faixa etária, observou-se que treze entrevistadas, o que corresponde a grande maioria, têm idade entre 18 e 26 anos, três possuem entre 40 e 49 anos. Apenas uma possui quinze anos. Destaca-se que por uma falha não se identificou a idade de uma participante e o bairro residencial de outra.

No tocante ao nível de escolaridade, seis torcedoras cursaram o segundo grau completo, duas (que ainda possuem 15 e 18 anos) não concluíram o segundo grau, sete participantes possuem o ensino superior incompleto e três são portadoras de nível superior completo.

Com relação à ocupação, notou-se que boa parte das torcedoras está inserida no mercado de trabalho, ou seja, dez pesquisadas exercem atividades profissionais nas mais variadas áreas, seis são estudantes, uma declarou ser dona de casa e outra está sem ocupação. Destaca-se também que duas delas estendem a paixão clubística também para o lado profissional, exercendo atividades em lojas do Esporte Clube Vitória.

No que diz respeito, especificamente, às torcedoras organizadas, pode-se perceber que a maioria já é integrante da torcida há um bom tempo. Uma participante declarou ser torcedora organizada há dois anos, outra há três anos, quatro integram a organização há sete anos, uma participa há oito anos e outra é membro da TUI há 12 anos.

**Quadro 1:** Perfil torcedoras organizadas

Entrevistada	Idade	Escolaridade	Ocupação	Bairro residencial	Tempo na torcida
Torcedora organizada 01	20	Superior Incompleto (Serviço Social)	Trabalha em uma empresa de ônibus	Suburbana	7 anos
Torcedora organizada 02	26	Superior Completo	Gerente em uma loja do Vitória	-	12 anos
Torcedora organizada 03	22	Superior Incompleto (Engenharia Civil)	Estagiária	Ribeira	7 anos
Torcedora organizada 04	18	Segundo grau completo	Operadora de caixa	Santa Cruz	2 anos
Torcedora organizada 05	25	Segundo grau completo	Trabalha em uma empresa de eventos	Santa cruz	8 anos
Torcedora organizada 06	-	Superior Incompleto (Nutrição)	Estudante	Lauro de Freitas	7 anos
Torcedora organizada 07	26	Segundo Grau completo	Manicure	IAPI	7 anos
Torcedora organizada 08	18	Segundo Grau Completo	Sem ocupação	São Caetano	3 anos

**Quadro 2:** Perfil das torcedoras comuns

Entrevistada	Idade	Escolaridade	Ocupação	Bairro residencial
Torcedora comum 01	21	Superior Incompleto	Vendedora em uma loja do Vitória	Cabula
Torcedora comum 02	49	Superior Completo	Empresária	Costa Azul
Torcedora comum 03	18	Superior Incompleto	Estudante	Stiep
Torcedora comum 04	26	Superior completo	Analista de suporte	Stella Mares
Torcedora comum 05	48	Segundo grau completo	Dona de casa	Vale dos Lagos
Torcedora comum 06	25	Superior Incompleto	Estudante	São Caetano
Torcedora comum 07	40	Segundo grau completo	Empresária	Liberdade
Torcedora comum 08	23	Superior Incompleto	Estudante	Pituba
Torcedora comum 09	18	Segundo grau incompleto	Estudante	Rio Vermelho
Torcedora comum 10	15	Segundo grau incompleto	Estudante	Ondina

### 3. IDAS AO ESTÁDIO DE FUTEBOL: DO PRAZER AOS RISCOS

O Estádio Manoel Barradas, mais conhecido como Barradão, localiza-se no bairro de Canabrava em Salvador. Motivo de orgulho para os torcedores, as denominações “santuário” e “casa” são largamente utilizadas para se referir ao local. Embora existam muitas queixas dos seus frequentadores, com relação ao difícil acesso ao estádio, transporte, engarrafamentos nos arredores e assaltos, é amplamente notado o carinho que os mesmos possuem com o local, atribuindo a ele um valor quase que sagrado e uma extensão da própria residência. Inclusive o fato de “ter uma casa”, de ter um estádio, é motivo de demonstrar superioridade sobre o adversário que não possui estádio próprio. A ligação dos torcedores com o espaço é forte e comumente, na disputa e rivalidade futebolística, o estádio do time adversário também é alvo de desqualificação, sendo, muitas vezes, apelidados de forma depreciativa.



Figura 2: Torcedores preparam festa para comemorar o aniversário do Estádio Manoel Barradas

No Barradão, em dias de jogos, os arredores toma forma de festa. Barracas de todo tipo, isopor, cerveja, churrasco e carros de som fazem a alegria dos torcedores antes da partida e proporciona uma forma de lazer que perpassa o momento

específico do jogo. Torcer junto à torcida, estar próximo do jogo, acompanhar o espetáculo de perto, ter a sensação de poder influenciar na partida através do grito de apoio aos jogadores e a desestabilização dos adversários são oportunidades que a televisão não pode proporcionar. Dentro do estádio, as emoções se tornam coletivas, multiplicam-se. Se gritar gol assistindo a partida em casa é prazeroso, gritar gol ouvindo os gritos da multidão, para este público assíduo, é bem mais. Neste contexto é normal abraçar uma pessoa que nunca viu na vida, o ambiente também propicia o debate, a conversa, a comunicação entre pessoas que nem sempre se conhecem, mas que estão ali compartilhando de um mesmo objetivo ou de uma mesma paixão.

“Ah. Acho ótimo. Adoro aquele clima de todo mundo fala com todo. E meu tio ali tá com rádio e ai você pergunta “quem foi quem foi que fez o gol ai, foi pênalti ai, não vi direito”. E todo mundo se conhece. Todo mundo se abraça na hora do gol. É aquela loucura.” (Torcedora Comum 08)

Ah é sempre bom, né? Na hora do estádio assim você nem conhece a pessoa, já tá abraçando já tá gritando junto. É sempre bom. Ai você vai conhecendo. Ai no outro jogo você já encontra por acaso. Sempre bom. (Torcedora comum 04)

Ir ao estádio e acompanhar o time tem um caráter de diferenciação entre as várias formas de torcer, pois, observa-se de forma corriqueira que uma parte de torcedores e torcedoras assíduos no estádio possui uma visão negativa do chamado “torcedor de radinho”, aquele que não frequenta os jogos, e também do denominado “torcedor modinha” que comparece apenas nas situações boas do time ou finais de campeonato.

O estádio é visto também como um local para extravasar e liberar as emoções contidas e reprimidas do cotidiano. Neste sentido relata uma das entrevistadas “Porque quando a gente vem pro estádio, eu tô em outro mundo, a gente esquece os problemas, esquece a vida [...]” (Torcedora Organizada 03) É um ambiente singular no qual diversas situações só fazem sentido e são aceitas dentro dele, em outras palavras, diversos comportamentos e atitudes tomadas por seus frequentadores tidas como normais neste contexto seriam passíveis de censura ou

recriminadas se ocorrem fora do mesmo, como é o caso dos famosos “palavrões” que são tão bem aceitos neste local (DAÓLIO, 1992).

Para os mais aficionados pelo futebol, a ida este local é uma experiência única capaz de despertar os mais diversos sentimentos, sensações e emoções ao mesmo tempo e que, nem sempre, são coerentes entre si. Se em um momento se observa um torcedor esbravejando e completamente raivoso disparando incontáveis palavrões, em frações de segundos o mesmo está orando e clamando por divindades religiosas. O indivíduo enquanto torcedor no estádio, na grande maioria das vezes, transforma-se e se torna até irreconhecível para aqueles que o conhece e o acompanha no cotidiano. Destaca-se um trecho do diário de campo:

Ao mesmo tempo em que ela (namorada de um amigo) soltava uns gritos finos nos momentos de perigo do jogo, engrossava a voz para soltar os piores xingamentos. Chamava por deus nas horas de sufoco da partida, ao mesmo tempo em que gritava para o juiz que iria pegar uma arma pra atirar na cabeça dele e que ele merecia sair com a boca cheia de formiga do estádio. (Diário de Campo, 21/11/2010)

A visita a um estádio de futebol pode comportar uma gama de sensações contraditórias, que inclui momentos de excitação e prazer, e outros não tão agradáveis, mas que não impedem que muitas torcedoras e torcedores apaixonados retornem a ele e esperem, ansiosamente, a semana toda para se dirigir para lá.

Torcer, desstressar, às vezes stressa (risos). Às vezes tem algum aborrecimento, eu digo “olha no próximo eu não venho não”. Ai quando tá se aproximando assim eu tenho que ir, viu? Mudo de ideia logo. Hoje mesmo eu num tava assim querendo vim não. Ah tô com sono não dormi direito. Ai virou , mexeu, eu disse vai chover. Ai ele “vai não”. Ai pronto tomei banho e já me animei. Passou o sono. E anima. Me anima muito vim. No caso a gente fica até ansiosa dependendo do jogo, cê fica ansiosa, querendo que chegue logo a hora. Muito bom. (Torcedora Comum 05)

Se por um lado, a ida a este local garante uma forma de diversão peculiar e amplamente exaltada entre os aficionados pelo futebol, por outro, não se pode desconsiderar que a presença em um estádio de futebol é capaz de proporcionar situações inusitadas, inesperadas e algumas que as expõe a riscos. Isto se pode

notar claramente nos relatos das entrevistadas que presenciaram confrontos nas arquibancadas, não exclusivamente no Barradão, tendo em vista que algumas delas são frequentadoras de outros estádios de Salvador e também do Brasil:

No Ceará também a gente já passou umas poucas e boas por causa da torcida lá no Ceará que jogavam até cadeira na torcida. A gente lá perto e jogaram em cima da gente. Lá no Recife também quando a gente foi contra o Santa Cruz, a gente tava na série..., jogaram sandália e tudo, a gente lá tudo escondidinho ali atrás do muro, com medo. Mas aqui nunca tive problema não. (Torcedora comum 07)

Aqui contra o Palmeiras, não sei se foi quando o Vitória desceu pra série B. Meu marido que lembra. Foi uma correria grande. Derrubaram aquele alambrado ali. Eu corria. Eu tinha medo. Ele tirou a camisa, porque na época era cheio de grama e o espaço pra todo mundo subir de vez, era muita gente pra subir de vez, ai tinha uma mulher grávida, eu presenciei ela quase desmaiando. E aquelas bombas de gás começou a entrar no meu nariz e eu ficando quase sufocada, ai eu peguei a camisa dele foi que, né? Envolvei o meu rosto... Foi bem complicado. Ai eu disse assim "nunca mais eu vou assistir um jogo assim de tanta torcida contra a nossa". Inclusive Ba x Vi é ate difícil eu vim. Eu venho. Esse ano eu só vi em um. Eu não gosto de muita agonia, de me sentir medo num lugar assim. Ai foi muito sufoco. Fiquei quase com trauma. Ai depois teve um outro jogo aqui que teve uma correria ali fora, que tavam jogando pedra. Foi duas situações difícil que eu passei. (Torcedora comum 05)

Rapaz, no estádio do Vitória não. Mas no Pítuaçu sim [...] E os policiais jogaram aquele... Aquele spray e aquele negócio que sai fumaça [...] E eu já passei até mal. Eu já passei até mal, porque eu tenho asma.. (Torcedora comum 02)

Ressalta-se que durante as observações não se avistou cenas de violência física dentro do Estádio Manoel Barradas. Já nos arredores do mesmo foi possível presenciar algumas correrias, ruídos de bombas e uma situação de risco dentro de um ônibus ao final do jogo. Segue o relato e trecho do diário de campo:

Na volta para casa, por volta das 20h30min, pegamos um ônibus em Canabrava, bem próximo ao estádio. Não havia muitos ônibus e o carro que entramos superlotou rapidamente. Ainda havia torcedores para entrar, mas as pessoas que já estavam dentro da condução gritavam "arrasta, motor" "não tem mais espaço não", o aperto era grande. O trânsito estava complicado na região. Fui sentada ao lado de uma das janelas do ônibus, quando avistei uma jovem gritando na rua para algum passageiro "tá olhando o que, desgraça?" e arremessou um copo de cerveja próximo ao local em que estava sentada, respigando parte do liquido em meu rosto. Até então pensei ser uma ação isolada ou alguma reação a alguma "cantada" ou "olhada" de algum torcedor. Continuamos com as janelas abertas e

esperando o trânsito andar. Foi quando um jovem passou com uma garrafa de cerveja “litrão” na mão e arremessou no ônibus. As pessoas mandavam fechar as janelas. O clima ficou tenso. Eu, particularmente, fiquei nervosa e prontamente troquei de lugar, uma vez que a janela era um local de risco. O rapaz na verdade estava em um grupo com mais três arremessando objetos e garrafas nos ônibus que estavam parados. Por conta do engarrafamento não havia para onde correr e a ação deles continuava. Não houve chegada de policiais no local e o grupo fez o que queria. Um deles fazia gestos obscenos para os passageiros, inclusive um na minha janela. Segundo os demais torcedores, tratavam-se de torcedores do Bahia que já possuem o costume de fazer isso naquela área. Um rapaz que estava ao lado se queixava dizendo que já fez de tudo e já pediu providências, mas foi em vão e ações deste tipo continuavam ocorrendo com as pessoas que voltavam para casa de coletivo nos dias de jogos. (Diário de Campo, 12/10/2013)

Situações de confronto entre torcedores foram presenciadas também na Avenida Paralela, no caminho para o estádio Barradão, e nos arredores da Arena Fonte Nova, em um clássico Bahia x Vitória, no dia 21/07/2013.

Por ser um ambiente que aglomera inúmeras pessoas no seu interior e arredores existe sempre a possibilidade de ocorrer incidentes de toda ordem que não são necessariamente relacionados a atos de violência entre torcedores ou policiais, como os narrados pelas pesquisadas. Destaca-se outra narrativa do diário de campo:

Em um dos jogos que estive fui atingida nos arredores do estádio, mas propriamente na chamada “pracinha de alimentação”, local onde ficam as barracas de churrasco, cerveja etc. Estava andando no meio daquele “engarrafamento de gente” para adentrar ao estádio, quando de repente um carro de churrasco desceu ladeira abaixo (uma pequena ladeira fruto da irregularidade do terreno), a chapa que assava as carnes atingiu parte das minhas costas e braço, causando uma queimadura considerável. (Diário de Campo, 7/02/2013)

Dentro de um estádio, é necessário aprender o que e quando gritar, falar e agir. Levando em consideração também os diferentes espaços que o compõem e que podem guardar suas peculiaridades, como será melhor demonstrado no capítulo seguinte. O estádio de futebol ensina, produz e autoriza determinadas condutas, como é o caso dos comportamentos e atributos tidos como masculinos. Torcer

dentro de um estádio requer do sujeito uma série de atitudes específicas e “adequadas” para este ambiente (BANDEIRA, 2009).

Os torcedores de futebol que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas, emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios (BANDEIRA, 2009, p. 33).

Segundo Damo (2005), nos estádios são permitidas manifestações que não seriam toleradas em outros locais, “assim como o templo é o lugar da prece, o estádio é a tribuna dos insultos e ambos são bons para compreender quem são aqueles que os dizem” (DAMO, 2005, p. 103). Entretanto, conforme o mesmo autor, o fato de se permitir dentro dos estádios a expressão pública de certos sentimentos e atitudes que em outras esferas da vida social são interditos, não implica dizer que dentro deste universo tudo pode ser feito e tudo pode ser dito. Ou seja, “num estádio não se diz tudo o que se quer, senão que há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos” (DAMO, 2005, p. 388). Existem falas e condutas possíveis e autorizadas pelos frequentadores deste ambiente, ao passo que outras são rechaçadas (BANDEIRA, 2009).

Coloca-se como exemplo uma situação ocorrida durante as observações de campo, no Estádio Manoel Barradas, na fila para entrar no jogo do Vitória contra o Atlético-GO, em dezembro de 2010, que culminou no rebaixamento do time baiano.

A quantidade de gente era grande. Os policiais militares faziam a revista em todos e isso fazia com que a fila andasse lentamente. Impaciente a torcida empurrava, esbravejava, xingava até mesmo os policiais. Um torcedor gritava “a culpa é daquele filho da puta de capacete (referindo-se ao policial militar), queremos entrar porra, queremos entrar”. O empurra-empurra era grande e o aperto era cada vez maior. Alguns gritavam “cuidado ai que tem criança”, mas os gritos eram em vão. Eu não estava longe de entrar na área da revista, mas diante do sufoco, a distância parecia imensa. Comecei a ficar um pouco agoniada, pois não tinha como sair da fila e o aperto era cada vez pior. Uma multidão de gente impaciente e nervosa realmente não é uma coisa muito agradável. Não tínhamos outra escolha a não ser esperar. Próximo de entrar já na área de revista o “bicho pegou”. Alguns dos mais impacientes começaram a se utilizar da força física e bruta para abrir caminho e quem estivesse na frente que se virasse. Eu que até então permanecia calada e agoniada por dentro, resolvi abrir a

boca. Pedi para que parassem de empurrar, assim como outras pessoas estavam pedindo também. Assim que falei um homem logo gritou “Como é que para de empurrar? Você está num estádio de futebol, minha filha.” Não tive reação e nem respondi nada para ele. Só fiquei pensando no que ele disse. A frase martelava na cabeça. (Diário de Campo , 5/10/2000)

A frase “você está num estádio de futebol, minha filha” dita pelo torcedor enfatiza a ideia que o estádio é um espaço onde há permissividade ou até a necessidade de determinados comportamentos. A reclamação contra os empurrões e a utilização da força bruta, por parte de inúmeros homens, para abrir passagem vai de encontro a uma conduta típica e corriqueira daquele universo, sendo necessário o indivíduo lembrar aos reclamantes que ali é um estádio de futebol e isso pode acontecer. Ou melhor, “você é quem não deveria estar em um estádio de futebol, minha filha”? Para ele, como não ocorreu nada de anormal na situação não havia razão nem motivo para a queixa ter sido feita. Vale ressaltar que os comportamentos identificados em tal ocasião tem uma relação íntima com atributos associados às masculinidades em nossa sociedade.

Os famosos empurra-empurras nos portões de acesso em jogos de grande público, principalmente se deixar para entrar faltando poucos minutos para a partida, já são conhecidos. Entretanto, identifica-se que nas entradas destinadas aos sócios a tranquilidade é maior. Normalmente os tumultos ocorrem nas catracas de acesso dos torcedores que portam ingressos, pelo número bem maior de pessoas que adentram por eles. Na área do Sou Mais Vitória não foi identificado, durante as idas ao Barradão, maiores problemas. Conforme resalta também uma entrevistada:

Desagradável acho que era só a entrada, quando eu entrava com o bilhete, o ingresso. Que não era Sou Mais Vitória, era uma confusão horrível pra entrar. Um empurra, empurra. Acho que mais pela revista dos policiais que demora mais, né? Acho que cria um tumulto maior que é desconfortável. Todo mundo batendo no portão “Entra entra entra” e é gol e você ainda não entrou ainda...Pô, essa parte é a mais chata. Ai sou Sou Mais Vitória agora ai não tem mais confusão nenhuma. Entro no meu lugarzinho vazio. Não precisa comprar ingresso. Tá garantido já. (Torcedora comum 04)

Alguns desvios de conduta ou transgressões ocorrem de maneira recorrente dentro de um estádio de futebol, são ações que em outro ambiente estariam sujeitas a

serem recriminadas, mas que em tal espaço são naturalizadas e aceitas, diversas vezes, sem maiores questionamentos.

Outro exemplo é o fato de que em jogos de muito movimento é possível passar por verdadeiros “corredores poloneses” de torcedores urinando. As necessidades fisiológicas são feitas em qualquer lugar do estádio e arredores, principalmente em jogos de grande público, onde as filas dos sanitários ficam grandes. Segue um trecho das anotações realizadas:

Em jogos lotados, pergunto-me o motivo pelo qual não são colocados banheiros químicos dentro e fora dos estádios. Somos sempre obrigados a presenciar diversas cenas dos “mijões” que sem escrúpulos algum fazem suas necessidades em qualquer local e a vista de quem quiser que esteja passando. Certa vez, na saída do estádio, por exemplo, deparei-me com alguns rapazes que procuravam um local para urinar. Ao ver os outros urinando no muro de uma das entradas que inclusive contam com uma série de pinturas e desenhos em homenagem a ídolos e símbolos do time perguntavam: “Aqui pode? Ahh aqui pode também!”. Provavelmente ele achou que estaria muito visível ou não poderia fazer nas pinturas do muro, mas ao ver a quantidade de torcedores que faziam suas necessidades ali mesmo descobriu que ali também pode. Aliás, onde não pode? Ainda ouvi o comentário de um “educado” que dizia “espera a moça passar, espera a moça passar”, ao passo que os demais não pareciam preocupados. (Diário de Campo, 19/05/2013)

Nas idas ao Barradão, avistou-se também por duas vezes homens entrando no banheiro destinado às mulheres. Uma das vezes a polícia foi acionada. Situação semelhante foi narrada por uma das torcedoras entrevistadas:

Outro problema já foi no Barradão onde eu e mais outras pessoas que estavam comigo fomos ao sanitário e quando estávamos lá dentro fomos surpreendidas com um homem que entrou no banheiro, mas ele não entrou enganado. Ele entrou sabendo que ele estava entrando num banheiro feminino. Então causou aquele alvoroço todo. Eu não sei exatamente qual era a intenção dele, mas outros homens que estavam na porta percebendo o que estava se passando lá dentro começaram a ficar inquietos lá fora, meu marido, inclusive. E isso gerou certa confusão, né? (Torcedora comum 02)

Em outro jogo que chovia bastante, muitos rapazes se protegiam na parte coberta localizada na entrada dos banheiros, dentre eles o feminino também. Ao se dirigir ao sanitário uma das torcedoras presente esbravejou “eu não vou entrar ai, cheio de

homem na porta”. A fala da jovem simboliza um receio justificado por atitudes tantas vezes tomadas pelos homens nos mais diversos espaços, sejam públicos ou privados, como é o caso das formas de violência sexual comumente direcionada às mulheres, incluindo as formas verbais e físicas.

## 4. A TORCIDA ORGANIZADA

### 4.1 Organização

A Torcida Uniformizada Os Imbatíveis é a torcida organizada de maior expressão do Esporte Clube Vitória, clube esportivo brasileiro sediado na cidade de Salvador, no estado da Bahia. A organização foi fundada em 20 de outubro de 1997 tendo como objetivos: a) mudar a postura tida como passiva da torcida do Esporte Clube Vitória; b) impor respeito sobre os adversários no Barradão; c) apoiar de forma mais vibrante o clube; d) acompanhar de perto o dia a dia do time, reivindicando e protestando quando necessário.

A torcida organizada em questão possui sede social/administrativa no Shopping Baixa dos Sapateiros em Salvador e também conta com “[...] um organograma básico que inclui Presidência/Diretoria/Associados” ( TEIXEIRA, 2006, p. 3). Mas especificamente a TUI conta com uma organização que inclui: Presidência e Vice - Presidência; Diretor de Vendas; Diretor de Bateria; Diretor de Caravanas; Diretor de Comunicação; Puxador; Grupo de apoio responsável pelos materiais da torcida (faixas, bandeiras etc.); Bateria. Observa-se que os cargos e funções fixas são ocupadas quase que exclusivamente por integrantes homens, exceto a bateria da torcida, que já conta com três mulheres, como será mais bem desenvolvido no decorrer deste estudo.

A Bateria da TUI, composta por instrumentos de percussão, pode ser considerada a alma ou o coração da torcida organizada e do espetáculo que ela proporciona nas arquibancadas do estádio. A Bateria é vital em uma torcida: “sua marcação dá o tom para as coreografias encenadas juntamente com os cânticos e gritos de guerra. Trata-se de uma ação contínua que inclui a agitação frenética das bandeiras, além dos braços e mãos numa certa cadência” (TEIXEIRA, 2006, p.15).

Para fazer parte da Bateria é preciso, além da habilidade com os instrumentos, ser “conceituado” ou respeitado na torcida, ou seja, dedicar-se a organização e estar disponível para participar sempre dos jogos (MONTEIRO, 2003). É preciso também

ter compromisso e responsabilidade para chegar cedo e sair mais tarde dos estádios, além de participar dos ensaios. Na palavra fortemente utilizada pelos torcedores, é preciso ter “disposição” para tocar e agitar o estádio os noventa minutos, sem parar. O estádio pode se calar, os torcedores podem entoar com menos ênfase os cânticos, mas a bateria não para de tocar, seja lá qual for o resultado da partida.

A Bateria da TUI conta agora com um “puxador” (no início das observações havia dois), um membro antigo e respeitado pelos demais integrantes que fica durante quase toda a partida, de costas para o jogo e de frente para a arquibancada, levantando a torcida e transmitindo as músicas que deverão ser cantadas e tocadas de acordo com o momento. Além dos cânticos de incentivo ao time, o “puxador” procura contaminar os demais torcedores a entoarem gritos de guerra que desestabilizam e ridicularizam o time rival, as torcidas adversárias, a arbitragem etc. (TEIXEIRA, 2006).

O puxador deve sempre ter a sensibilidade de cantar ou xingar nos momentos certos de acordo com as circunstâncias apresentadas no jogo. Ele deve saber mexer e sensibilizar a torcida na hora certa. O seu desempenho depende em grande parte do próprio carisma e respeito diante de toda a torcida. Só isso não basta, deve também persuadir todos os outros torcedores que não participam da Torcida Organizada para ampliar o incentivo ao time. (TOLEDO, 1996, p. 78)

A TUI é dividida em “Comandos”, expressão utilizada pela torcida para separar grupos de torcedores de acordo com a região onde moram. Para cada um desses segmentos existe um monitor, cuja “[...] função é coordenar seu grupo, servindo como uma espécie de elo, fazendo mediação entre a Diretoria e os componentes sob sua responsabilidade” (TEIXEIRA, 2006, p. 3) Conforme as informações do site oficial da TUI, para a criação de um Comando é preciso à autorização da Diretoria para indicação de monitoria e organização do núcleo. Além disso, para um Comando ser considerado ativo, é necessário que se tenha dez integrantes cadastrados no Plano de Sócio Contribuinte, ou seja, dez sócios da torcida. Os Comandos inativos não podem promover eventos e festas, fazer materiais (faixas, bandeiras, camisas) e nem levar os mesmos para o estádio.

Observa-se que é comum cada integrante se identificar não só como membro da torcida organizada, mas sinalizando também de qual Comando faz parte. Para cada Comando é utilizado um gesto diferente com a mão, bem como é possível observar que o número do Comando acompanha, muitas vezes, os nomes dos integrantes nos sites de relacionamentos e em pichações feitas pela cidade. Há uma demarcação de território também nos bairros de Salvador entre as torcidas rivais, TUI e Bamor (torcida organizada do Esporte Clube Bahia e maior adversária da TUI). Há uma rivalidade acirrada entre os Comandos da TUI e os Distritos da Bamor, o que por algumas vezes, gera conflitos nos bairros.

A torcida conta também com o “Comando Feminino”, comando especial para as mulheres integrantes da instituição e o GAS, Grupo de Ação Social da TUI, formado por integrantes que tem como objetivo promover campanhas e ações voltadas para as questões sociais e possui o slogan: “O Vitória nos une, a cidadania nos fortalece”. Dentre as ações realizadas pela torcida destacam-se as seguintes campanhas: a) “Rubro-negro sangue bom” em prol da doação de sangue; b) “Sopão Caverna” para distribuição de sopa para moradores de rua; c) “Rubro-negro Nota 10” visando incentivar o estudo dos sócios e distribuição de materiais escolares para creches e escolas; d) “Cavernael” com doações de roupas, brinquedos e cestas nas épocas natalinas; e) “A festa vai começar” que promove eventos em bairros populares nos dias das crianças. Uma das ações realizadas pelo GAS com a entidade LOBA-Lúpicos Organizados da Bahia, que congrega portadores de lúpus, foi acompanhada de perto. Foi realizado um encontro com as integrantes da LOBA na sede da mesma e um documentário foi gravado e divulgado no *Youtube* com o intuito de repassar e divulgar as necessidades e os problemas enfrentados pelos pacientes.

Sobre o Comando Feminino da TUI, vale dizer que ele foi fundado em 30/07/2006 e, segundo as entrevistadas, foi o primeiro núcleo feminino criado em torcida organizada na Bahia, o que é exaltado por elas por conferir um caráter de inovação e pioneirismo (COSTA, 2006). Informa uma das entrevistadas, sócia da torcida há 12 anos:

Na verdade ontem fez 7 anos e foi fundado por mim e mais seis pessoas que são componentes e integrantes da torcida organizada. Na época o

objetivo inicial era você criar um espaço mais feminino pela questão do preconceito mesmo de que mulher não vai pra estádio, então aquela coisa toda. Então o objetivo inicial do Comando foi criar um núcleo feminino que na verdade foi o pioneiro no estado aqui da Bahia, que não tinha até então. É... Então o objetivo nosso era fazer o Comando Feminino da Torcida Os Imbatíveis, que a torcida é dividida em comandos, né? Que normalmente é como se fossem subgrupos de bairros e o Comando Feminino é diferente ele reunia todas as mulheres pra sentar, debater, mulheres que iam com os namorados ficavam meio sem jeito. E aí o objetivo era reunir todas elas e criar aquele grupo dentro da torcida organizada com o mesmo objetivo. (Torcedora organizada 02)

De acordo com informações do Vice-Presidente da torcida, recebidas em uma visita à sede da TUI em junho de 2013, o Comando Feminino conta com 15 mulheres cadastradas, entretanto este número não espelha o total de mulheres sócias da torcida em geral. Segundo o integrante, os outros Comandos possuem mulheres inscritas. Como não é possível realizar o cadastro em mais de um Comando, para “fortalecer” (ajudar e ativar os Comandos) os núcleos dos bairros, muitas mulheres optam por se cadastrar nos mesmos, mas quando há reunião e ações do Comando Feminino elas também se fazem presente.

Sobre o número de integrantes na organização, o Vice-Presidente informou que o agrupamento contava com 929 sócios cadastrados e que aproximadamente 5.000 torcedores no total “colam” com a torcida, destas 5.000 pessoas, haveria cerca de 300 mulheres, o que representa cerca de 6%. De acordo com uma das fundadoras do Comando Feminino, o núcleo contaria com cerca de 50 torcedoras. Enfatiza-se novamente que os números, exceto os do cadastramento, não são exatos e sim aproximações.

A exigência do cadastro dos torcedores organizados é feita pelo Ministério Público e fiscalizada pela Polícia Militar da Bahia nos jogos, isto é, depois da assinatura do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), os integrantes de torcidas organizadas só poderão adentrar aos estádios trajando ou levando os materiais de seus agrupamentos com a apresentação da carteira de sócio cadastrado na torcida.

A partir dessa próxima quinta-feira (27), serão adotadas medidas para conter a violência nos estádios pelas torcidas organizadas tanto do Bahia quanto do Vitória. [...] O objetivo principal do TAC é justamente dirimir a violência nos jogos de futebol, motivo pelo qual as torcidas irão se

comprometer a não agirem com violência, ou mesmo fazer apologia à tal em vídeos ou no estádio. Será proibido também que elas venham a fazer parte de qualquer tipo de manifestação em frente à imóveis residenciais. Para que venha a ser feita qualquer tipo de manifestação, há a necessidade de prévia comunicação à Polícia Militar. (Bahia Notícias, 26/01/2011)

A composição das torcidas organizadas não é homogênea. Participam pessoas “[...] que respondem a processos criminais, viciados, estudantes, trabalhadores das mais diversas profissões, pais de família, mulheres, jovens. Existe uma pluralidade de “agentes” que assumem diversos papéis nos “jogos” de relações sociais.” (PIMENTA, 2000, p. 126) Sobre isso, destaca uma das entrevistadas: “[...]Eu conheci galera de periferia, eu conheci pessoas de classe média, eu conheci galera que tem grana, mas no fundo todo mundo é Vitória e eu aprendi a não diferenciar uma pessoa da outra.” (Torcedora Organizada 01)

## 4.2 Símbolos e Características

A torcida Os Imbatíveis possui como primeiro lema e marca principal da sua ideologia a frase: “Com o Vitória além da morte, acima de nós só Deus!”. Outra sentença bastante exaltada entre os membros da organização é a seguinte: “Sozinhos somos fortes, juntos somos Imbatíveis!”. Observa-se que se a fidelidade incondicional para com o clube é altamente cobrada, a mesma é também um requisito fundamental entre os integrantes da torcida, que devem permanecer fiéis e unidos uns aos outros em prol do clube, da organização e até nos momentos de embate que podem vir a acontecer. A denominação “Imbatíveis” já comporta uma rede de significados que gira em torno de algo que não pode ser combatido, vencido nem superado por seus rivais nos mais diversos aspectos. Denominações com objetivos semelhantes são largamente utilizadas no futebol, seja entre as torcidas ou entre os clubes. Há uma busca incessante por provar superioridade e invencibilidade, raça e luta, virilidade e garra, força e coragem. A característica fiel, o espírito guerreiro e a disposição para acompanhar o time, independente dos obstáculos são altamente exaltados nestas agremiações, além de ser um sinal de

superioridade frente os rivais:

Torcedor do Vitória é fiel, é fiel. Barradão é longe, difícil acesso, a diretoria não investe naqueles estacionamentos, até quem tem carro é ruim, pra sair é um pé de pica do caralho, e a galera vai. Eu conheço menino de torcida que pra voltar do estádio é horrível, tem gente que nem chega em casa no dia, que tem que dormir na casa do amigo, pega carona de caminhão de lixo, muitos meninos pegam carona de caminhão de lixo pra voltar, dormem na estação Pirajá, são agredidos por policias no percurso. [...] Nossas dificuldades são muito maiores. (Torcedora Organizada 01)

No campo da rivalidade e da disputa futebolística não existe espaço para fraqueza, se for para ser derrotado, que seja lutando, como um “guerreiro”. O hino antigo do Esporte Clube Vitória serve como exemplo: “Somos torcedores de grande valor. Somos rubro-negros não temos temor [...] Somos invencíveis. Não vamos temer [...]”.

Conforme Andrade (2004) nos estádios de futebol, existem muitos estímulos que remetem o torcedor a uma prática guerreira, considerada essencialmente masculina.

Para um guerreiro, é fundamental o sentimento de pertença, e as bandeiras, os cânticos, os rituais, as faixas das torcidas, dão possivelmente ao individuo inserido nessa experiência o sentimento de pertencer a um exército e se tornar, de fato um guerreiro (ANDRADE, 2004, p. 135).

Através da utilização de certas expressões, gritos de guerra, comportamentos e práticas, ritualiza-se entre as torcidas organizadas uma espécie de combate constante. O universo militar inspira tais agrupamentos, fornecendo uma série de símbolos e imagens que são reapropriados de outras formas neste novo contexto. (TEIXEIRA, 2006) Entre os integrantes da TUI é possível identificar a utilização simbólica desta linguagem militar: “comandos”, “linha de frente” etc., bem como nos cânticos, que serão abordados posteriormente.

Em todos os materiais produzidos pela torcida organizada, das faixas às vestimentas, são expressos os símbolos e “marcas” que constituem verdadeiros sinais de identificação e diferenciação entre esses agrupamentos. (TEIXEIRA, 2006) Muitos torcedores e torcedoras organizadas possuem os símbolos distintivos da organização ou do clube tatuados na pele também.

Os símbolos de uma torcida constituem, portanto, sua marca. Ao serem eleitos, tornam-se um sinal coletivo, indicador de sua identidade, estando seu significado referido, não neles mesmos, mas nas associações que possibilitam. É como se possuíssem uma aura capaz de evocar sentimentos e valores que animam a imaginação com visões retrospectivas e prospectivas que reafirmam a coesão coletiva destes agrupamentos. (TEIXEIRA, 2006, p. 9)

Além do símbolo principal da torcida representado pelo Capitão Caverna, figura rude e que está sempre com um porrete na mão, os subgrupos da organização também possuem seus símbolos específicos. (Figura 3) No caso do Comando Feminino, o símbolo é a Índia que visa representar a garra, a luta e a coragem das integrantes do núcleo. (Figura 4) A ideologia e o lema são os mesmos da torcida organizada. O Comando é comumente chamado de “bonde das índias” e as integrantes de “guerreiras imbatíveis do leão”. Ao ser questionada na entrevista sobre a representação da índia, uma das fundadoras do núcleo afirmou:

Guerreira, né? Na verdade, primeiro que foram os habitantes iniciais aqui do Brasil, são mulheres guerreiras que lutam com suas armas próprias, pra poder defender suas tribos e seus objetivos. E o objetivo da representação da índia é esse aí. (Entrevistada Organizada 02)



Figura 3: Símbolo da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis



Figura 4: Símbolo do Comando Feminino da TUI

Dentro do estádio há uma divisão territorial entre as torcidas do Vitória, demarcadas por faixas. As faixas acompanham os torcedores organizados também nas caravanas e jogos fora de Salvador, sendo uma forma de “representar” a torcida e comprovar que ela se faz presente e apoia o time em qualquer lugar, o que confere reconhecimento. As faixas viradas ou de “cabeça para baixo” é uma forma de protesto e expressar descontentamento por alguma circunstância. (Figura 5) No dia 24 de novembro de 2012, dia que marcaria o retorno do Vitória a primeira divisão do Campeonato Brasileiro, um dos momentos mais aguardados pelos torcedores era a virada da faixa da TUI, que se manteve de ponta-cabeça até o retorno do clube a série A, como forma de protestar diante da queda do time para a segunda divisão.



Figura 5: Faixa da TUI de cabeça para baixo como forma de protesto

Além de demarcarem o território nos estádios, as faixas, bandeiras e bandeirões são, portanto, sinais de visibilidade e reconhecimento. Apresentar uma grande quantidade de tais elementos ou um “bandeirão” maior e mais bonito do que o dos rivais é motivo de ostentação e confere prestígio à torcida. A abertura do “bandeirão” e do “camisão” utilizados pela TUI, principalmente em jogos especiais, é acompanhada, muitas vezes, de gritos do tipo “ei, cuzão, isso sim que é bandeirão” ou “ei, cuzão, esse aqui não rasga não”, referindo-se a um episódio em que o “bandeirão” da Bamor, torcida organizada do Bahia, rasgou e virou motivo de gozação dos adversários.

Vale destacar que esses materiais devem ser protegidos, tendo em vista que os mesmos são cobiçados pelos rivais que, por diversas vezes, “[...] organizam verdadeiras operações para tentar apossar-se deles. Para qualquer torcida, ter algum deles em poder de outros é degradante e certeza de revanche, que na linguagem dos torcedores recebe a denominação de “troco”” ( TEIXEIRA, 2006, p.11). A prática de “roubar” ou “tomar” camisas e vestimentas dos adversários e expor como uma espécie de troféu também é recorrente.

### **4.3 Os espaços**

Como já foi dito, é uma prática corriqueira no Barradão utilizar as faixas ou as torcidas como referências para se situar e informar a localização no estádio. Por exemplo: “vou ficar na TUI” ou “vou ficar na 12” (Torcida Camisa 12 do Vitória). Dentro do Estádio Manoel Barradas, a torcida “Os Imbatíveis” se localiza no fundo do gol que dá para a Avenida Paralela à direita das cabines de rádio. A Camisa 12, por exemplo, encontra-se localizada na direção oposta, ao lado da torcida visitante sendo possível estabelecer contato com os torcedores adversários, mesmo com as grades de separação. É comum alguns torcedores irem para este lado tirar “um sarro” e ofender verbalmente os rivais. Pela proximidade, deve-se também estar ciente que poderá ser alvo de xingamentos mais específicos e gestos obscenos direcionados. Outras torcidas menores também demarcam área com faixas e bandeiras, como a Viloucura e o Comando Vermelho e Preto.

A depender do local em que se decide ficar, recomenda-se saber o mínimo sobre as práticas e como se portar. Em cada localidade do estádio, espera-se um comportamento diferenciado. Se em determinado lugar as pessoas preferem assistir a partida sentadas e de maneira mais contida, como é o caso das cadeiras, na TUI, por exemplo, sentar é sinônimo de fraqueza e de quem não quer apoiar o time, pulando e cantando sem parar. Ao lado dos “Imbatíveis” se você não estiver disposto a cantar, ficar parado, sentar durante o jogo, prepare-se para tomar uns puxões de orelha, umas futucadas nas costas, ouvir “canta porra”, “tá com a pica na boca?” ou “levanta ai, levanta ai”. A prática de levantar a bandeira, impedindo a

visibilidade da partida, faz muitos “chiarem” e funciona como uma espécie de punição para o desânimo dos torcedores. Caso voltem a cantar e a agitar, a bandeira é abaixada e os torcedores poderão assistir ao jogo normalmente. É necessário conhecer os códigos e se adequar a eles se quiser ficar no espaço destinado a uma torcida organizada sem maiores incômodos.

Será utilizada para exemplificar uma situação ocorrida em um jogo do Vitória contra o São Paulo nas linhas posteriores. Antes disso se faz necessário explicitar que no universo das torcidas organizadas existem alianças e inimizades. As torcidas aliadas mantem uma relação amigável entre si, ou seja, unem-se para aumentar suas forças e viajar a outros estados recebendo apoio (hospedagem etc.) dos torcedores amigos locais, além de contar com a “proteção” dos aliados em suas caravanas pelo Brasil. Ocorre que normalmente as torcidas organizadas aliadas da TUI são rivais das torcidas aliadas da Bamor e, vice-versa.

A rivalidade entre torcidas não se resume ao âmbito local (Bahia x Vitória; Bamor x TUI), existindo organizações de outros cantos do país que também são rotuladas como grandes rivais, principalmente se tiver amizade com a maior adversária do estado. Não esquecendo que podem existir rixas entre as torcidas organizadas de um mesmo clube.

A Torcida Jovem do Sport de Recife é uma grande “irmã” da TUI. Nos jogos em que o Vitória enfrenta o Sport, apesar da disputa em campo, observa-se um clima agradável entre as “organizadas”, inclusive, durante as partidas as torcidas se saudam com cânticos do tipo “ão ão ão o Caverna e o Lampião”, fazendo referência aos seus símbolos. (Figura 6) Nas próprias áreas de convivência fora dos estádios os torcedores se misturam, as bandeiras da Jovem do Sport marcam presença na TUI e os integrantes também utilizam as vestimentas da mesma, o contrário também ocorre. O fato é que nem todos os torcedores comuns conhecem tais condutas.

No jogo citado no início do parágrafo do Vitória e São Paulo, havia uma bandeira no espaço da TUI e, conseqüentemente na torcida do Vitória, de uma torcida aliada. Um torcedor comum que não compreendeu o que a bandeira do time que enfrentava o Vitória fazia no lado destinado aos torcedores rubro-negros, sentiu-se ofendido e avançou sobre a bandeira visando tirá-la dali. O incidente causou certo incômodo

nas arquibancadas e alguns relatos afirmaram que o torcedor havia rasgado a bandeira e acabou sendo repreendido de forma dura por integrantes, homens e mulheres, da torcida organizada em questão, o que acaba por reforçar a ideia de que os espaços do estádio guardam suas peculiaridades e exigem padrões de condutas distintos.



Figura 6: Bandeiras unidas representando a aliança entre a TUI e a Torcida Jovem do Sport em Recife

Outro fator distintivo, é que, além do evento futebolístico que ocorre dentro de campo, a torcida promove em seu espaço uma grande festa e um espetáculo à parte, o que acaba por atrair muitos torcedores comuns para o espaço destinado à organizada. (Figura 7,8) Em algumas ocasiões foi possível observar em outros locais das arquibancadas torcedores com o olhar fora do jogo, contemplando de longe as danças e coreografias da TUI. Ouvia-se, por diversas vezes, em outros espaços do estádio uma cantoria baixa e tímida das músicas da torcida, por parte de outros torcedores, inclusive, crianças, garotos e garotas mais jovens, acompanhado dos responsáveis, como quem queria estar “do lado de lá”.



Figura 7: Festa da TUI na arquibancada do Barradão



Figura 8: Festa da TUI nas arquibancadas do Barradão

Seguem as impressões sentidas e registradas no diário de campo durante as observações e a participação no estádios Barradão:

A primeira vez que estive presente no lado da TUI no Barradão foi em 2008 em um jogo contra o Cruzeiro pela Série A do Campeonato Brasileiro, principal campeonato do país. Inicialmente, ficamos do lado oposto à torcida organizada citada, próximos à torcida visitante, para que não nos separássemos tanto dos conhecidos e queridos adversários cruzeirenses que foram conosco. Entretanto a permanência em tal espaço não durou muitos minutos. Ao ouvir os cânticos e observar de longe as coreografias, o coração acelerou e corremos, corremos de verdade, debaixo da chuva para aquele lugar. Definitivamente, um jogo ao lado e no espaço da festa de uma torcida organizada encanta e faz cantar. Os funks e outros ritmos agitam a arquibancada, os torcedores pedem para cantar e até quem não faz parte da agremiação se deixa embalar pelo som. É contagiante! Chovia muito, muito mesmo. As escadas do Barradão pareciam cachoeiras. De fato, quando o jogo está empolgante e a torcida empolgada não tem chuva certa, aliás, ela é até motivo para se pular mais ao som da música “ Vou deixar chover, vou deixar molhar, só saio dessa porra quando meu Leão ganhar” [...] Embora exista muito receio e preconceito com os torcedores organizados, das poucas vezes que não fiquei no espaço dos mesmos, pude observar o encanto com que muitos torcedores, jovens e até crianças olhavam para a festa que eles faziam. Muitos cantavam discretamente os cânticos e parecia que a festa do lado de lá estava chamando mais atenção que o próprio jogo. Tendo em vista as vezes que não acompanhei a partida por lá, os espaços novos que experimentei e olhe que foram tantos, rodando todos os lados das arquibancadas, cadeira cativa e até as escadas perto dos portões por faltar lugar nas arquibancadas em jogos cheios, posso dizer, não há lugar mais empolgante, para quem gosta de sentir de perto a animação e vibração dos torcedores. (Diário de Campo, 7/02/2013)

Se a animação e vibração é capaz de atrair novos integrantes e também os chamados “torcedores emprestados” que unem-se à torcida organizada somente nas arquibancadas (ANDRADE 2004), por outro lado, ainda existe a visão

compartilhada por muitos de que o local da organizada não é bom e adequado para ficar, embora seja possível identificar crianças de colo, meninos e meninas, pessoas de ambos os sexos, de todas as idades no espaço da TUI. Para alguns o ambiente é temido e impróprio, as justificativas são das mais variadas, indo do medo de tumultos ao cheiro de maconha. “Você é doida? Ali só tem marginal e maconha”, foi uma frase proferida por um torcedor conhecido ao ser chamado para assistir a partida no lado dos “Imbatíveis”.

## 5. EXPRESSÕES, GRITOS DE GUERRA E AGRESSÕES VERBAIS: A LINGUAGEM DA TORCIDA

No estádio de futebol os palavrões e expressões de baixo calão, presentes nas falas individuais ou nos cânticos e gritos de guerra ritmados e coletivos, são incorporados ao espetáculo futebolístico, de tal forma, que muitos torcedores e sujeitos envolvidos nesse universo consideram que o esporte não teria graça sem os xingamentos tão ouvidos nas arquibancadas. Conforme concorda Nelson Rodrigues na sua obra “À sombra das chuteiras imortais”:

Mas, se nas relações humanas em geral, o nome feio produz esse impacto criador e libertário, que dizer do futebol? Eis a verdade: — retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível, Como jogar ou como torcer se não podemos xingar ninguém? (RODRIGUES, 1993, p.20).

Se no dia a dia os palavrões são repreendidos e vistos como deselegantes, sendo proferidos comumente em momentos de discórdia ou conflito, nos dias de jogos, muitas vezes, são ditos de forma gratuita, ou seja, “são desferidos em meio a outros comportamentos expressivos tão importantes quanto a própria fala” (TOLEDO, 1993, p. 28) “O contraste entre o que se permite falar nos estádios e fora deles é ainda maior quando se trata de mulheres que têm a cumprir na sociedade um papel de delicadeza e boas maneiras.” (DAMO, 1997, p. 60) Sobre isso, relata uma das torcedoras entrevistadas:

Até que dizem que o espaço do futebol, o mundo da bola não é ambiente pra mulher, porque é muito palavrão. Ai acham que nós somos as bonecas e que não podemos falar um "vai tomar no cu". Oxe! É o que eu mais xingo, eu xingo o jogo todo. Mulher não pode xingar uma “desgraça”, vá o juiz roubar pro Vitória pra vê se eu não xingo. Xingo o jogo inteiro. Então, os homens nessa tentativa ainda de ter um controle sobre a mulher ficam pregando, ficam pregando os valores hipócritas, que não fazem e nunca fizeram sentido e hoje em pleno século 21 com o protagonismo da mulher não tem mais lógica alguma. (Torcedora Organizada 01)

O fato é que os palavrões são utilizados no futebol nas mais diversas situações e momentos do jogo, inclusive para comemorar. Quando ocorre o esperado gol, talvez

a palavra “gol” seja a menos dita. “Desgraça”, “porra”, “caralho” são bastante usadas nas comemorações, mas também como forma de descontentamento.

O crescente caráter competitivo adquirido pelo futebol, aliado ao padrão de comportamento mais ostensivo inaugurado pelas Torcidas Organizadas, somados à identificação do futebol com a virilidade e ainda todas as relações de poder que envolvem os variados interesses nele contidos, proporcionam às relações jocosas e agressivas uma significação importante no entendimento do comportamento verbal contido na fala torcedora (TOLEDO, 1993, p.24).

### 5. 1 Expressões pejorativas e palavrões

Os palavrões utilizados pelos torcedores trazem a tona quase sempre a temática da sexualidade ( “comer seu cú”, “tomar no cú”, “pau no cú”, “chupa rola”, “cuzão” etc.) (TOLEDO, 1993) Além disso, as expressões e máximas pejorativas são associadas, na grande maioria, à figura feminina e homossexual (“jogar de salto alto”, “jogar feito uma mocinha”, “bicha”, “viado”). Os torcedores adversários são chamados de “elas” e os mascotes dos clubes são feminilizados como uma forma de ofender o outro. Entre os torcedores organizados se observa situação semelhante. A Bamor, maior rival da TUI, é chamada pelos rubro-negros de “Bagay”, “Bamoça”, “os gays” e “elas”, o contrário também ocorre. Conforme se observa na fala de duas das entrevistadas “E olhe que a Bamor... Não gosto nem de falar esse nome, mas os gays [...]” e “E a mais sem graça parte dos gayzinhos né?” Ambas referindo-se aos torcedores do Bahia. Segue mais um relato:

E assim a gente foi o caminho todo e os caras “A-e-i essa puta eu já comi”. Porque é o que a gente canta mesmo quando a gente vê eles, até eu canto se a torcida do Bahia passar. De rival é normal. Por que se vem um cara a gente vai chamar de corno, “seu corno já comi sua mulher”, “viado”. (Torcedora Organizada 01)

As “piadas” e gozações virtuais entre os torcedores de futebol seguem o mesmo caminho, apresentando quase sempre um cunho sexual. (Figuras 9,10) De acordo

com GROSSI (2004), no Brasil o que faz do homem “verdadeiramente homem” é a posição de penetração na atividade sexual, ou seja:

Uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo [...] Num dos modelos tradicionais de gênero no Brasil, estudado por Peter Fry, homem é aquele que “come”, ou seja, que penetra com seu sexo não apenas mulheres, mas também outros homens, feminilizados na categoria “bichas” (GROSSI, 2004, p.6).

O trabalho “Tem pente aí? Reflexões sobre a Identidade Masculina” do autor Roberto DaMatta exemplifica bem a situação. A partir de uma brincadeira entre amigos que marcou sua infância, o autor demonstra como se constrói socialmente a masculinidade e o exercício da sexualidade. A brincadeira abordada consistia em perguntar para outro rapaz “tem pente aí?” passando a mão em suas nádegas. O verdadeiro homem deveria resistir moderadamente à brincadeira e não deixar que lhe tocassem. Em outras palavras, o homem brasileiro deve controlar suas nádegas para não ser penetrado (GROSSI, 2004). Os “homens de verdade” não têm sensibilidade nas partes erradas e a brincadeira apareceria como um teste de masculinidade. Caberia aos homens uma eterna vigilância das emoções, gestos e do próprio corpo:

Hoje, com a distância do tempo e com a ajuda da prática antropológica, vejo que a brincadeira do “Tem pente aí?” era mais do que um modo histriônico e um tanto grosseiro de tratar os outros, pois se constituía num gesto ritual, destinado a moldar ou a socializar, para ser mais preciso, a nossa masculinidade. Ou seja, a brincadeira era um modo ritualizado, posto que ambíguo, arbitrário, repetitivo e socialmente aprovado, de chamar a atenção para uma parte sagrada do corpo masculino: o traseiro. Um pedaço do corpo que, naquela cultura (e no Brasil em geral) era tido como especial, tinha que ser colocado à parte e, sendo tabu, só poderia ser tocado em circunstâncias especiais, por pessoas especiais. Ademais, se a pessoa era verdadeiramente “Homem” (com “H” maiúsculo, como se dizia), ela deveria ser uma área do corpo absolutamente insensível a qualquer toque ou passe (DAMATTA, 2010, p. 137).



Figura 9: Montagem compartilhada por torcedores em ambientes virtuais como forma de gozação

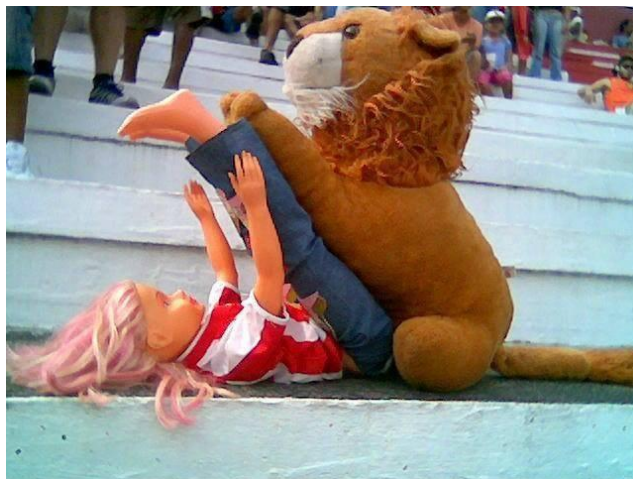


Figura 10: Figura utilizada por torcedores do Sport, mas que foi reapropriada pela torcida do Vitória quando o time ganhou do Náutico, uma vez que ambos possuem o Leão como mascote. Frases como "o leão estuprou a barbie" foi muito vista nos meios virtuais.

Dentro desse contexto, exaltam-se os atributos relativos às masculinidades, em detrimento das características tidas como femininas na sociedade brasileira. "Mulher" e "gay" são xingamentos. Ter homossexuais no clube ou na torcida é motivo de gozação e piada entre os adversários. Não é incomum observar, por exemplo, nas redes sociais alguns vídeos de torcedores gays declarando em reportagens televisivas para qual time torcem sendo divulgados como motivo de chacota e comprovação de que determinada torcida é "uma torcida de gay", o que é mal visto pelos torcedores. Recentemente ocorreu uma situação emblemática com o

jogador Emerson Shake, do Corinthians. O jogador postou uma foto dando um “selinho” no amigo e a imagem circulou na Internet gerando uma grande polêmica, “piadas” e até mesmo protestos.

Na segunda-feira, um grupo de torcedores reagiu e foi ao centro de treinamento do clube para protestar. Identificados como membros da organizada camisa 12, os adeptos alvinegros levaram faixas com dizeres como “Viado não”, “Respeito é para quem tem” e “Vai beijar a p.q.p. Aqui é lugar de homem”. Além disso, entoaram gritos de cobrança e prometeram “tumultuar a vida” do jogador caso não houvesse uma retratação. (UOL, São Paulo, 23/08/2013)

A situação, embora tenha ocorrido em São Paulo, exemplifica e comprova como o universo futebolístico ainda é conservador, amplamente preconceituoso e permeado por fofocas. Diante do ocorrido, o site da Sportv realizou a enquete “Como você reagiria se um jogador do seu time assumisse publicamente ser homossexual?”. Respondida por 3.063 pessoas, os resultados foram os seguintes:

[...] **62,81%** dos internautas que votaram na enquete declararam “não aceitar” um jogador assumido homossexual atuar pelo seu clube de coração. Na segunda colocação, **21,42%** disseram que respeitariam a condição sexual do atleta por ser uma questão da vida pessoal dele e responderam: “tanto faz, é a vida privada do jogador”. Apenas **13,42%** dos internautas tiveram uma postura menos conservadora. Eles disseram que apoiariam o jogador do seu time, caso fosse homossexual assumido, e também apoiariam que outros jogadores pudessem se declarar. A resposta “tudo bem, desde que não demonstre” recebeu a menor quantidade de votos, **2,35%**. (Sportv, Rio de Janeiro, 20/08/2013)

Outro ponto notado entre os torcedores é a referência à “companheira ou mãe do outro”, seja este outro o adversário em campo, a torcida rival ou o juiz, com intuito de ofender ou desqualificá-los a partir dos xingamentos direcionados às mulheres ou a colocação das mesmas em posição de objeto sexual ( “comer sua mulher” “aquela gostosa”). Dizer que vai “comer” a mulher do rival e o qualificar de “corno” fere a honra masculina. A mãe do juiz também é uma figura bastante lembrada durante as partidas futebolísticas (“sua mãe é minha”, “sua mãe, aquela puta, vagabunda”, “filho da puta”, “sua mãe, aquela arrombada”, “no cú da sua mãe”, “vou comer sua mãe”).

A situação das ofensas se agrava quando há a presença de mulheres na arbitragem, mas especificamente como bandeirinhas. Um dos ataques de torcedores que mais chamou atenção no decorrer de tantos jogos no Barradão ocorreu em um jogo do Vitória contra o Cruzeiro, em novembro de 2013. Pela importância da partida, a torcida estava nervosa mais que o normal e houve um suposto lance de erro da bandeirinha. Somadas ao coro coletivo de “puta, puta, puta” que se estendeu em diversos momentos do jogo, mesmo bem depois do ocorrido, as falas individuais chamaram atenção durante toda a partida e ao final dela. “Arrombada”, “vagabunda”, “prostituta”, “sapatona”, “mal comida”, “vai lavar as calçolas”, “vai carregar água na cabeça” foram as “ofensas” mais leves.

A fala de dois torcedores merece destaque: “Eu queria ter uma escopeta aqui agora, pra atirar nela e a bala ir bem no meio do cu dessa vagabunda” e “la juntar todo mundo pegar essa vagabunda estuprar a noite toda, ate esfolar, até fazer um filho nela, ai ela ia vê”. Ao final do jogo, quando alguns jogadores do Esporte Clube Vitória foram tirar satisfações com a bandeirinha, muitos também gritavam “mete a porra nela”. Ressalta-se que durante os ataques não foi possível observar nenhuma discordância, os demais torcedores ouviam as ofensas, ofendiam junto ou davam risada, não havia reprovação.

As mulheres dos jogadores estão sempre na mira dos torcedores. Durante a Copa das Confederações de 2013, por exemplo, a cantora Shakira, esposa do jogador espanhol Piqué, foi o centro das atenções. Inúmeras “piadas” foram feitas com o nome da cantora após a derrota da Espanha para a Seleção Brasileira, até mesmo bonecas eróticas infláveis foram filmadas na torcida simbolizando a artista. Situação semelhante ocorre com o jogador Victor Ramos do Vitória que teve um relacionamento afetivo com a modelo Nicole Bahls. Referências de todo tipo a modelo são comuns no Barradão.

Neste contexto, os estádios de futebol aparecem como “ [...] locais de alvitamento e de difamação simbólica das mulheres (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 343), onde os sujeitos buscam “reforçar a masculinidade por meio da troça não apenas das mulheres, mas, também, dos homossexuais.” (DUNNING, 1992, p. 401)

Conforme Wezer-Lang (2001, p. 465), na socialização masculina, para ser “verdadeiramente homem”, é necessário não ser associado a uma mulher, ou seja, o

feminino é o polo de rejeição central, “o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal”.

## 5.2 Cânticos e gritos de guerra

Toledo (1993) classifica os cantos e gritos de guerra que ecoam pelo estádio em quatro categorias: a) incentivo ao time e jogadores; b) protesto; c) intimidadores; d) autoafirmação das próprias torcidas, particularmente as organizadas.

Lembra-se que os cânticos e gritos de guerra aqui trabalhados, são entoados, quase sempre, primeiramente pela TUI. É na torcida organizada onde se tem início, na maioria das vezes, os cânticos que serão cantados, posteriormente, por todo estádio.

Nos gritos de incentivo é possível identificar abertamente as declarações de amor ao time. Conforme Bandeira (2010), amar o time aqui é “coisa de macho” e sinal de superioridade, ou seja, aquela torcida que ama mais é melhor do que aquela ama menos, que apoia menos, que comparece ao estádio com menos frequência. Segue um exemplo:

Leão, não sei viver sem ter você,  
Sou rubro-negro e serei até morrer  
Vitória, te amarei para sempre.  
Sua torcida é a mais fiel,  
Está contigo sempre, na terra ou no céu  
Com todo coração, torcendo.  
Vitória para sempre é o que nós iremos ser  
Na primeira ou em qualquer das divisões  
Amo meu time ele é a razão do meu viver,  
Vitória para sempre !

Abre-se um parêntese aqui para ressaltar que as declarações e manifestações de amor ao clube, incluindo o choro e demonstrações públicas de emoções é um ponto amplamente visto entre os torcedores homens sem maiores repressões, situação que não ocorre fora desse contexto. (BANDEIRA, 2010) Nos estádios de futebol e pelo time do coração, “o homem reaprende a chorar – de felicidade ou tristeza –

“esquecendo-se” da educação que delegou este comportamento, preferencialmente, às mulheres.” (DAMO, 1997, p. 60)

Fim de jogo. O Vitória caiu para a segunda divisão. O desespero, a tristeza e o choro coletivo da nação rubro-negra. Não tinha idade, tampouco gênero, todos choravam. Viam-se aqueles homens adultos chorando feito criança. Chorando de soluçar. Alguns se consolavam. Algumas crianças estavam inconsoláveis. Alguns falavam “como é que eu vou trabalhar amanhã?”, “como é que eu vou encarar as carniças amanhã?” (torcedores do Bahia)?” (Diário de Campo, 5/12/2010)

Nos cânticos de incentivo que visam empurrar o time à vitória, observa-se também uma exaltação da garra, luta, esforço e virilidade tanto dos jogadores como da torcida, ou seja, não há espaço para a fraqueza. É preciso ter garra e apoiar o clube nos noventa minutos sem parar, independente da situação.

Vai pra cima Leão, quero te ver campeão,  
Somos todos guerreiros, cantamos o jogo inteiro.  
Ôôôô ô Ôôôô ô...

Um dos cantos de protestos mais conhecidos e largamente utilizado no Barradão é direcionado, muitas vezes, ao juiz nos momentos em que a decisão do mesmo não agrada os torcedores. Vale lembrar que este cântico também é reformulado diversas vezes e utilizado para desclassificar os adversários ou qualquer um que incomode de alguma forma, como já ocorreu em protesto contra emissoras de televisão.

Atirei o pau no juiz  
E mandei tomar no cu  
Juizinho filha da puta  
Chupa rola e dá o cu  
Ei, juiz! Vai tomar no cu  
Sou eu, sou eu, sou eu  
Imbatíveis, sou eu.

Os cânticos denominados intimidadores visam, quase sempre, desestabilizar os oponentes, mas também podem ser direcionados a outros atores, como é o caso da arbitragem. É corriqueiro os torcedores organizados criarem paródias com as

músicas dos rivais, dando-lhes uma conotação negativa. A música que segue é um exemplo:

Jahia, vai voltar pra segunda  
 Vou fechar seu caixão  
 Escuta o que eu digo  
 São 10 anos sem título  
 Já virou brincadeira  
 Ser vice do leão  
 Sua estrela já era  
 O meu leão impera  
 Xaaa la iaaa laaaaiaaaaaaa  
 Xaaa la iaaa laaaaiaaaaaaa  
 Meu pau no cu do esquadrão!

Música da torcida do Bahia que foi parodiada:

Bahia  
 Estaremos contigo  
 Você é minha paixão  
 Não importa o que digam  
 Sempre levarei comigo  
 Minha faixa tricolor  
 E no peito o Esquadrão  
 PITUAÇO me espera  
 Para começar a festa  
 Xalaiálaiá Xalaiálaiá  
 Vamos subir, Esquadrão!

Os gritos de guerra e cânticos que visam à autoafirmação das torcidas agitam bastante as arquibancadas, normalmente são em ritmo de funk. É possível ouvir muitos torcedores organizados pedindo para o “puxador” que inicie tais músicas ou eles mesmos tentam “puxar”. Em clássicos e jogos de grandes rivalidades os duelos verbais entre as torcidas são intensos. A disputa se faz de forma verbal e também nas festas das arquibancadas, com bandeiras, tirantes, bexigas etc.

Dentro do estádio é um problema,  
 Minha torcida faz os pilantra correr  
 Os Imbatíveis tem um lema,  
 Pega a Bagay e dá porrada pra valer  
 Quando os maluco tão bolado,  
 Acho melhor não encarar no Barradão

Porque o bonde é preparado,  
 Vem de pistola, de caseira e de rojão,  
 Eu vou dizer,  
 Sou o terror dessa cidade, sou leão até morrer,  
 Os Imbatíveis crueldade, e a Bagay vá se fuder!

Eu sou um guerreiro e sozinho eu mato mil.  
 Eu sou dos Imbatíveis a mais temida do Brasil.  
 Se é pra matar  
 Se é pra morrer  
 Eu quebro essa porra se o Vitória não vencer  
 Eu amo essa torcida e o nome dela eu vou dizer  
 Os Imbatíveis Os Imbatíveis  
 Sou eu, sou eu, sou eu Imbatíveis sou eu  
 Até morrer.

Destaca-se o conteúdo agressivo de muitos dos cânticos de torcidas organizadas. De acordo com Teixeira (2001), faz-se necessário compreender a dimensão simbólica dos embates dramatizados pelos torcedores organizados nas arquibancadas, entretanto, não se pode desconsiderar nem subestimar que o uso da violência física é uma possibilidade que norteia a conduta de muitos integrantes de tais agrupamentos.

Como informa Toledo (1993), os cantos de incentivos e autoafirmação fazem uso de palavrões e de uma linguagem que enaltece atributos tidos como masculinos de potência e virilidade, “remetendo ao domínio da força ante os opositores”. Já nos cantos de protestos e intimidação os palavrões exprimem a passividade sexual, subordinação, fraqueza e inferioridade dos adversários, sejam jogadores ou torcedores. Ou seja, ao passo que os torcedores se consideram os mais guerreiros, valentes e corajosos, o rival é exatamente o oposto, é aquele “frouxo”, “cuzão”, que é “comido” e “toma porrada” (TEIXEIRA, 2006).

Os cânticos, gritos de guerra, palavrões, expressões e “piadas” possuem em comum uma visão amplamente machista e de teor homofóbico. Já naturalizadas neste universo são vistas, por muitos, como “a graça” do espetáculo, não sendo possível imaginá-lo sem as mesmas. Não se pretende afirmar aqui que todos os torcedores e torcedoras que compartilham tais manifestações colocam em prática no cotidiano aquilo que dizem e cantam nos estádios de futebol, entretanto, não se pode perder

de vista que tais expressões colaboram por perpetuar, reproduzir, reforçar e ensinar uma lógica preconceituosa ao passo que a banaliza. Como já foi dito anteriormente, algumas das torcedoras reproduzem largamente as expressões que desqualificam, na verdade, as mulheres e não os adversários como se pretende. Neste sentido, questiona Bandeira (2010):

Os xingamentos poderiam ser *apenas* uma forma de socialização? Mesmo sem pensar nos efeitos educativos dos xingamentos homofóbicos para a construção das identidades dos sujeitos, por que então só a homofobia é ignorada como forma de violência nos estádios? (BANDEIRA, 2010, p.349).

### 5.3 Agressões verbais direcionadas às torcedoras entrevistadas

Identificou-se quatro formas de agressões verbais nos relatos das torcedoras entrevistadas que alegaram ter passado por tais situações: a) agressões verbais entre torcidas organizadas rivais; b) agressões verbais entre torcedores adversários comuns; c) agressões verbais entre torcedores do mesmo clube; d) “cantadas” ou assédio por parte do público masculino nos estádios.

Os xingamentos entre os torcedores organizados abarcam também uma “rixa” das próprias organizações e não ocorrem, necessariamente, somente no estádio ou dias de jogos. Quando os grupos rivais se cruzem é comum acontecer trocas de ofensas e gestos obscenos. As ameaças e palavrões contra a torcedora organizada a seguir foram reproduzidos por um grupo de integrantes homens de uma torcida organizada rival:

“Sua puta que eu vou lhe matar , não sei o quê”...e eu olhando. “Cachorra” “Coroa, não coma essa cachorra não, não coma essa cachorra não viu, coroa?” [...] De rival é normal. [...] Se for alguém que se abale com tudo, meu deus, não vai mais no estádio. [...] (Torcedora Organizada 01)

Ainda conforme a entrevistada acima, os xingamentos que partem dos torcedores organizados rivais são mais pesados: “[...] as outras torcedoras, as comuns assim, vai ouvir xingamento vai, porque é rivalidade. Mas é muito mais brando, é muito mais *light*, muito, muito mais *light*.” (Torcedora Organizada 01)

As agressões verbais entre torcedores adversários no geral são recorrentes, principalmente, direcionadas a torcida que está em minoria no estádio, o que acaba por exacerbar os xingamentos e gozações para com os grupos que estão em menor número. Não é raro observar os torcedores visitantes sendo vaiados e xingados nos arredores do Barradão ao passarem pelo meio da torcida do Vitória, o mesmo ocorre com o ônibus dos jogadores adversários, recebidos quase sempre com gestos obscenos, latinhas de cerveja, muitos palavrões e gritos de intimidação.

Fui no Pinicão.[...] Aquela carniça. Foi, minha filha. Porque tipo, a maioria era torcedora do Bahia. Eu era a única que tava a padrão do Vitória, a favor. Ai foi sua puta, sua vagabunda, sua não sei o que... Foi foda. Ali foi foda. (Torcedora organizada 05)

Os relatos acima exemplificam bem os xingamentos mais corriqueiros direcionados às mulheres: putas, vagabundas, cachorras, vadias. Todos eles alicerçados a uma noção antiga de moralidade, ou seja, “a puta” está no lugar oposto da “mulher direita e de família”. O comportamento sexual aparece, na visão machista e conservadora, como o fator diferenciador entre os “dois tipos de mulheres”.

Engana-se quem pensa que as agressões verbais são direcionadas apenas aos torcedores e jogadores adversários ou ao juiz. Identifica-se, em algumas ocasiões, discussões mais ríspidas entre os próprios torcedores do mesmo clube.

Do Vitória também! Dentro do próprio Barradão! Porque quando eu acho que uma coisa tá errada no meio do jogo eu levanto...eu falo...falo mermo! Abro a boca e xingo todo mundo! Ai o povo fala “ahhh porque você não entende de futebol”. Ai falo “entendo sim” ! Ai começo a bater boca. Ai me chamam de vagabunda de tudo quanto é nome. Eu ignoro, sabe? Os piores nomes! “Ah porque lugar de mulher não é no estádio” não sei o que... Eu não ligo não. Eu já bati em um! Dei um tapão na cara dele. Ele xingou minha geração desde a minha tataravó. Ah que onda! (Torcedora comum 01)

O assédio verbal direcionado às mulheres nos mais variados locais é uma realidade. No estádio de futebol, local onde os homens compõem a grande parte do público, não é diferente. Durante as observações foi possível passar por algumas situações do tipo. Em uma delas, acompanhada do namorado, o mesmo, visivelmente incomodado, proferiu : “É por isso que não gosto de ir pra esses lugares, cheio de homem, que a pessoa não pode não pode deixar a mulher um minuto sozinha”.

Embora algumas pesquisadas tenham encarado as “piadinhas” e “cantadas” como algo normal e até uma forma de levantar o ego, não se pode desconsiderar que tais atitudes são desrespeitosas, invasivas e compartilham de uma visão que parte do princípio de que o homem tem direito sobre o corpo feminino. Às mulheres não se concede o direito de caminhar livremente sem ter o seu corpo visto como objeto de cobiça a todo instante.

O modelo de sexualidade predadora masculina é, para Daniel WelzerLang, um ponto nodal da constituição do gênero masculino; uma sexualidade que é formada na visão de que as mulheres devem ser consumidas tal como se dá o aprendizado da sexualidade pela pornografia. [...]O próprio fato de se tratar de fotos de mulheres, de “mulheres de papel”, as quais se toca pelo papel, permite que o olhar masculino sobre as mulheres as transforme num objeto, que é um papel que se pode consumir. (GROSSI, 2004, p.9)

Conforme destaca uma das entrevistadas ao ser questionada sobre a situação enfrentada nos estádios: “Muitas cantadas e assédio. Costumo fingir que não ouço. Quando é de policial, queimo. E quando o assédio é muito, tento cortar.” (Torcedora organizada 03) O relato acrescenta que as “cantadas” partem não somente dos torcedores, mas dos mais diversos sujeitos que compõem o cenário dos estádios, como é o caso dos policiais. Segue outro exemplo:

Alias, quando eu era muito , quando eu tinha 12, 10 anos. Que eu ia com meu pai pros jogos. É porque também depois eu parei de olhar. Você acaba banalizando às vezes né? Esse tipo de cantada que é uma agressão verbal, mas você vai abstraíndo. E ai os caras tipo, é ate engraçado, depois que você passa a raiva, porque se você vai de short o cara faz assim... Ele te acompanha até você sair da vista dele. Então... Tem gente que vai ficar realmente com receio de levar suas esposas, porque tem cara que não respeita. Pode tá com homem do lado, o cara olha. Olha, olha, olha, olha mesmo. Encara e tal. Mas com o passar do tempo você vai mudando. (Torcedora organizada 01)

O relato posterior chama atenção para o fato de que, em certas ocasiões, as agressões podem extrapolar o limite da fala e se tornam também físicas, a partir do

momento que o torcedor se acha no direito de “passar a mão” e invadir o corpo da pesquisada:

Sempre acontece. Sempre rola, né? Inclusive quando estou acompanhada de amigas. Sempre acontece. Quando tá com amiga então... “Ah por isso que tenho orgulho de ser Vitória”. Ah, acho ridículo! [...] Com namorado... O povo passa a mão mesmo com namorado. Ridículo. Por isso que não vou mais pra estádio de short curto. Horrível! Se bem que por um lado aumenta a autoestima, né? Se sente, né? (Torcedora comum 01)

Diante desse quadro ocorre que algumas torcedoras comuns entrevistadas alegaram não ter o costume de ir sozinhas ao estádio de futebol. Uma das falas destaca que a presença de acompanhantes homens inibiria o assédio por parte do público masculino.

Acho que por sempre estar acompanhada de homens, nunca aconteceu. Talvez se me visse sozinha, ou com duas três amigas, mas sempre tem um rapaz ou um tio no meio. (Torcedora Comum 08)

Conforme Campos (2010), neste universo, muitas vezes, “estar acompanhada por homens, mais do que companhia, significa a sua segurança e a sua senha para entrar e permanecer nesse meio”(CAMPOS, 2010, p.111).

Por outro lado, nem sempre, a presença de namorados, maridos ou acompanhantes impedem a ação e os “ataques” de outros torcedores sobre o público feminino dos estádios, sendo este até um fato gerador de discórdia e discussões:

Bom, no meu caso que sou casada nem sempre o marido tá disposto a acompanhar ou então fica numa de ciúme, porque o estádio é um lugar que a gente sabe que é muito mais frequentado pelo sexo masculino que pelo sexo feminino. Embora a gente saiba que isso já esteja mudando, né? Um pouco, né? Mas mesmo assim a torcida é muito mais masculina que feminina e isso acaba trazendo um pouco de problema pra nós mulheres que quando temos ao nosso lado um acompanhante que é mais ciumento. Eles ficam evitando esse tipo de exposição, porque acham que vai ter problema. Realmente existe esse todo esse lado de você ser às vezes assediada, das pessoas fazerem uma gracinha, de chegarem até você, de fazer qualquer comentário que no caso a pessoa que te acompanha não curte e não vai gostar. (Torcedora Comum 02)

A presença feminina é apontada por Andrade (2004) como um fator que parece mexer com a libido masculina e pode implicar riscos de abusos, provocações e

brigas, uma vez que, com frequência, as mulheres são colocadas em posição de objeto sexuais dos homens.

Foi possível identificar diferentes estratégias utilizadas pelas torcedoras frente ao assédio verbal dentro estádio: fingir que não viu; abstrair; ir ao estádio acompanhada; não utilizar algumas vestimentas; “queimar” ou cortar. Por outro lado, identifica-se também as estratégias utilizadas pelo público masculino para colocar em prática suas “investidas”: encarar; olhar; soltar “piadinhas”; utilizar palavras de baixo calão; tentar passar a mão.

Outro exemplo que serve para mostrar o abuso verbal direcionado às mulheres nos estádios é uma situação corriqueira que ocorre quando as mesmas adentram o campo, seja para animar a torcida, circular com faixas informativas e de propagandas ou qualquer outra ação. Ao ficarem no centro do espetáculo e mais expostas a uma série de adjetivos são disparados contra elas, “gostosa” é o mais típico. Próximo à área da torcida visitante também foi possível identificar este comportamento direcionado às torcedoras rivais, inclusive as que estão acompanhadas. Foram identificadas frases do tipo “sua mulher é minha”, “sua mulher é gostosa”, “seu corno”, visando irritar os oponentes.

Percebe-se que existem atitudes “clássicas” dos homens que acabam por “desencorajar” muitas mulheres de participar dos espetáculos futebolísticos, ou seja, visto como área masculina, o futebol e seus torcedores ainda oferecem entraves para a inserção das mulheres neste espaço. As expressões e palavras de baixo calão que colocam a mulher em posição de objeto sexual podem ser vistas como exemplos (DUNNING; MAGUIRE, 1997).

## 6. INSERÇÃO DAS TORCEDORAS NO ESPAÇO FUTEBOLÍSTICO

### 6.1 Mulher e futebol nas mídias

As palavras “mulher e futebol” são associadas comumente quando os torcedores querem se referir as suas duas “paixões nacionais”. Não sendo raro encontrar imagens que fazem tal associação ao colocar mulheres seminuas utilizando artigos do esporte, imagens divulgadas, principalmente, em ambientes virtuais ou propagandas televisivas. (Figura 11) Uma breve pesquisa no buscador de imagens do site *Google* colocando as duas palavras citadas comprova o fato:



Figura 11: Fotos que aparecem no buscador Google ao colocar as palavras “mulher” e “futebol”

Corpos femininos de acordo com os padrões estabelecidos socialmente trajando biquínis, ou pouca roupa, são levados à cena para despertar o interesse e agradar o público alvo nas mais variadas campanhas publicitarias. Os comerciais de cerveja são exemplos típicos da utilização da imagem feminina aliada ao futebol como forma de atender os gostos tidos como masculinos.

O universo futebolístico e o discurso midiático estão imbuídos de uma visão que coloca a mulher como mais um elemento de diversão dos homens. Os concursos das musas dos times promovidos por grandes emissoras e meios de comunicação, os ensaios sensuais divulgados pelos próprios clubes (no Barradão, por exemplo, em todos os jogos são distribuídos jornais com notícias do clube e que contém “ensaios sensuais” com as “musas da torcida”) e a própria atuação dos grupos de

animadoras de torcida formada exclusivamente por mulheres compõem um cenário altamente favorável e agradável ao padrão hegemônico de masculinidade.

Existe, perdoe o trocadilho, muso... Muso do Brasileirão? Por quê? Com tanto homem gostoso nessa terra. Não tem nenhum muso do Brasileirão. Porque as mulheres, os programas não são feitos pra mulher [...] Tem que colocar a mulher, porque o cara, o cara é o pegador. O cara pra se sentir homem tem que achar a mulher gostosa [...] O mundo em si é machista. (Torcedora Organizada 01)

Observa-se que ainda há dificuldade em aceitar a presença feminina nas arquibancadas e nos espaços futebolísticos sem que haja corriqueiramente a exaltação da beleza das mesmas. Ao assistir um jogo televisionado não é difícil observar os “closes” dados pelas câmeras nas torcedoras, seguidos quase que automaticamente de comentários por parte dos narradores do tipo: “olha ai a torcedora embelezando as arquibancadas”; “olha ai que bela torcedora”; “olha ai as musas na torcida” etc. Parece haver uma necessidade constante em transformar as mulheres presentes nas arquibancadas em elementos decorativos e embelezadores do estádio ou “ornamentos da prática esportiva masculina” (CAMPOS, 2010, p.110). Visão compartilhada inclusive por algumas mulheres, conforme se observa no relato de uma das entrevistadas:

Eu acho que elas deviam participar mais. Acompanhar seus maridos, namorados, seus amantes... Risos. Por que eu acho legal a presença feminina, eu acho importante, porque dá mais beleza ao estádio, porque fortalece mais a união e a paz entre as torcidas. As vezes a presença feminina acalma mais os ânimos...Num momento desse. (Torcedora Organizada 06)

[...] eles dão mais força ainda por ter mulher embelezando o estádio e também ajudando a torcida. (Torcedora Organizada 03)

Ainda é possível identificar uma divisão de características, comportamentos e atributos que colocam os gêneros em oposição e polos distintos. Pode-se observar que a passividade, a não agressividade, a beleza e o charme são colocados no polo feminino.

O cartão de associado do Esporte Clube Vitória, talvez possa passar despercebido ou até agrade a maioria do público, entretanto, fica claro a distinção das figuras no cartão feminino e masculino. Às mulheres cabe o desenho da animadora da torcida, aos homens destina-se a bola de futebol. (Figura 12)



Figura 12: Cartões de associados do Esporte Clube Vitória do sexo masculino e feminino

A situação abordada em linhas anteriores remete a uma promoção que ocorreu por algumas vezes no Barradão. Em jogos em que o Vitória estava em uma posição delicada e necessitando do apoio da torcida, a diretoria lançava a promoção de “mulher trajando a camisa do rubro-negro não paga ingresso” como uma forma de atrair mais público. Quando a campanha era lançada os comentários de que o Barradão estaria mais bonito, mais florido e a comemoração por parte de muitos torcedores era nítido. Muitos alegavam que teria mais mulher “para pegar” e olhar. Ou seja, ao passo que era notório o aumento do público feminino, inclusive de mulheres que não costumavam frequentar o estádio, muitos torcedores da ala masculina comemoravam a presença de “mais gatinhas”. Segue a nota publicada no site oficial do clube na época:

Sugestão aceita pelo presidente Jorge Sampaio: mulher, domingo, vai entrar de graça no Barradão para incentivar o time diante do Grêmio. De preferência que esteja a caráter, ou seja, vestida com as cores vermelha e preta para o nosso santuário ficar mais bonito. Como a mulher geralmente não vai ao estádio desacompanhada, a intenção é atrair um bom público para este importante compromisso na reta final do Brasileiro da Série A. Voltar a vencer é um desafio para o Vitória, que vive um jejum de sete jogos – cinco derrota e dois empates. (19/11/2008)

Algumas torcedoras assíduas não viam com bons olhos a promoção e resolviam pagavam seus ingressos. Fato curioso é que quando o jogo não ocorria como desejado, os torcedores falavam ou “culpavam” as mulheres que entraram de graça, acusando-as de “pé-frio”: “essas desgraças que nunca vem”. A prática de “mulheres não pagam” é comum em diversas festas e pode-se pensar que esta necessidade em incentivar a presença do público feminino tem muito a ver com a intenção em atrair mais homens. Nestas situações, as mulheres são vista, , muitas vezes, como “iscas”.

No caso da Torcida Os Imbatíveis foram destacadas duas músicas que fazem referência às mulheres integrantes do agrupamento. Se por um lado enfatiza-se a “disposição das minas chapa quente”, bem como a dedicação e amor pelo clube que as mesmas possuem, por outro lado, também existe um destaque e um elogio à beleza. Segue primeiramente o trecho de uma música e em seguida outra na íntegra:

[...] Comando Feminino não existe mulher feia,  
Só tem gata gostosa com corpinho de sereia.

Na torcida Os Imbatíveis se liga irmão  
O Comando Feminino é disposição  
Elas encantam fascinam com charme e vibração  
O Comando Feminino fortalece o Leão  
Torcida Os Imbatíveis bonde da Tui ae  
O Comando Feminino sacode pode crer  
O caverna tá bolado venha fechar com a gente  
O Comando Feminino as mina é chapa quente  
Na arquibancada tá ligado a massa contagia  
Mostrando para todo mundo sua ideologia  
Com muito amor e alegria torcem pro Leão  
É o Comando Feminino se ligue então

Nos ambientes virtuais, entre os torcedores em geral, observou-se também que a presença de mulheres bonitas ou “nos padrões” na torcida ou nos concursos de musa é um ponto positivo, aparecendo como uma forma de hierarquizar os adversários, ou seja, “nós temos as mulheres mais bonitas”, ao passo que “sua torcida só tem baranga”. (Figura 13)



Figura 13: Montagem feita por torcedores com intuito de desqualificar a torcida rival

Percebe-se que neste contexto, constrói-se sobre a figura feminina “[...] uma narrativa que ressalta a beleza, a graciosidade e a sensualidade como seus maiores atributos, reforçando, portanto, uma representação hegemônica de feminilidade” (GOELLNER, 2005, p. 148)

Segundo Bourdieu (2010, p. 82), a dominação masculina coloca as mulheres em posição de objetos simbólicos, isto é, as mesmas estão em permanente estado de insegurança corporal e dependência simbólica: “elas existem primeiro pelo, e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis”.

## 6.2 Marias-Chuteiras ou Eva

Enxergar a mulher presente no espaço do futebol como única e exclusivamente torcedora ou praticante ainda é um processo permeado de obstáculos. Há uma série de visões estereotipadas que marcam e julgam a presença feminina no esporte em questão (COSTA, 2006; CAMPOS, 2010).

Como já foi abordada na revisão da literatura deste trabalho, a figura da Maria-Chuteira é um exemplo típico e recorrente no imaginário popular quando se trata das mulheres no futebol (COSTA, 2006). As mulheres vistas como “marias-chuteiras” encarnam alguns esterótipos femininos relativos à astúcia, à mentira e à desfaçatez

atributos indispensáveis para aquelas que estão sempre dispostas a ludibriar o homem (COSTA, 2006, p.9).<sup>2</sup>

Ao serem questionadas sobre o tema das “marias-chuteiras” boa parte das entrevistadas alegou “não ter nada contra” e respeitar a opção de vida de cada um, embora tenha ficado nítido nas explicações das torcedoras que a “maria-chuteira” é um sujeito distante, é o outro, e que elas não se enquadrariam neste perfil, ou seja, enfatiza-se que “não tenho nada contra, mas eu não sou”.

Tem mulheres que é Maria-chuteira, né? Agora tem outras que não pensam nisso não. Tem outras que só vão mesmo, que gostam do futebol... Gostam. Não sou contra não, paciência se elas preferem isso, vou fazer o quê? Eu não. Eu gosto. (Torcedora Comum 07)

Outro ponto de concordância na visão de algumas das pesquisadas é associação das “marias-chuteiras” com o interesse financeiro e a busca de uma vida fácil, o que faz das mesmas uma figura mal vista. A fala que segue da primeira torcedora reflete que o comportamento das mulheres tidas como “marias-chuteiras” parece não ser aceito também dentro da torcida organizada.

Tem essas que gosta de vim pra se aproveitar das oportunidades, mas acho que não são o caso da gente, das torcedoras que ficam em torcida organizada. (Torcedora organizada 05)

Eu acho que cada um é dono de si, né? [...] Mas eu prefiro ganhar minha vida estudando e conseguindo o que é meu, do que dependendo de um jogador de futebol, que daqui há quatro anos, que vai acontecer com a maioria delas, que vai ser trocada por outra mais gostosa. (Torcedora comum 06)

---

2. Entre os casos comumente noticiados pela mídia, destaca-se o de Elisa Samúdio, desaparecida em junho de 2010, após uma série de conflitos no relacionamento amoroso com Bruno, ex-goleiro de futebol do Flamengo, e apontado como mandante do assassinato da "amante". Tida como uma "maria-chuteira" clássica, a vítima, muitas vezes, foi julgada e culpabilizada pela própria morte. As investigações indicaram que Elisa foi sequestrada, torturada e assassinada, tendo seu corpo esquartejado e entregue a cães.

Eu acho que ainda sou bem machista com essa questão. A gente não vai ser 100% feminista, né? Eu sou bem machista porque eu tenho muita raiva de maria-chuteira. Eu tenho muita raiva, principalmente, porque eu conheço. Conheci algumas marias – chuteiras. [...] Sou contra, porque maria-chuteira é...aquele tipo de mulheres que tem interesse só em deitar . Só em tipo fazer um filho. E tá com a vida armada e tal. E eu não consigo concordar. Por mais que eu saiba que o homem não é nenhum inocente, criança inocentinha que não sabe o que fazer. Mas não consigo concordar com pessoas que tenham esse tipo de interesse. De tá se fiando no dos outros , explorando o outro. Acho que hoje é mais por conta disso mesmo. (Torcedora organizada 01)

Apenas uma das torcedoras entrevistadas declarou abertamente ser a favor das “marias-chuteiras”, embora ressalte que ela não seria uma :

Rapaz... A minha opinião... Eu acho que no fundo elas não são “marias-chuteira” não. Eu acho que elas torcem pelo time, elas gostam do time e também são fã do jogador, quer tirar uma casquinha também. Eu sou a favor das “marias-chuteira”. (risos) Eu não seria uma maria-chuteira, mas sou a favor (risos)... Respeito. Respeito. (Torcedora comum 05)

Foi possível identificar também duas interlocutoras que já foram alvo de julgamentos e colocadas dentro de tal estereótipo. Segue os relatos:

Ô essa é uma pergunta que vou demorar mais pra...né? Porque é o seguinte: eu tenho duas amigas que realmente são chamadas mesmo de maria-chuteira e eu também tô no meio, porque eu te falei que eu tenho amigos que jogam no Vitória. [...] Quem tá de fora não vê isso como amizade. Então eles chamam de maria-chuteira [...]. E eu acho isso ridículo! Você tem direito a falar com quem você quiser, independente de quem seja. Então quer dizer que se eu for amiga de uma pessoa dançarina, eu vou ser o que? Maria passinho? (risos) Então eu acho ridículo. Tenho pavor a gente preconceituosa. Ahhhh! (Torcedora comum 01)

Bom eu acho assim. A gente não pode generalizar. Por que assim como tem mulheres que tão ali pra se aparecer , tem mulheres que não. Que gostam da pessoa , que acaba gostando, que se aproxima, o problema é que é muita mulher interesseira. Mulher que... ai acaba dando fama ao restante. Eu já namorei um jogador , mas eu namorei, eu comecei a namorar com ele, eu já era guria, tinha um casinho e tal. Quando ele começou a ser jogador a gente voltou e tal. Mas eu vi que era uma coisa que não dava certo. Justamente por esse preconceito também. Que eu digo a você que eu sofri. (Torcedora organizada 06)

As marias-chuteiras, sedutoras e interesseiras, estariam no pólo oposto das torcedoras tidas como “de verdade”, o que reforça um pensamento machista que elabora duas visões acerca da figura feminina: Eva e Maria; a puta e a “mulher direita”:

“A ideologia machista incorpora dois arquétipos de ser mulher enquanto um ser para o homem: Eva, sedutora e Maria, a mãe. A primeira para encantar o homem e a segunda, para gerar os filhos do homem; ambas para servi-lo” (AZEVEDO, 1985, p.127 apud NORONHA, 1991, p. 215)

Além de certa tensão e receio frente às “marias-chuteiras”, observou-se também que muitos torcedores e torcedoras não se colocam a favor da participação de determinadas candidatas à musa da torcida. Uma das reclamações frequentes é de que as mulheres que disputam os títulos de “gatas da torcida”, na verdade e em grande parte, não são torcedoras “de verdade”, nem se quer frequentam os estádios ou acompanham o time, buscando nos concursos apenas um meio de promoção.

As regras estabelecidas pelo grupo de animadoras de torcida do Esporte Clube Vitória, as Leoas da Barra, exemplificam bem à tentativa de não serem confundidas ou colocadas dentro de tais estereótipos. No período de seleção para novas integrantes do grupo, foram divulgadas, através do Facebook oficial das Leoas da Barra, as regras para se adentrar no mesmo: a) ser torcedora fiel do Esporte Clube Vitória; b) não usar o grupo para se promover a Musa do Leão; c) não ter relacionamentos com jogadores; d) ser maior de 18 anos; e) ter comprometimento e responsabilidade.

### **6.3 Torcedoras fiéis**

O fato é que, por ainda recair certa desconfiança sobre as mulheres no espaço do futebol, muitas torcedoras procuram se diferenciar e fugir dos rótulos visando evitar questionamentos sobre a sua posição de “verdadeira torcedora”. (COSTA, 2006)

Em 2010, por exemplo, circulou um texto na internet denominado “13 regras para a Copa do Mundo”, elaborado por homens e direcionado ao público feminino. Dentre

os mandamentos vale destacar trechos do nono: “9. Olhe o jogo e finja que está entendendo. Pule e grite quando eu pular e gritar. Nunca, jamais pergunte como funciona a regra do impedimento. Você não tem capacidade intelectual para entender”. O texto que fez sucesso e ganhou muitos seguidores traduz bem o preconceito depositado sobre a ala feminina quando o assunto é futebol, embora muitos o tenham encarado como uma “brincadeira”. Portanto, é preciso também escapar de estereótipos como este que compartilha a ideia de que “mulher não entende de futebol”.

E se discutisse de futebol comigo, quer discutir? Bo [vamos] discutir. Quer falar de que? De escalação? Quer falar de que? De quem saiu? De quem entrou? Bo [vamos] falar. Então os caras porra... Então não é uma menina que tá lá assim “quem é o goleiro? Quem é o juiz?”. (Torcedora organizada 01)

Ressalta-se que há subdivisões entre as mulheres no mundo do futebol. As “torcedoras mais autênticas e legítimas” são aquelas que estão ali por amor ao time e nada mais. Estas adquirem com mais facilidade respeito, admiração e até status neste universo. Outras ainda são alvos de comentários ofensivos, como os que são relatados pela pesquisada a seguir. Tais comentários aparecem como uma tentativa de retirar ou inibir a entrada da mulher do universo público e de lazer dos estádios, colocando-a na posição que por tanto tempo foi delegada exclusivamente à ala feminina :a de “dona de casa” , alguém domesticado.

Tipo assim diretamente comigo ninguém nunca falou “vá lavar as calçola, que falam, e as calcinhas vai lavar quando?” Que falam já vi falando com algumas meninas que eles acham que não entende de futebol, “e as calcinhas ?, “vai lavar as panelas, vai procurar fazer o arroz”. Comigo nunca teve isso, por que eu sempre cortei o mal pela raiz. Eu não entrei pra torcida, nem comecei a gostar do Vitória só porque eu queria homem. Porque muita gente tem esse receio, acham que as mulheres vão aos estádios na caça e tais. Então, lógico, há quem pense, as pessoas são muito maldosas, quem não tem o que fazer procura a vida dos outros. Mas sempre deixei claro que eu tava ali por amor ao Vitória. E assim muita gente respeita. Eu passo no Barradão a galera vem tira foto, ainda fala “porra vei te admiro demais”. Eu digo “oxente, rpz deixe de palhaçada”. (Torcedora Organizada 01)

Muitas vezes, para serem bem vistas e aceitas neste universo, as torcedoras precisam mostrar que realmente gostam e entendem do assunto, ao passo que entre os homens torcedores não se observa tamanha exigência (COSTA, 2006).

Sempre tem, né? (Preconceito) Quando a gente vai conversar de futebol, né? Mas depois que você, né? Você, na verdade, entende de futebol se você buscar aprender e aí você buscando aprender você começa a quebrar essas barreiras, né? (Torcedora comum 06)

A decisão de frequentar um estádio de futebol e acompanhar o clube do coração, algumas vezes, não é vista com bons olhos pelos familiares. Além da preocupação com a segurança do estádio de futebol, o relato da entrevistada abaixo demonstra bem o receio por parte dos parentes para com a incorporação de um comportamento que ainda não é visto como “adequado” para o gênero feminino.

Sofri com isso, porque, tipo assim, meu pai nunca me proibiu, mas meu avô, pai de minha mãe, era contra eu ir pros estádios, pro estádio, entendeu? Tanto que eu jogava bola. Desde pequena eu jogo e eles falavam que isso ia me influenciar pro lado masculino e tal. Aí não gostava muito. [...] Que era coisa de homem, que era perigoso, até pelo acesso também que o Barradão é complicado também. Aí falavam que era perigoso. Aí agora eu moro com eles inclusive. Então eu tive que dá meu jeitinho pra poder ir. (Torcedora comum 01)

Altamente incentivado para os homens, o gosto pelo futebol é uma característica marcante da masculinidade na sociedade brasileira. Se existe um olhar desconfiado sobre o homem que não aprecia tal esporte, vistos como afeminados, observa-se que situação semelhante ocorre com a mulher que o acompanha, tantas vezes, classificadas como masculinizadas. (DUNNING; MAGUIRE, 1997) Neste sentido, afirma outra torcedora “É como falei, velho! A galera me acha homem, né? (risos) É tipo meio pra cá meio pra lá. Mas eles já estão acostumados comigo.” (Torcedora comum 03)

A fala da entrevistada que segue sintetiza bem a discussão sobre a inserção feminina no ambiente futebolístico:

Eu tava assistindo uma reportagem hoje sobre árbitros que ainda é difícil e tal da mulher e tal. Eu acho que tanto o homem quanto a mulher tem a mesma capacidade, e infelizmente a gente ainda tá lutando muito pra mostrar isso ai, você da opinião não levam muito a sério, ai o homem vai dá a mesma opinião que você e ele tá certo, entendeu? Eu acho que falta mais a galera abrir a cabeça mais pra isso e ver que não, que somos todos iguais, tanto homem quanto mulher, a única diferença é a partes intimas. Mas o resto pra mim tá tete a tete. [...] Se mulher joga bola é sapatona, se mulher é árbitra marca um erro é puta. É foda. (Torcedora organizada 06)

Os aspectos aqui discutidos e o discurso das interlocutoras permitem afirmar que os longos anos de predomínio masculino no âmbito do futebol deixaram marcas e ainda se observa inúmeros obstáculos enfrentados pelas mulheres que buscam adentrar esse espaço.

## 7. PARTICIPAÇÃO FEMININA NA TORCIDA UNIFORMIZADA OS IMBATÍVEIS

Mesmo estando inserida no universo futebolístico e compartilhando uma série de características herdadas do mesmo, a entrada em uma torcida organizada perpassa por um processo diferenciado e guarda suas peculiaridades. Este tipo de sociabilidade inaugurou uma forma diferente de torcer e uma nova categoria de torcedores. Daí, a intenção deste capítulo de focar exclusivamente na participação feminina em tal agrupamento.

Acompanhar o futebol, sendo membro de uma torcida organizada, vai além de ir assistir um jogo no estádio. Assumir-se enquanto torcedor ou torcedora organizada envolve compromissos, responsabilidade, um comportamento específico e até mesmo riscos.

[...] eu nunca fui tipo assim uma torcedora de só ir ao estádio. Eu vou ao Barradão e assisto o jogo. Não! Por eu ter entrado em torcida, eu entrei em torcida justamente porque eu queria fazer algo a mais pelo Vitória. E eu achava que só ir ao estádio não era suficiente. Porque eu chegava torcia e cabou. Tava ajudando com meu ingresso, com meu incentivo, mas pra mim ainda era muito pouco. Então eu adentrei a esse universo de torcida porque eu sabia que eram pessoas que respiravam o Vitória 24hrs por dia. Ba x Vi , por exemplo, o pessoal se prepara com...meu deus...meses se preparando pro clássico. Um jogo de final a galera fica a semana toda e tal. (Torcedora Organizada 01)

Conforme Teixeira (2001), ser integrante de uma torcida organizada implica, portanto, internalizar certos valores, regras e “formas de agir que conferem um determinado conteúdo e significado à paixão – sentimento que justifica o pertencimento e explicita como se entende a relação com o clube e com a torcida” (TEIXEIRA, 2001, p.22).

### 7.1 Motivações para adentrar a organização

As motivações e fatores iniciais apresentados pelas torcedoras organizadas para se tornarem integrantes do agrupamento foram basicamente o amor pelo clube e a vontade de apoiá-lo de forma mais intensa, bem como o caráter vibrante e alegre da organização nas arquibancadas, que acabou por atrair e chamar atenção.

Eu entrei na torcida na verdade é... adolescente, né? Eu tenho 12 anos na torcida Os Imbatíveis. Tenho 26 hoje, entrei mais ou menos com 14. E entrei justamente pela aquela questão da animação, né? Era adolescente, tá no estádio de futebol, tem um lugar que tá se sobressaindo dos demais, por causa de música, de bateria, de cantoria, de bandeira. E automaticamente a gente quer ficar no lugar mais animado, né? Lógico que existe os outros torcedores que preferem locais mais reservados do estádio, mas inicialmente eu comecei por essa questão. Fui, gostei, me associei e participo hoje 12 anos. (Torcedora Organizada 02)

[...] só ficava olhando a torcida. Que era forte né? Uma coisa assim vibrante, aquela energia toda. Ai completei a maioria e vim. Mas é mais a paixão mesmo pelo time e pela torcida. (Torcedora organizada 05)

## 7.2 Representação do time e da torcida organizada

Observou-se, entre as pesquisadas, que a paixão pelo clube vai além de um mero lazer. Neste sentido destaca uma das torcedoras organizadas: “Vamos se dizer que é mais um motivo de se viver, é pra acompanhar o meu Vitória.” (Torcedora Organizada 02)

O amor pelo clube perpassa um momento isolado de diversão e passa a compor a identidade e a vida dessas torcedoras. Segue outra declaração: “Eu digo a você que é um amor de alma. [...] É um amor, tipo assim, é como se fosse metade de mim. Metade é a minha família, outra metade é o Vitória.” (Torcedora Organizada 06)

Vale citar como exemplo a história de uma das interlocutoras que contou ter perdido um filho e retirou as forças para continuar seguindo a vida das idas ao estádio, do amor pelo clube e pela TUI. “O Vitória é minha vida, é uma paixão passada de mãe pra filha. [...] Eu não vivo sem o Vitória. Eu passei uma situação difícil na minha vida. Eu perdi um filho com 2 meses e foi o Vitória e a Torcida que me deram força pra continuar”( Torcedora Organizada 07).

A torcida organizada, comparada a uma segunda família, também adquire papel central na vida dessas mulheres, embora a grande maioria tenha ressaltado que antes delas serem torcedoras organizadas, elas são torcedoras do Esporte Clube Vitória. Ou seja, em uma escala de importância, o time estaria acima de tudo. É

como se elas estivessem encontrado neste tipo de sociabilidade uma forma mais interessante de viver intensamente o futebol e a paixão clubística.

Então eu não sei mensurar o tamanho do meu amor pelo Vitória, não sei, mas sei que ele é muito importante. Ele faz parte do meu eu, tanto que eu tenho três tatuagens. [...] Lógico que o Vitória vai estar sempre acima de qualquer coisa. Só que é o mesmo amor, o mesmo amor. O Vitória está um pouquinho superior. Porque eu sou fã da Tui. Mas ambos fazem parte da minha família, da minha essência e eles que moldaram a minha identidade. Por que muita gente me conhece como a “ (nome da integrante) da TUI”. Por onde eu passo a galera fala “e aí, Vitória?”. Eu acho o máximo. De menino a coroa “e aí, Vitória?” Todas as minhas filhas serão Vitória. Posso ter 15 filhas vai ser alguma coisa Vitória. Não sei qual será o primeiro nome ainda. Mas o Vitória vai ter em todas. Pra não ter ciúme, porque eu queria ter Vitória no meu nome. Então todas vão ter esse Vitória no finalzinho, no segundo nome. (Torcedora Organizada 01)

Além das vestimentas características e padronizadas, muitas das torcedoras possuem os símbolos distintivos da torcida ou do clube tatuados na pele, como foi enfatizado pela torcedora anterior que alegou possuir três. (Figuras 14,15,16)

Neste sentido, o corpo ocupa um lugar central como objeto de representação e identidade do indivíduo, isto é, o fato de ser tatuado aparece como um caminho de inscrever nos corpos algo que o distingue dos demais e o identifica. (PERÉZ, 2006) Em outras palavras, [...] as modificações corporais podem ser entendidas como formas pelas quais os sujeitos revelam sua presença no mundo, são tipos de assinaturas de si mesmos e que ajudam a afirmar a sua singularidade (LE BRETON, 2002, p. 165 *apud* PERÉZ, 2006).



Figura 14: Tatuagem de uma integrante da TUI

Fonte: Cedida pela pesquisada



Figura 15: Tatuagem de uma integrante da TUI

Fonte: Cedida pela pesquisada



Figura 16: Tatuagem de uma integrante da TUI

Fonte: Cedida pela pesquisada

Pode-se perceber, inclusive nas fotos das tatuagens das entrevistadas, que o amor pelo clube “se desdobra e se transforma em paixão pelas próprias Torcidas Organizadas, seus símbolos, suas práticas, a sociabilidade que promovem e que organizam em torno do futebol profissional” (TOLEDO, 1996, p. 12).

Se as torcedoras organizadas tiveram suas motivações para adentrar o agrupamento, as torcedoras comuns também apresentaram explicações e que norteiam a decisão de não fazer parte de uma torcida organizada. As declarações foram variadas, indo do medo de situações violentas à falta de vontade e de tempo para assumir novos compromissos e responsabilidades. Sobre isso, afirma uma das

pesquisadas “ Da TUI não. Eu tenho medo de briga. Não gosto de violência não! Ai eu não gosto. Não! “ (Torcedora comum 01).

Quando você faz parte de uma torcida organizada você tem outras responsabilidades como membro de uma torcida organizada. Então, eu prefiro não assumir um compromisso que eu de repente possa não honrar não puder cumprir do que entrar numa coisa que eu sei que não vou da conta. Que não vou ter essa facilidade de... De... Tá engajada. (Torcedora comum 02)

### 7.3 Obstáculos: os rótulos e a família

Assim como foi perceptível no texto de uma das entrevistas anteriores, é nítido que a imagem das torcidas organizadas e de seus integrantes, compartilhada, especialmente, pelo senso comum e meios de comunicação, ainda é altamente marcada e associada, quase que exclusivamente, às questões de violência no futebol.

Os integrantes de torcidas organizadas são vistos como “desordeiros” e “perigosos”, ou seja, são “classificados (melhor talvez seja dizer acusados) como desviantes, em relação ao torcedor comum, tido como autêntico, “normal”, “natural”” (TEIXEIRA, 2003, p. 134).

Do ponto de vista do senso comum, eles são perigosos por desempenharem papéis ambíguos, de torcedores e de vândalos, manifestando respectivamente paixão e ódio, sentimentos tidos como opostos. Os títulos das notícias reforçam essa dimensão ao atribuir-lhes certos poderes incontrolados como promover desordem, o caos e a morte, tornando um jogo de futebol um espetáculo de pancadaria, sangue, destruição, intolerância. Na medida em que desorganizam uma ordem natural são anti-sociais, nocivos à vida social, e portanto, moralmente condenáveis (VELHO, 1987 apud TEIXEIRA, 2003, p. 134).

Para Becker (2008) o desvio consiste na infração às regras criadas pelos grupos sociais, o desvio é, portanto, criado pela sociedade. “Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”.” (BECKER, 2008, p.22) O detentor do comportamento tido como desviante é aquele que as pessoas rotularam

como tal, por isso o desvio é fruto de um processo que engloba as reações dos outros a determinado comportamento, ou seja, envolve a interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele. É preciso ter em mente também que as perspectivas dos indivíduos desviantes são certamente contrárias daquelas dos que os condenam ou julgam. Os indivíduos rotulados como desviantes situam-se fora do círculo dos “normais” do grupo, é o que acontece, muitas vezes, com os membros de torcidas organizadas (BECKER, 2008).

Nas narrativas dos sujeitos desta pesquisa pode-se perceber e identificar diversos obstáculos enfrentados pelas mesmas para adentrar esse universo altamente estigmatizado. O trecho adiante exemplifica bem tal situação: “Na verdade você não pode dizer que tem um apoio, que ainda existe o preconceito com a torcida organizada. Então , seria hipocrisia dizer que o pai e a mãe apoiam, apoiou entrar na torcida organizada.” (Torcedora Organizada 02) Destaca-se também que elas utilizaram estratégias para burlar e escapar do controle e das proibições familiares frente à entrada na organização. Os relatos que seguem são reveladores também no que diz respeito à conduta utilizada pelos pais para impedir ou tentar quebrar o vínculo das mesmas com a instituição:

[...]E eu só andava com homem e tal. Minha mãe tinha mais medo, né? [...] Mãe não aceitava de jeito nenhum. Ela achava que era coisa de vândalo. Ela achava que era coisa de marginal, que torcida organizada era coisa de marginal e tal. E foi difícil, eu fugi de casa. Quando era jogo tarde, eu tinha que esperar eles dormirem pra poder vim. Ela já chegou a pegar material meu, tocar fogo ni tudo. Pra poder eu não ter mais vínculo nenhum, mas vinha escondida. Minha mãe vou pra shopping, vinha pra torcida. Até o dia que ela se deu por satisfeita e hoje em dia eu namoro integrante da torcida e ela foi vendo que não era nada daquilo que ela imaginava. (Torcedora Organizada 06)

Meu pai constantemente me pegava em reunião, não podia sair pra lugar nenhum, cinema, shopping nada. Mas eu dizia “pai , posso comprar uma acarajé”. [...] Ia no pânico, no pânico, de repente...os meninos já sabiam “(nome da integrante) seu pai”, “saia correndo”. Ele me pegava, me batia. [...] meu pai era totalmente contra a torcida organizada, apesar de reconhecer o valor da torcida, ele tinha muito receio por causa desse estigma que carrega né? De serem marginais , de só quererem brigar. [...] Porque eu digo a você é complicado ser de torcida sim. Porque é muito preconceito que a gente sofre por parte de quem não entende, mas o mundo é preconceituoso mesmo, né? Com tudo, com tudo, infelizmente! Só que pra você se manter ali, só com muito amor. (Torcedora Organizada 01)

No que diz respeito à inserção em um espaço predominantemente masculino, não foram relatados pelas torcedoras organizadas casos de resistência ou preconceito por parte de outros integrantes com relação à entrada delas na Torcida Os Imbatíveis. Conforme destaca uma das entrevistadas:

[...] que eu fui tentando de maneira ainda muito incipiente adentrar ao universo, que por ser masculino, eu ficava com receio. Eu acho que o receio era muito mais meu do que dos meninos de aceitar uma mulher. [...] Fui muito bem recebida. Entrei pra torcida, eu lembro hoje, aos 13 anos de idade. Totalmente escondida. (Torcedora Organizada 01)

Entretanto, segundo uma das participantes, ainda existem agrupamentos deste tipo que são contra a entrada e participação feminina, por identificar tais espaços como sendo “de e para homens”:

“Com a minha torcida eu nunca sofri não [...] eu sofri alguns preconceitos com o presidente da (nome da torcida). Ele é muito preconceituoso [...] não tem meninas e eu discuti, a gente quase saiu na mão no meio da festa, porque ele não acha certo mulher tá viajando pra festa, é... Mulher ser torcida organizada. Ele acha que é coisa de homem. E na torcida dele não tem nenhuma [...] Quase acaba com a festa do povo lá. (risos) (Torcedora Organizada 03)

#### **7.4 Funções, cargos e caravanas**

Os cargos mais altos, isto é, os da diretoria da torcida organizada em questão são ocupados, exclusivamente, por integrantes homens. Ainda, destaca uma torcedora: “Hoje a diretoria em si não tem uma mulher, a diretoria é formada por homens, só homens, mas tem muitas meninas que tem voz mais ativa do que muitos caras. [...] Futuramente acho que sim” (Torcedora Organizada 01)

No início das observações notou-se que a Bateria da TUI, núcleo que possui papel fundamental e prestígio dentro da torcida, como já foi explicado no capítulo I, também era um núcleo masculino. No decorrer da pesquisa identificou-se a incorporação de três torcedoras no grupo. De acordo com as entrevistadas, a entrada neste ambiente requer compromisso e responsabilidade, uma vez que fora o trabalho executado durante toda a partida, existe toda uma preparação e horários a

cumprir antes e depois dos jogos, como pode se observar na explicação das participantes:

A galera da Bateria normalmente eles chegam mais cedo do que o restante do pessoal. Saem mais tarde, porque tem que guardar os instrumentos. Então tem que firmar o compromisso e tem que levar a sério. Mas é com essa entrada das meninas já abriu brecha pra muitas outras meninas. (Torcedora Organizada 01)

Ajudo nas ações sociais que fazemos todos os anos como doação de sangue, visitação a creches no dia das crianças, e etc. E como você mesmo viu toco na bateria da torcida, que eu acho umas das maiores responsabilidades que desempenho na mesma, porque chegamos 2 horas antes do jogo no estádio, tocamos os 90 minutos cantando junto com os torcedores, e saímos sempre depois também. (Torcedora Organizada 04)

A partir dos depoimentos e narrativas das torcedoras, destacaram-se as seguintes funções ocupadas por elas no agrupamento: a) percussionista na Bateria; b) monitoria de Comandos, incluindo o Comando Feminino; c) auxílio, sem cargo fixo, aos diversos setores do agrupamento, incluindo o GAS (núcleo de ação social da torcida). Uma das entrevistadas informou também ter sido indicada a madrinha da Bateria da torcida por algum período. Ressalta-se que independente de cargos e funções fixas todos os integrantes da organização, homens e mulheres, possuem suas obrigações a cumprir enquanto torcedor organizado e membro da instituição:

Sou uma componente, como componente normal, eu participo dos jogos, eu viajo, eu ajudo o pessoal no GAS que é o Grupo de Ação Social, é um grupo que a torcida tem que faz as ações sociais de dia das mães...Ô desculpa...Dia das crianças, Natal Solidário, entrega de de alimentos. Eu participo com o pessoal, dando essa força. É... Eu fui eleita à madrinha de bateria da torcida há alguns anos atrás também. E fui monitora do Comando Feminino por alguns anos, além de ter fundado. Fiquei alguns anos a frente do Comando. (Torcedora Organizada 02)

A narrativa abaixo descreve a trajetória de uma das participantes para se tornar diretora/monitora de um dos subgrupos de bairro que compõem o agrupamento e do Comando Feminino, além da tentativa da mesma de se impor e se diferenciar em um espaço em que só havia ela de mulher:

Então quando eu entrei pro vigésimo comando, só tinha homem. Só que eu nunca liguei pra isso. E o que eu fazia? Tava em tudo. Reunião tava, jogo tava, isso tava. Tudo tava. Caravana tava [...] E por conta disso, foi tendo esse reconhecimento. Porque pessoas saíram, pessoas entraram, pessoas entraram, pessoas saíram, e eu estava lá. Dai eu me tornei a diretora do

vigésimo comando. Sempre tive voz ativa dentro do vigésimo comando, mesmo antes desse título de diretoria, sempre! Nunca baixei a cabeça pra menino nenhum [...] Se eu conseguisse, se fosse viajar pra algum lugar tirava uma foto fazia o sinal do vinte, porque a gente se identifica assim “que comando é aquele? Vigésimo comando”. E ai me tornei diretora e representava o vigésimo pra onde eu ia. Disso ai, acabou tendo uma forma de reconhecimento mais geral. Saiu daquela célula de Suburbana, de Largo do Tanque, o pessoal sempre teve um respeito muito grande por mim, e ai passou pra questão da torcida. [...]E ai eu me tornei monitora do Comando Feminino da Torcida Os Imbatíveis. (Torcedora Organizada 01)

As divisões de cargos e funções dentro da torcida organizada, inclusive da diretoria, expressa que, embora as mulheres tenham ganho mais espaço e visibilidade dentro da organização, como ocorreu na Bateria, ainda há lugares a serem conquistados e resignificados dentro do agrupamento para que exista mais equilíbrio e igualdade de gênero.

Embora se tenha encontrado algumas torcedoras comuns que também realizam viagens para acompanhar o clube, dentro da torcida organizada tal prática foi citada por, praticamente, todas as mulheres. Este é um comportamento característico dos membros de tais agrupamentos, em outras palavras, faz parte da função e do papel de uma torcida organizada viajar e apoiar o clube, em qualquer lugar que ele vá jogar.

Papel da torcida é de apoiar um clube, né? Acompanhar onde ele estiver, cantar, vibrar, né? Que é o que a torcida organizada faz. E eu acho que um estádio sem torcida organizada é um estádio completamente diferenciado, não é a mesma coisa, não se pode dizer a mesma coisa, apesar de que algumas pessoas não gostam. Mas o papel é esse é você apoiar, é você cantar, você viajar. Todos os lugares do Brasil que o clube tá a torcida organizada também se faz presente, canta, tem uma bateria maravilhosa, levanta, anima o restante dos torcedores. Então o papel é basicamente esse. (Torcedora Organizada 02)

A Torcida Uniformizada Os Imbatíveis realiza caravanas para as partidas em estádios fora de Salvador, entretanto, sabe-se que em alguns jogos e territórios a rivalidade é mais acirrada, o que pode gerar alguns riscos. Conforme uma das participantes, por questões de segurança, em anos anteriores, as mulheres não eram autorizadas a participar de algumas viagens, situação que vem sendo contornada nos tempos atuais.

Tem uns estádios que antigamente eles não levavam menina, porque tem a questão do reconhecimento, tinha que chegar lá pra saber como é o acesso [...] Mas vem essa questão de reconhecimento, precisam saber que território é esse, por segurança. [...] Mas hoje a maioria, acho que a grande maioria, mulher é autorizada sim. Um ou outro caso que escapa, quando vai pouca gente, se for um jogo mais complicado, porque sabe que vai ter, sabe que vai ter não, é passível de ter muito atrito, vai pouco menino. Os meninos evitam tá levando mulher, porque vai com a faixa [...] Mas hoje em dia tá muito fácil, até porque já conhecemos quase todos os estádios do Brasil, não todos, porque tem muito estádio de time pequeno que a gente não foi. Só que a maioria dos estádios dos times, das potencias dos times daqui do Estado, do Brasil, nacionais, serie a do brasileiro, serie b do brasileiro, nós conhecemos. Então é um pouco mais tranquilo de ir. (Torcedora Organizada 05)

Na fala da pesquisada anterior o trecho “os meninos evitam tá levando mulher, porque vai com a faixa...” expressa que aos homens caberia proteger não somente a faixa tão cobiçada pelos adversários, mas também as próprias torcedoras, ou seja, reforça-se a associação do gênero feminino à fragilidade e que necessita de proteção. Sobre isso, relata a entrevistada: “Essa questão de achar que a mulher é frágilzinha, que a mulher não vai guentar uma bombazinha, uma bomba de efeito moral, ou um *spray* de pimenta, que é tudo detalhe, tudo detalhe.” (Torcedora Organizada 01)

## 7.5 Rivalidades

A relação amigável com os próprios torcedores do Esporte Clube Vitória foi altamente destacada entre as torcedoras, sejam elas comuns ou organizadas. Já o relacionamento com os torcedores rivais apresentou distinção entre os dois grupos de entrevistadas.

As torcedoras comuns apontaram ter contato sim com torcedores adversários e que as discussões e brincadeiras acerca dos times são corriqueiras, mas sem maiores problemas. Neste sentido, afirma uma delas “Gosto da relação saudável com os torcedores rivais, da provocação, daquele clima divertido, nada de hostilidade. Gosto daquela coisa divertida mesmo. E um tira sarro hoje, o outro tira amanhã.” (Torcedora comum 08)

Por outro lado, no caso das torcedoras organizadas identificou-se que, boa parte, alegou buscar evitar o relacionamento com torcedores adversários, mas

especificamente os torcedores do Bahia, principalmente se estes forem torcedores organizados também. A afirmação da pesquisada exemplifica “Graças a Deus, não tenho contato... Com nenhum. Graças a deus. Amigo, parente, cachorro, nada, ninguém.” (Torcedora Organizada 02)

Os níveis de rivalidade ou (não) aceitação dos adversários variaram nas respostas, indo dos casos em que se permite um contato apenas com torcedores rivais não organizados aos casos mais extremos em que a torcedora não gosta de nenhum torcedor do Bahia.

Eu digo assim a você. Torcedor do Bahia é uma coisa. Agora torcedor de organizada ai já é outro vínculo completamente diferente. Torcedor do Bahia a gente brinca, perturba, fala normal. Mas de organizada [...]Nenhum. Nem se falar... Já chegou de ter mesmo amizade e descobrir que a pessoa era de organizada... Porque não dá pra conciliar. É uma coisa que não dá. (Torcedora Organizada 06)

Tem um cara mesmo que vive de touca do Bahia lá no trabalho. Eu odeio ele. Eu tenho ódio mortal por ele. É sério. Eu tenho uma raiva daquele cara. Que se ele morrer , deus que me perdoe, não vai fazer falta. É um peso na terra. E... eu tenho ódio. [...]Só que muitas pessoas, na minha rua tem Bamor e eu não falo. Tem muito vizinho que é Bamor e eu não falo. Então algumas situações até força que você tenha contato, só que eu evito. Sempre fui de evitar, sempre fui de evitar. Não gosto mesmo. [...]Eu não consigo ver as cores, eu tenho nojo. Eu tenho raiva mesmo, eu não sei que porra é. Eu não consigo. (Torcedora Organizada 01)

Dentro do contexto de rivalidades entre torcidas, identificou-se que duas torcedoras organizadas entrevistadas alegaram ter participado de episódios de confrontos físicos e verbais com grupos adversários, uma delas afirmou ainda ter sido presa uma vez. Conforme relata a mesma “Fui presa. [...] os caras chegaram meteram bomba e molotov na gente. [...] E eu comecei a pegar pedra pra meter nos caras. [...]Ai a polícia atirou pra cima e falou “queta”. [...]Chegou Record, TV de reportagem [...]” (Torcedora Organizada 01)

Ambos os relatos abaixo enfatizam uma situação curiosa: além de “sair na mão” com outras mulheres, duas pesquisadas que seguem afirmaram já terem se envolvido também em brigas com homens, agredindo e sendo agredidas pelos mesmos:

Já sai a vera na mão com outra integrante de torcida organizada. [...]Com mulher...Com homem já também. Risos. Sempre rola, né? De você tá vindo

pro jogo rolar uma pista e descer todo mundo e acontecer aquilo ali. Pista que a gente fala é briga. [...]Tem uns que não vão. Botam mulher pra ir. Mas tem uns que vão mermo. A gente tem que se defender. E quando a gente é marcada, tem muito tempo de torcida, a pessoa já conhece e tal, que você passa nos lugares e tal, eles já sabem. (Torcedora Organizada 06)

Já meteram bomba em mim. Torcida do Bahia, mas de 30 caras meteram várias bombas , mas porque eu sempre fui de brigar. [...]Já bati em muita mulher. [...]Eu já briguei com um cara, dois caras . [...] Muito cara já me ameaçou, já foi me pegar com arma na escola e me encurralar e tal. Mas porque eu sempre fui gaiata. Eu deixo claro isso, pra o pessoal não ficar pensando que “ah não , mulher de torcida...” Eu que sempre fui gaiata. Eu que sempre tive isso de honrar minha torcida. Então eu honrava de qualquer forma. O cara com a arma “ce é tui?” “sou TUI, sou TUI, sou TUI mesmo, quiser me matar me mate”. Ah tem uma menina de bamor eu chegava batia e tomava a camisa e a menina ficava de sutiã. Por isso que muita gente conhece, ta ligado? (Torcedora Organizada 01)

A necessidade de “honrar a torcida” destacada na fala anterior explicita que a relação dos torcedores organizados com o agrupamento pode ser vista como “dedicação, doação, sacrifício consistindo, também, na disposição para a luta, representada como uma obrigação moral que remete a representações sobre honra, coragem e poder” (TEIXEIRA, 2001, p. 22-23).

Vale ressaltar que os depoimentos das informantes chamam atenção para o fato de que a participação em situações de violência e atos transgressores não é uma prática compartilhada e executada pela maioria dos integrantes. O que acaba por desconstruir as generalizações de que todo torcedor organizado se encaixa no estereótipo de “violento”, “vândalo” ou “baderneiro”.

Rapaz. Eu não entro em nada não. Assim nessas rivalidades de... Num, num. Não gosto. Entendeu? Sou contra. Eu sou mais da paz. [...]Por que eu sempre quando fico sabendo que vai ter alguma coisa eu chego depois. Eu não gosto não. Eu tenho pavor de briga. (Torcedora Organizada 05)

Informa-se também que a diretoria da TUI possui um mecanismo de punição para os integrantes e sócios que não “respeitam a ideologia e hierarquia da torcida”, bem como participam de atos de vandalismo ou transgressões. As punições podem ir de suspensão por período determinado à expulsão definitiva da instituição.

Conforme Grossi (2004), a agressividade é um traço presente na constituição do modelo de masculinidade hegemônica da cultura brasileira, característica

identificada desde a infância e, principalmente, nas escolas, quando o comportamento agressivo dos meninos é confundido com hiperatividade. Neste contexto, percebe-se que o envolvimento dessas mulheres em episódios de confrontos físicos rompe com um comportamento esperado do gênero feminino e é capaz de gerar questionamentos e repreensão:

Em conversa, sua namorada disse que ele comentou que caso visse algum amigo corintiano sendo agredido iria entrar na briga. Ela então afirmou que se visse ele em briga iria “cair pra dentro” também para ajudá-lo e “o que tivesse na mão ia rumar”. Comentário dela que causou um pequeno desentendimento no casal quando o rapaz gritou logo “você é homem é, porra?”. (Diário de campo, 21/11/2010)

Ainda sobre as rivalidades entre torcidas organizadas, destaca-se um fato ocorrido com uma senhora, torcedora comum do Esporte Clube Vitória, que trajava a camisa da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis. A torcedora que não costuma frequentar o Barradão por motivos de saúde e dificuldades de locomoção ganhou uma camisa da torcida organizada e foi alvo da ação de torcedores adversários, juntamente com sua filha. Informa-se que o depoimento foi dado em uma conversa com a pessoa, não tendo sido realizada uma entrevista com a mesma:

Bem, como sabe recebi a camisa de presente e eu já tinha vestido em outros dias, lamentavelmente naquele domingo eu não sabia que teria jogo do Bahia [...]chegando na Estação encontramos com um grupo de torcedores da Bamor e eles queriam que eu tirasse a camisa, minha filha pediu a eles que me respeitassem por ser de idade e não pertencer a TUI, ela explicou que apenas estava com a camisa que teria ganho de presente. Eles foram embora e respeitaram, na volta que foi o pior, minha filha vestiu a camisa para eu não ter que passar por aquilo novamente e quando estávamos no ponto de LAPA, do outro lado desceu um grupo muito agressivo e quando avistaram minha filha, vieram para cima sem pena, sem educação e pareciam uns marginais, foi aí que começou o puxa estica, eles queriam deixar minha filha sem a camisa e diziam a todo momento que respeitasse a Bamor que eles eram os donos da estação. (Depoimento da torcedora)

Provavelmente sem conhecimento das práticas e comportamentos de alguns grupos de torcedores organizados, a torcedora não imaginou que utilizar os símbolos e vestimentas da TUI implicaria em alguma reação agressiva contra ela. O comportamento dos demais torcedores, “os donos do espaço”, relatado pela moça chama atenção também para a questão da territorialidade existente entre as torcidas organizadas, como já foi abordado no capítulo I, e também para a prática de “roubar”

o material dos rivais, exibindo-os posteriormente como troféus de uma “guerra” continuamente travada entre integrantes de torcidas organizadas.

As situações aqui abordadas expressam que o relacionamento entre torcidas “inimigas” é marcado por muita tensão, a rivalidade simboliza uma divergência e o encontro de grupos rivais pode significar confronto físico ou verbal. (TEIXEIRA, 2001)

## **7.6 A torcida e os veículos midiáticos**

As relações das torcedoras organizadas com a mídia e a imprensa esportiva baiana também foram investigadas. Três tipos de críticas foram identificadas no discurso das entrevistadas: a) a contribuição da mídia para a construção de uma imagem negativa da torcida organiza; b) a falta de valorização dos times nordestinos; c) reclamação sobre a parcialidade de alguns veículos de comunicação da imprensa baiana, vistos como “tricolor” (cores do maior rival: o Bahia).

Os relatos abaixo destacam que a mídia possui papel fundamental no processo de consolidação de uma opinião pública que faz o torcedor organizado ser visto como um sujeito desordeiro. A fala que segue enfatiza a composição heterogênea da torcida, evitando generalizações.

A mídia que faz com que as pessoas pensem isso. Que torcida organizada é só vagabundo. Tem professor de faculdade aqui... Pessoas que trabalham, que estudam, que tem família... Que tá aqui. Que é de torcida organizada. Há mais tempo até que eu, entendeu? (Torcedora Organizada 06)

A próxima fala atenta ainda para a intenção midiática em divulgar apenas notícias de atos violentos e transgressões entre torcedores organizados. As fontes que servem e interessam à mídia sensacionalista normalmente são aquelas que vendem mais a violência:

A imprensa só pode falar quando fulano brigou com cicrano e as confusões nas porta do estádio. A gente já fez muitas ações sociais bacanas e legal . Já pediu espaço e sempre as portas são fechadas pela imprensa. Por qual

motivo? É interessante também divulgar, a gente divulgar o lado bom, porque é esse exemplo que a gente quer passar pros nossos componentes, né? Pros componentes da torcida, as pessoas mais jovens que tão chegando agora, que gosta de uma bagunça, uma muvuca, e tal. Então o lado negativo da imprensa é que não tem esse espaço, nenhum. Então essa é a crítica. (Torcedora Organizada 02)

Neste sentido, percebe-se que a “mídia ao noticiar os crimes o faz com mensagens que comportam muita ambivalência, pois ao tempo em que condenam a violência, operam a sua transformação em mercadoria de consumo e sensacionalismo” (PAES MACHADO; NORONHA, 2002, p. 642).

Conforme destaca Pimenta (2000), a violência entre agrupamentos organizados de futebol ganhou espaço significativo na agenda social e política, especialmente nos meios de comunicação de massa, “parecendo assumir o epicentro das preocupações do poder público e do homem contemporâneo.” (PIMENTA, 2000, p.122) Entretanto, esse fenômeno merece ser observado e investigado “por outros ângulos cada vez menos policiaiscos ou midiáticos, para evitar que seja utilizada, apenas, como cenário de “espetáculo” e “banalização” humana.” (PIMENTA, 2000, p.122)

Sobre outras críticas encontradas no discurso das torcedoras organizadas, destaca-se a questão da alta valorização dos times do sul e sudeste do país por parte da mídia, em detrimento das equipes nordestinas: “Acho a imprensa fraca. Poderia dar mais valor aos times baianos.” (Torcedora Organizada 03) Comumente os internautas e torcedores de times do Nordeste lançam campanhas nas redes sociais buscando valorizar a região e suas respectivas equipes. Muitas vezes os nordestinos que torcem para “times de fora” são mal vistos e colocados como “paga pau” e “alienados pela mídia”.

A faixa com os dizeres “vergonha do nordeste” já foi colocada algumas vezes no Barradão com uma seta que apontava para a torcida visitante, dando destaque a quantidade de torcedores baianos, que estavam indo ali, para assistir e apoiar os times do eixo Rio- São Paulo, por exemplo.



Figura 17: Campanha de torcedores buscando valorizar os times nordestinos

A reclamação sobre uma suposta parcialidade de algumas emissoras televisivas locais também aparece no discurso das entrevistadas. Conforme afirma outra torcedora: “A Globo é literalmente Tv de Tricolor. É visivelmente tricolor.” (Torcedora Organizada 06)

### 7.7 A torcida e os policiais

Com relação ao policiamento dos estádios, duas torcedoras organizadas destacaram que após a criação do Batalhão Especializado de Policiamento em Eventos (BEPE) da Polícia Militar da Bahia, em 2012, passou a existir um contato e um relacionamento diferenciado entre a instituição policial e os torcedores organizados:

A polícia, criaram o BEPE que é o batalhão de operação especiais e tal, tá se organizando, nesse objetivo principal de evitar a violência, tumulto, confusão e tal. [...] vai melhorando, criou esse batalhão especial ai, pra trabalhar em cima só das torcidas organizadas e automaticamente diminuir esse índice de violência, evitar confusão, essa questão toda. (Torcedora Organizada 02)

Por outro lado, foram encontradas muitas narrativas que fazem alusão às agressões cometidas por policiais contra os torcedores organizados. O despreparo, uso desnecessário da força autorizada pelo Estado e abuso de poder são aspectos apontados nos depoimentos das entrevistadas. Ressalta-se também que o processo de estigmatização sofrido por integrantes de torcidas organizadas também é espelhado na forma com que os mesmos são tratados e abordados por muitos policiais, conforme destaca alguns relatos:

Tipo a polícia, não só baiana, mas a polícia brasileira é ridícula. Existe uns resquícios ainda, muito vivos, da ditadura militar. Esses caras acham que tem o poder de fazer o que eles querem, de bater em quem eles querem a hora que eles querem. Usar do poder, usar e abusar do poder. E eu sempre fui absolutamente contrária. Então os caras acham que torcida organizada é marginal e metia a porra nos meninos sem motivo. (Torcedora Organizada 01)

Eles são muitos grossos. Eles são muito generalistas. Todo lugar tem vagabundo até na família vai ter. Eles generalizam. Eles agridem. Tem policiais que já cismam, procuram encrenca. Já grava a cara da pessoa e todo jogo fica procurando encrenca. Procurando algum motivo pra prender, pra bater. Já chegou de componente nosso apanhar de policial, sem nem fazer nada, entendeu? É precário. É por isso que outros estados, a única torcida po, que respeita policial em estádio é a gente po. Porque fora daqui do estado da Bahia eu vejo torcedor bater de policial. Ai é isso. É complicado. (Torcedora Organizada 06)

Já presenciei no Barradão um pm que rasgou a camisa de um integrante da TUI. Rasgou o Ingresso dele e ainda deu um tapa no rosto só porque o menino tava sem a carterinha pra entrar no estádio e o menino falou que ia tirar a blusa pra entrar. (Torcedora Organizada 08)

Além do depoimento das entrevistadas, os desabafos virtuais das torcidas organizadas com relação a tais situações também são recorrentes. A nota que segue foi publicada pela diretoria da organização, no perfil oficial da TUI, no Facebook:

Somos marginalizados e tratados como bandidos, pela imprensa, polícia e sociedade. Será que com as cenas de manifestantes do bem, sendo agredidos gratuitamente fará com que a sociedade entenda um pouco o quanto sofremos?!?! Você que julga todos os torcedores organizados como vagabundos, baderneiros, já parou pra pensar que em nosso meio, apenas uma pequena parcela não condiz com o comportamento aceito pela sociedade?!?! Que você não passava de um babaca chamando pais de família, trabalhadores e pessoas do bem que torcem pelo seu time, de marginais por causa do comportamento inadequado de alguns?!? PAREM PRA PENSAR. Vagabundo tem em todo lugar, até dentro da igreja. (Postagem do Facebook Oficial da TUI)

O descrédito e a desconfiança que recai sobre os policiais militares decorrentes das atitudes percebidas como truculentas e abusivas colaboram para que eles sejam identificados por muitos torcedores organizados como agentes repressores não protetores.

Em um dos jogos foi possível presenciar uma cena dentro do estádio envolvendo um grupo de torcedores organizados e dois policiais militares. Os policiais exigiam a

retirada de uma bandeira de uma torcida aliada da arquibancada destinada à TUI, enquanto os integrantes tentavam conversar calmamente e evitar a retirada. Um dos policiais se exaltou (não houve agressão física, mas ele encarava um dos rapazes e falava de forma ríspida e grosseira) chamando a atenção dos demais torcedores que estavam presentes no local. Após retirar o material e subir as escadas para ir embora, ainda exaltado, o policial comentava em tom alto, como se justificasse a forma com que agiu proferindo “esses caras só respeitam assim, esses caras são ousados, só respeitam assim”. (Diário de Campo, 12/10/2013)

Becker (2008) destaca que os policiais ou, nas suas palavras, os “impositores de regras”, consideram ser imprescindível que as pessoas com quem lidam os respeitem. Caso contrário, o trabalho dos mesmos será realizado com mais dificuldade e o sentimento de segurança será prejudicado, entretanto, conforme cita ao apresentar um estudo sobre policiais realizado por Wesley (s.d), os meios para impor respeito aos outros nem sempre são legais, como ocorre nos casos de abusos policiais ou violência policial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas observações de campo realizadas no Estádio Manoel Barradas e arredores, entrevistas com torcedoras organizadas e comuns e consultas a sites/blogs e redes sociais, a pesquisa procurou ampliar o conhecimento sobre a participação ativa das mulheres torcedoras na cultura futebolística brasileira. Buscou-se um melhor entendimento acerca da participação feminina do universo específico da torcida organizada, bem como da inserção das torcedoras em geral no ambiente futebolístico.

O estudo evidenciou o estádio de futebol como um local que guarda suas ambiguidades. Se por um lado ele proporciona a seus frequentadores sensações de prazer, excitação, momentos de diversão e oportunidades de extravasar as emoções reprimidas do cotidiano, é também capaz de colocá-los em situações que oferecem riscos e despertam medo, conforme foi perceptível nos relatos das torcedoras aqui entrevistadas. Observou-se que os desvios de conduta e transgressões são comuns neste ambiente, isto é, determinadas atitudes e comportamentos que dentro dele são permitidas, autorizadas e até mesmo exaltadas, em outros locais seriam passíveis de censura. Não querendo dizer com isso que dentro do estádio “pode tudo”, ao contrário, dentro dele, deve-se saber o quê e quando falar, como e quando fazer. Além disso, a pesquisa traz evidências de que o estádio de futebol, enquanto arena de disputa e competição composto essencialmente por homens, aparece como um local em que os indivíduos podem atualizar elementos constitutivos da produção hegemônica de masculinidade, sem maiores questionamentos. Os estádios aparecem como “templos da expressão da masculinidade” (ANDRADE, 2004, p.132).

Ao apresentar e buscar compreender algumas das características da torcida organizada escolhida, afirmou-se que o agrupamento guarda suas peculiaridades e as redes de sociabilidade existentes entre os seus membros diferem, em diversos aspectos, daquelas estabelecidas pelos demais torcedores dos estádios. Por trás do espetáculo visível promovido pela torcida organizada nas arquibancadas e das notícias recorrentes de violência entre seus integrantes há toda uma teia de relações que rege o funcionamento da organização e são referentes identitários à vida dos

seus participantes, dimensão ainda pouco conhecida por aqueles que não a integram.

Ao tentar compreender a fala e a linguagem da torcida identificou-se como no ambiente futebolístico, em especial no estádio, a referência à figura feminina e homossexual possui uma conotação pejorativa e é tida como uma forma de ofender e inferiorizar o rival, o juiz ou qualquer outro agente que esteja incomodando o torcedor de alguma maneira. As expressões negativas, os xingamentos, os cânticos e gritos de guerra largamente utilizados pelos torcedores, na sua grande maioria, enaltecem os atributos de força e virilidade, ao passo que buscam desqualificar os oponentes atribuindo aos mesmos à passividade sexual, fraqueza ou a falta de características vistas como masculinas, como a coragem e disposição para a luta. A fala e a linguagem dos torcedores trazem à tona e colocam em evidência os códigos de masculinidade e sexualidade, além de conterem um teor altamente machista e homofóbico. Entre as formas de agressões verbais direcionadas às torcedoras entrevistadas, quase sempre estão presentes expressões como “putas”, “vagabundas”, “vadias”. Destacou-se também uma série de atitudes corriqueiras tomadas pelo público masculino que podem desencorajar muitas mulheres a participar dos espetáculos futebolísticos, podendo citar como exemplo, a colocação das mesmas em posição de objeto sexual.

Outros entraves para a inserção das mulheres no ambiente futebolístico foram identificados e abordados no decorrer do trabalho. Foi possível perceber como a figura feminina é tantas vezes colocada pelo discurso midiático (propagandas e comerciais) como mais um elemento de diversão dos homens, colocando-a, por exemplo, como parte integrante do tripé “mulher, cerveja e futebol” ou das duas paixões nacionais (mulher e futebol ou futebol e mulher). A própria estrutura dos concursos de musas das torcidas, ensaios sensuais e, até mesmo a presença exclusiva de animadoras do sexo feminino nos estádios, colabora para construir um espaço altamente agradável aos olhos e ao gosto do público masculino.

Verificou-se que existe ainda uma dificuldade em se enxergar as mulheres presentes nas arquibancadas como torcedoras e só. Há uma constante busca e exaltação dos atributos físicos das mesmas como se consistissem em elementos decorativos dos estádios de futebol, sendo recorrentes os comentários de que elas estariam ali

embelezando o espetáculo e as arquibancadas, reforçando, portanto, a associação do gênero feminino com a beleza e a graciosidade.

O estudo apontou também como a presença feminina no futebol é marcada por uma série de estereótipos (“marias-chuteiras”, “mulher não entende de futebol” etc.) o que acaba gerando uma necessidade de afirmação constante por parte de muitas torcedoras que se consideram “verdadeiras” e “autênticas”. As mulheres ainda precisam provar que estão ali porque gostam e entendem do assunto, ao passo que para os homens não existe tal exigência.

Foi possível perceber como os longos anos de predomínio masculino no esporte deixou suas marcas e as mulheres que andam pelos caminhos do futebol ainda convivem com o preconceito e ainda presenciam muitos torcedores proferindo no estádio as famosas máximas (“lugar de mulher é na cozinha”, “vai lavar as calças”, “só podia ser mulher”), sinalizando a existência de um pensamento arcaico e que pretende distanciar as mulheres do espaço “deles”. Somado a isso, a pesquisa evidenciou que ainda recai dúvidas sobre a feminilidade das apreciadoras do futebol, ou seja, com a sua incorporação ao gosto por um esporte que, por muito tempo, não fez parte da lista de esportes “adequados” para as mulheres, estas seriam tachadas de “sapatão”, “marias-joão”, “mulher-homem” etc.

Se ainda existem concepções que acreditam que “mulher” e “futebol” são elementos incompatíveis, as entrevistadas provaram exatamente o contrário. Motivadas, na grande maioria, a adentrar o universo da torcida organizada pela vibração e gosto pelo espetáculo proporcionado pela mesma dentro do estádio, as entrevistadas apresentaram um alto grau de envolvimento com o clube e com a própria organização, derrubando a ideia de que “futebol é coisa de homem”. Identificou-se que o peso e a representação do time e da torcida no dia a dia dessas mulheres vão além de uma mera diversão.

O ato de torcer e de “ser torcedora” perpassa o momento específico do jogo e passa a compor a vida, o lazer e a identidade das mesmas. Além de torcedoras do Esporte Clube Vitória, elas são também torcedoras organizadas e integrantes da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, o que confere um caráter diferenciador, uma vez que fazer parte de uma torcida organizada requer um comportamento específico, uma série de compromissos e novas responsabilidades em prol do time e da instituição,

como foi possível perceber nos relatos das torcedoras que compõem a Bateria da TUI. Amar e apoiar incondicionalmente o clube de futebol, incluindo as viagens pelos vários estádios brasileiros, honrar a torcida e ter garra, coragem e disposição são indispensáveis para elas. A disposição, categoria nativa, é entendida como atitude e iniciativa para participar ativamente da torcida, “dando sangue” pela organização, apoiando o clube incondicionalmente, mas também é compreendida como:

[...] uma característica que, a um só tempo, confere dignidade a quem possui, angaria respeito entre os pares e imputa temor nos inimigos. A disposição é também coragem que se solidariza com a guerra do outro, coragem de se arriscar pelo companheiro [...] (RIBEIRO, 2011, p. 59)

Como já foi dito, o estudo apontou que nos últimos anos houve a entrada de algumas meninas na Bateria da torcida, local de prestígio na instituição, além disso, a própria criação do Comando Feminino, núcleo formado por mulheres da torcida, já representa um avanço neste espaço formado majoritariamente por homens. Entretanto, verificou-se que os cargos e funções mais altas da torcida são ocupados, exclusivamente, por integrantes do sexo masculino, o que permite afirmar que ainda existem muitos espaços a serem alcançados, não somente dentro do universo das torcidas organizadas, mas no ambiente do futebol brasileiro em geral.

Outro ponto abordado no trabalho foi à questão das rivalidades que parecem se tornar mais acirradas quando se é integrante de uma torcida organizada. As torcedoras organizadas relataram que preferem evitar o relacionamento com torcedores rivais e que nem sempre a convivência é boa, havendo, inclusive, a participação de algumas em episódios de confrontos físicos.

A pesquisa detectou ainda que o processo de rotulação a que estão submetidos os torcedores organizados gerou obstáculos para a inserção das mulheres na organização, uma vez que ocorreu resistência por parte dos familiares frente à entrada das mesmas na torcida. Uma reclamação frequente por parte das torcedoras é a de que os veículos midiáticos contribuem para a formação de uma opinião pública que coloca os membros de torcidas organizadas como “desviantes,” , “marginais”, “vândalos” e “desordeiros”. Em relação ao policiamento no estádio, as críticas foram, em grande maioria, negativas. Queixas acerca da forma de

abordagem e abuso da força policial, principalmente contra torcedores organizados, ressaltaram o despreparo dos policiais e também o peso da estigmatização já citada.

A título de conclusão, os resultados da pesquisa permitem afirmar que uma série de atitudes e atributos exaltados entre as entrevistadas, inclusive, o próprio fato de dedicar uma grande boa parte da vida ao futebol e ser integrante de uma torcida organizada, já caminha na direção oposta do que foi (ou ainda é) “incentivado” para as mulheres na sociedade brasileira. Pode-se perceber, portanto, que as torcedoras estão modificando expectativas esperadas do gênero feminino, ou seja, os atos e comportamentos das mesmas estão, de certa forma, contribuindo para reconfigurar e reconstruir nesse universo as representações do que é feminino e masculino, do que é adequado ou não para determinado gênero. Em outras palavras, as torcedoras contradizem noções de feminilidades ainda predominantes e culturalmente aceitas como ideais. Ao desenvolver a paixão pelo futebol, elas acabam transgredindo o que convencionalmente se considerou como próprio do seu gênero e de seu comportamento na esfera pública (COSTA, 2007).

Entretanto, não se pode desconsiderar que, em outras situações, algumas delas também contribuem para “reforçar estereótipos e preconceitos outrora criados pelos homens e introjetados e reforçados pelas próprias mulheres” (CAMPOS; AUGUSTO; SILVA, 2010. p.8). Elas compartilham, em muitas ocasiões, cânticos, “piadas” e expressões já “naturalizadas” no universo futebolístico que desqualificam, na verdade, as mulheres, e não os adversários como se pretende, isso ocorre com as torcedoras comuns e integrantes da TUI. Muitas vezes, “elas se moldam aos padrões masculinos de modo a não questionar nem os preconceitos, nem as regras que o regem, expresso em atitudes, piadas, comportamentos, posturas corporais e discursos” (GOLLNER 2005, p.149).

Faz-se necessário compreender que ainda existem muitos espaços a serem conquistados e resignificados pelas torcedoras no futebol brasileiro, inclusive no universo da torcida organizada. Sendo assim, o presente trabalho, longe de pretender esgotar a temática, busca contribuir, provocar e abrir ainda mais o leque para repensar questões acerca do papel e do lugar das mulheres, enquanto torcedoras, no esporte mais popular do país e as relações de gênero que aí estão imbuídas. Além disso, tenta-se também instigar a discussão acerca de temas que

apareceram de forma secundária no decorrer do estudo, mas que possuem relevância e precisam ser repensados. Como é o caso da segurança dos estádios de futebol do Brasil, incluindo os episódios de violência, não somente entre torcedores rivais, mas entre policiais e torcedores.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Renato. **O jogo duro das torcidas**: identidade e dramaturgia masculina na violência dos torcedores de futebol de Salvador. 2004. Dissertação ( Mestre em Saúde Pública) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes Machado

APÓS “selinho” e protesto, polícia pede explicações a Emerson e torcedores. **UOL**, São Paulo, 23 ago. 2013. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2013/08/23/apos-selinho-e-protesto-policia-pede-explicacoes-a-emerson-e-torcedores.htm>> Acesso em: 9 out. 2013.

BANDEIRA, GUSTAVO. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 44, p.342-351, maio/ago. 2010.

BAUER, Martin. “Análise de conteúdo clássica: uma revisão”. In: BAUER, Martin W (Org.). **Pesquisa qualitativa com som, imagem e texto**. 3ª ed. Vozes, Petrópolis, p. 189-221, 2004.

BECKER, Howard. Empreendedores morais. In: \_\_\_\_\_ **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008. Cap 8, p. 153-167

BECKER, Howard. Outsiders. In: \_\_\_\_\_ **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008. Cap 1, p. 1-30

BENTO, Berenice. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas : Revista de Estudos Gays**, v. 3, p. 95-112, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2010. 160p.

CADENA, Nelson. A moda nos estádios baianos: um retrato de época. **Ibahia**, 17 out. 2012. Disponível em: <<http://www.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2012/10/17/a-moda-nos-estadios-baianos-um-retrato-de-epoca>> . Acesso em: 9. Dez. 2013.

CAMPOS, Priscila; AUGUSTO, Izabela; SILVA, Sílvia. A relação entre as torcedoras de futebol e o Estádio em Belo Horizonte. Minas Gerais, IN: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 9., 2010, Santa Catarina. **Anais eletrônicos...** Santa Catarina: UFSC, 2010 Disponível em <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276549001\\_ARQUIVO\\_arela-caorentorcedorasdefuteboleoestadioembelohorizonte.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276549001_ARQUIVO_arela-caorentorcedorasdefuteboleoestadioembelohorizonte.pdf)> . Acesso em: 8 ago. 2013.

CAMPOS. Priscila. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. 2010. 142 f. Dissertação ( Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

CAPPELLANO, Renata. **O torcedor de futebol e a imprensa especializada**. Juiz de Fora: UFJF, 1999, p. 28-29.

CONNEL, Robert. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**. 20(2): 185-296 jul/dez. 1995

COSTA, Leda Maria . O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, v. 2, p. n. 4, 2006.

COSTA, Leda Maria. Marias Chuteiras X Torcedoras “autênticas”: Identidade feminina e futebol. Encontro Regional de História, 12. 2006, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Leda%20Maria%20da%20Costa.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. Ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ NETO, Otávio. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14a. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p 51-66.

DAMATTA, R. Futebol: Opio do povo x Drama de Justiça Social. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo,v. 1, 4, p. 54-60, nov. 82

DAMATTA, Roberto. Republicação: Tem Pente Aí? Reflexões sobre a Identidade Masculina. **Enfoques** – Revista eletrônica dos alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ, v, 9, n.1, ago. 2010, p. 134-151

DAMO, Arlei Sander. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, p. 45-72, jul./dez. 2012.

DAMO, Arlei Sander. As dramatizações do gênero numa configuração futebolística. In: Seminário Fazendo Gênero, 7., 2006, Santa Catarina. **Anais eletrônicos...** Santa Catarina: UFSC, 2006. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Arlei\\_Sander\\_Damo\\_21.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Arlei_Sander_Damo_21.pdf). Acesso em: 9 out. 2013.

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005. Orientador: Prof. Dr. Ruben George Oliven

DAOLIO, Jocimar . A Violência no Futebol Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 6, p. 59-62, 1992.

DAOLIO, Jocimar. As Contradições do Futebol Brasileiro. **Revista Eletrônica Educacion Fisica y Deportes**, v. 10, 1998.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. Cap 10. , p. 389-412.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**. Ano 5. 2 semestre, p. 321-348, 1997

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 41.

FRANCESCHINI, Gustavo. Gaviões se reúne com Emerson; jogador teria dito "não ser são-paulino". **UOL**, São Paulo, 23 ago. 2013. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/08/23/lideres-de-organizada-vao-ao-corinthians-e-fazem-reuniao-com-emerson.htm>> Acesso em: 9 out. 2013.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. L&PM Editores. 2004

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto e som: manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 64-89.

GOELLNER, SILVANA. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005 . 143

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14a. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 67-80.

GROSSI, Mirian . Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 1-18, 1998. (Versão revisada - 2010)

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, n.1, p. 4-37, 2004.

HANSEN, Viviane. **Torcida Organizada Os Fanáticos: relacionamentos e sociabilidade**. 2007. 101 f. Dissertação ( Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Orientador: Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli

HITA, Maria Gabriela. . Gênero, Ação e Sistema: a reinvenção dos sujeitos. **Lua Nova** , São Paulo, v. 43, n.43, p. 109-130, 1998.

RIBEIRO, Josiane. 'Disposição': o lugar da corporalidade nas lógicas de classificação e de atuação das torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I.. **Revista de Ciências Sociais** (UFC), v. 42, p. 50-63, 2011.

LOURO, Guacira. A emergência do gênero. In\_\_\_\_\_. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1997, Cap. 1, p.14-37.

LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. In\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000, Cap.1, p. 7-35.

MARTINS, Guarcira. A arte no contexto da diversidade cultural. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, PontaGrossa,v.4,n.2,p.164- 172,ago./dez.2013.

MENEGOTTO, Francine. **Que rosa que nada, elas usam é azul!** : Um estudo sobre a participação feminina na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. 2011, 61 f. Monografia ( Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo

MONTEIRO, Rodrigo de Araujo. **Torcer , lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra!**: uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência- Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 56

MOURA, Eriberto. As relações entre lazer, futebol e gênero. 125f. 2003. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy Reis

MP irá assinar TAC com torcidas organizadas. **Bahia Notícias**, [S.l.], 26 jan. 2011. Disponível em: < <http://www.bahianoticias.com.br/justica/noticia/40732-mp-ira-assinar-tac-com-torcidas-organizadas.html>> . Acesso em: 9 out. 2013.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol:** dos estudos clássicos aos dias de hoje – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 15-21

NORONHA, Ceci Vilar; DALTRO, Maria Esther. A violência masculina é dirigida para Eva ou Maria?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 2, Jun 1991 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X1991000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1991000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 Jan. 2014.

NORONHA, Ceci Vilar; PAES-MACHADO, Eduardo. Pelos filtros de Circe: Violência, insegurança e controle social na mídia impressa. **Espacio Abierto**, v.11, n. 4. p. 639-663, 2002.

PEREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 1, Abr. 2006 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493132006000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132006000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 Out. 2013.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. “Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas”. In: ALABARCES, P.(org.) **Futbologías: fútbol, identidade y violência em América Latina**. Buenos Aires: Clacso, p. 39-55, 2003.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo Perspec.** v.14, n.2, p. 122-128, 2000.

PRECONCEITO? 62,81% dos internautas dizem não aceitar gays em seu time. **Sportv**, Rio de Janeiro. 20 ago. 2013. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/redacaoportv/noticia/2013/08/preconceito-6281-dos-internautas-dizem-nao-aceitar-gays-em-seu-time.html>> Acesso em: 9 out. 2013.

QUIVY, Raymond e Campenhoudt, Luc Van . **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 2005.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida. Campinas, 1998. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Orientador: Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, territórios e identificações**: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I. 2010. 213f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2010. Orientadora: Profa. Dra. Irllys Barreira

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SARDENBERG, Cecília; MACEDO, Márcia. Relações de Gênero: uma breve introdução ao tema. In: COSTA, A.A.; RODRIGUES, A.T. VANIN, I.M. (org.) **Ensino e gênero: perspectivas transversais**. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher/UFBA, 2008

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TEIXEIRA, Rosana da Camara. Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualizações. **Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-26, 2006.

TEIXEIRA, Rosana da Camara. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas**. Rio de Janeiro, PPGSA/IFCS/UFRJ, 1998. (Dissertação de Mestrado) p.134-135

TEIXEIRA, Rosana da Camara. Torcida Jovens: Entre a festa e a briga. **Antropolítica**. Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. Universidade Federal Fluminense: Niterói, Eduff, 1o/2o semestres 2001, p. 85-104.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores de futebol? **Cadernos de Campo**, n. 3, p.20-29, 1993.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996a (Coleção Educação Física e Esportes)

WELZERLANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Revista de Estudos Feministas**, vol. 9, n. 2. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2001. p. 460482.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - Roteiro para entrevista com torcedoras integrantes da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis**

Idade:

Escolaridade:

Bairro:

Ocupação:

### **Participação na Torcida**

- 1) Há quanto tempo faz parte da torcida organizada e quais os fatores e motivações que a levaram a adentrar na organização?
- 2) Qual a representação do Esporte Clube Vitória em sua vida? E a Torcida?
- 3) Com que frequência participa dos jogos e eventos proporcionados pela torcida organizada?
- 4) Quais as funções e papéis que você desempenha dentro da organização?
- 5) Você enfrentou/enfrenta obstáculos e preconceitos para se inserir no universo futebolístico, incluindo a torcida organizada?

### **Relacionamentos**

- 6) Como é seu relacionamento com os integrantes da TUI e torcidas aliadas?
- 7) Como é o seu relacionamento com torcedores e torcedoras comuns?
- 8) Como é seu relacionamento e qual sua opinião sobre as mulheres chamadas de “marias-chuteira”?
- 9) Como é o seu relacionamento com torcedores rivais organizados e “comuns”?
- 10) Como é o relacionamento com a imprensa baiana e a polícia?

## Vitimização

- 11) Já passou por situações desagradáveis nos estádios de futebol? Como foi, por favor, dê um exemplo.
- 12) Já foi xingada ou ofendida moralmente? Como foi?
- 13) Já foi assediada ou constrangida pelo público masculino no estádio?
- 14) Já participou/presenciou algum confronto, físico ou verbal, com outros torcedores(as) ou jogadores?
- 15) Já participou/presenciou algum confronto, físico ou verbal, com a Polícia? V. pode descrever como foi esse evento?

## **APÊNDICE B - Roteiro para entrevista com torcedoras comuns do Esporte Clube Vitória**

Idade:

Escolaridade:

Bairro:

Ocupação:

### **Participação no futebol**

- 1) Quando começou a ir aos estádios de futebol e com que frequência vai aos jogos?
- 2) Quais os fatores e motivações que a levaram a frequentar os estádios de futebol?
- 3) Você enfrentou/enfrenta obstáculos e preconceitos para se inserir no universo futebolístico?
- 4) Qual a representação do Esporte Clube Vitória em sua vida?
- 5) Já pensou em fazer parte de uma torcida organizada? Por que não faz parte?

### **Relacionamentos**

- 6) Como é seu relacionamento com outros torcedores e torcedoras do seu clube?
- 7) Como é seu relacionamento com os integrantes da TUI?
- 8) Como é seu relacionamento e qual sua opinião sobre as mulheres chamadas de “marias-chuteira”?
- 9) Como é seu relacionamento com torcedores e torcedoras rivais organizados e comuns?

## Vitimização

- 10) Já passou por situações desagradáveis nos estádios de futebol? Como foi, por favor, dê um exemplo.
- 11) Já foi xingada ou ofendida moralmente? Como foi?
- 12) Já foi assediada ou constrangida pelo público masculino no estádio?
- 13) Já participou/presenciou algum confronto, físico ou verbal, com outros torcedores(as) ou jogadores?
- 14) Já participou/presenciou algum confronto, físico ou verbal, com a Polícia? V. pode descrever como foi esse evento?

**APÊNDICE C - Roteiro para entrevista com a fundadora do Comando Feminino da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis**

Idade:

Escolaridade:

Bairro:

Ocupação:

- 1) Como se deu o surgimento do Comando Feminino da TUI?
- 2) Quantas meninas fazem parte do CMDF?
- 3) Existe algum critério para se tornar membro do CMDF?
- 4) Qual a importância e o papel do CMDF para a torcida e o que mudou depois do surgimento dele?
- 5) Qual o símbolo do CMDF e o seu significado?
- 6) As mulheres podem participar de todas as caravanas e eventos da torcida?
- 7) Em sua opinião, qual o papel e importância da torcida organizada?

## APÊNDICE D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A Senhora é convidada a participar da pesquisa “Futebol é “coisa para homem”? Um estudo sobre a participação feminina no universo da torcida organizada”, que está sendo desenvolvido na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, com trabalho de campo a ser realizado pela pesquisadora Juliana Campos Maltez, sob orientação da Prof. Dr. Eduardo Paes Machado.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a participação feminina na Torcida Uniformizada Os Imbatíveis do Esporte Clube Vitória em Salvador-BA, bem como visa compreender de que forma se deu a inserção e participação de mulheres como torcedoras organizadas ou comuns, em um ambiente considerado amplamente masculinizado.

A Senhora pode ou não participar da pesquisa. Se quiser participar, deverá estar disponível para a realização da entrevista no dia e hora acordados entre pesquisadora e entrevistada. Se optar por participar, mas mudar de ideia durante a pesquisa, poderá interromper a entrevista a qualquer momento sem se desculpar. Isto não afetará sua relação com as pessoas que fazem parte da pesquisa.

A sua entrevista será gravada, e armazenada sob a responsabilidade da pesquisadora e assumimos o compromisso de que o anonimato sobre sua identidade e opiniões será mantido sob quaisquer condições. Os resultados da pesquisa serão utilizados em fóruns científicos e futuras publicações, preservando a identidade dos sujeitos entrevistados. Caso sinta necessidade de outras informações, contatar com Juliana Campos Maltez pelo telefone (71)8822-3703.

Declaro estar ciente dos objetivos, usos e condições dessa entrevista e aceito dela participar voluntariamente.

Salvador, \_\_ de \_\_\_\_\_ 2013

Entrevistadora

Entrevistada